John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

Nº

TRATADO
DA
EDUCAÇAÕ FYSICA
DOS MENINOS,
PARA USO
DA
NAÇAÕ PORTUGUEZA
PUBLICADO POR ORDEM
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

POR
FRANCISCO DE MELLO FRANCO,
MEDICO EM LISBOA,
CORRESPONDENTE DO NUMERO
DA MESMA SOCIEDADE.

Veritatem cum eis ipsis qui docent quærimus. Seneca.

LISBOA
NA OFFICINA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.
ANNO M. DCC. XC.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral, sobre o Exame, e Censura dos Livros.

ARTIGO

EXTRAHIDO DAS ACTAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS,

da Assembléa de 1 de Outubro de 1789.

TEndo sido appresentado á Academia, pelo seu Correspondente do Numero, e Membro da Commissaõ para o adiantamento da Medicina Nacional, Francisco de Mello Franco, o Tratado que tinha composto de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, julgou a Academia que era digno de ser impresso á sua custa, e debaixo do seu Privilegio.

JOSÉ CORRÊA DA SERRA

Secretario da Academia.

PREFACIO.

COmo Medico, e como pai de familias, revolvi quantos livros pude descubrir sobre a Educaçaõ fysica, ou corporal das crianças. Li com attençaõ, observei com miudeza, e meditei por muito tempo. Da liçaõ conclui, que os Authores naõ só se encontravaõ em muitos pontos essenciaes, querendo cada hum sua cousa; mas que nenhum tinha feito sobre este assumpto hum Tratado, que nada omittisse do essencial, e que désse ás materias a devida extensaõ. Pela observaçaõ conheci, que em Portugal ha abusos, e desvarios no modo de tratar as crianças. Por meio da meditaçaõ fiz hum systema proprio, servindo-me das idéas de todos, sem seguir mais do que aquellas que a minha razaõ, e observaçaõ confirmavaõ, augmentando, alterando, e inovando. Vendo pois que em Portuguez nada ha escrito a este respeito, e que esta falta he de summa consideraçaõ, já pelo que pertence a cada hum dos particulares, já pelo que influe na Sociedade em geral, lembrei-me de dar ao Público o fructo da minha liçaõ, e meditada observaçaõ; e a minha lembrança foi ratificada pelo parecer de alguns meus amigos de tanta probidade, como saber.

He para admirar, quanto se tem affastado a especie humana dos caminhos da natureza no modo de crear a sua descendencia: e he muito mais para lamentar, que alguns pais hoje em dia taõ pouco tomem a peito a saude, e ainda mais, a existencia de seus filhos. Todos os animaes, guiados só pelo simples instincto, a cada passo nos estaõ dando liçoes sobre as obrigaçoes dos pais, e das mãis. Mas que humiliaçaõ naõ devem causar á soberba dos homens, que se denominaõ Reis de quanto vive na terra, as liçoes de huns entes, a que chamaõ irracionaes; de quem todavia podem aprender a ter-

a ternura, a juſtiça, e outras muitas virtudes! Para confundir pois a noſſa eſpecie naõ he preciſo mais, que lançar os olhos para qualquer das claſſes dos animaes que nos ſaõ mais familiares. Obſerve-ſe, por exemplo, como huma gallinha procede. Quando chega o tempo da poſtura, buſca hum lugar retirado para nelle preparar o ninho mais macio que póde: acabada eſta, ſacrifica-ſe ao pezado trabalho de eſtar ſobre os ovos tres ſemanas, ſem dalli arredar pé: apenas para comer ſahe de dias a dias arrebatada, ſoffrega, e ſem ſocego. Depois que vê naſcidos os pintinhos, com que diſvelo lhes naõ procura quanto póde concorrer para a ſua conſervaçaõ? Buſca-lhes o comer, moſtra-lho, parte-lho, ſe he preciſo. Deſpe-ſe da ſua natural manſidaõ, e fraqueza, e cobra tal animo, e furor, que ſe arremeſſa, e atreve com todos os mais, quando entende poderáõ fazer mal á ſua pequena familia. Se ha frio, agazalha-os debaixo das ſuas azas; ſe ha Sol, põe-ſe da parte oppoſta para lhes fazer ſombra. Em quanto finalmente elles naõ chegaõ a eſtado de naõ dependerem della, toda ſe emprega no cuidado de os manter, e conſervar. Quanto naõ tem que aprender deſte exemplo aquellas mãis, que, ſoffrendo mal, e talvez com indignaçaõ os nove mezes da prenhez, logo que daõ á luz os filhos, os degradaõ de ſi para huma ama ſem eſcolha, ſem miuda informaçaõ, e ás vezes para muitas leguas da ſua viſta?

Eſta origem da deſpovoaçaõ, e da degeneraçaõ da eſpecie humana merece toda a attençaõ do Miniſterio; porque ſem vaſſallos, e vaſſallos robuſtos, o Eſtado neceſſariamente virá a ficar como paralytico ſem forças, ſem energia, e tendendo cada dia para a ſua inteira ruina. Sem gente robuſta nem a agricultura, nem as artes, nem as ſciencias poderáõ dar paſſo; e eſta ſó ſe póde formar por meio da educaçaõ fyſica dirigida pelos dictames da natureza.

Dou-

Donde naſcerá, que ſendo Portugal hum paiz taõ favoravel á povoaçaõ, que ouſadamente ſe póde affirmar, que he o mais benigno de toda a Europa, ella todavia cada vez ſe atraza mais? Muitas ſaõ as cauſas, que evidentemente concorrem para eſte atrazamento, taes ſaõ o luxo, a indolencia, liberdade, ou perverſidade de coſtumes, moda abuſiva de differentes bebidas, falta de ſimplicidade nos comeres, &c.; mas entre todas eſtas he ſeguramente a mais conſideravel, os erros immenſos com que ſe criaõ as crianças: e faz admiraçaõ ver, que tendo todas as artes neſte ſeculo chegado a hum ponto de perfeiçaõ, ſó a de formar os homens eſteja ainda em muitos Reinos na ſua infancia.

Naõ falta entre nós a multiplicaçaõ da eſpecie; o que falta he a ſua conſervaçaõ. Em Lisboa, cuja povoaçaõ he exceſſivamente grande, naſcem milhares de crianças no anno; e que he feito dellas? He bem facil de ver que quaſi todas morrem no berço; porque a naõ ſer aſſim, Lisboa ſería quaſi toda habitada de gente aqui naſcida; mas duvido que de vinte habitantes hum ſeja natural deſta Cidade, e rariſſimos apparecem nas Provincias. Donde ſe inferem duas conſequencias; que a multiplicaçaõ da eſpecie na Capital quaſi toda perece no berço; e que para a povoarem tanto, ſe deſpovoaõ as Provincias; aonde a conſervaçaõ da eſpecie he muito maior, porque naõ ſó a depravaçaõ de coſtumes, e falta de regimen naõ he tanta, mas tambem por ſe peccar muito menos na educaçaõ fyſica das crianças.

Por tanto, principalmente na Côrte, ſe deveria trabalhar por deſarraigar abuſos taõ nocivos á Sociedade, e cuidar muito em educar as crianças ſegundo a natureza; pois he certo, que ſem a educaçaõ fyſica pouco ſe póde fazer na moral, e litteraria, vindo aquella a ſervir de baſe a eſtas duas; ſobre as quaes darei ain-

ainda ao Público as minhas idéas, ſe eſte primeiro trabalho for delle bem accolhido.

Oxalá podeſſe eu pelo menos deſpertar por eſte modo os talentos Portuguezes, para que, levados do meſmo amor público, e naõ da vangloria de Author, emendem a maõ nas minhas falhas! Mas quanto he para recear, que toda a ſua ſagacidade ſe volte em eſtereis, e impertinentes cenſuras. Deſculpem pois eſtes implacaveis cenſores a menos correcçaõ, e elegancia de eſtylo, que eu ſó procurei ordem, e clareza; e naõ fiz eſcrupulo de ſer ás vezes prolixo, porque verdades taõ intereſſantes nunca enfaſtiaõ por ſerem repetidas.

TRA-

TRATADO
DA
EDUCAÇAÕ FYSICA
DOS MENINOS,
PARA USO
DOS
PAIS DE FAMILIA PORTUGUEZES.

CAPITULO I.

Porque modo ſe deve reger huma Mulher pejada.

A Educaçaõ fyſica de huma criança, ſe quizermos fallar com exactidaõ, naõ principia ſómente quando ella com ſeus vagidos pede o ſoccorro daquelles que lhe deraõ a exiſtencia; deve ſim começar logo do primeiro momento do ſeu ſer. A quotidiana experiencia laſtimoſamente nos moſtra, que por imprudencia, e incuria das mãis no tempo das ſuas prenhezes, muitas crianças naſcendo miſeraveis ficaõ indiſpoſtas para no reſtante da ſua curta duraçaõ gozarem de hum dia de ſaude, quer dizer, de hum dia feliz.

Como o meu empenho he moſtrar taõ ſómente porque meios ſe póde conſeguir ás crianças huma vigoroſa conſtituiçaõ, devo preſcindir de todas as hypotheſes com que os Filoſofos tem pertendido explicar a grande obra da geraçaõ (1).

(1) Naõ creio na pertendida attracçaõ das moleculas organicas de Buffon; porque iſto he ſem dúvida hum romance

Seja ella como for, o que nos importa ſaber para o preſente caſo he que o feto tira da mãi toda a ſua nutriçaõ, e que, ſegundo os alimentos de que ella uſar, ſerá mais, ou menos feliz a ſua diſpoſiçaõ; e niſto concordaõ todos. Antes porém que entremos a examinar com mais individuaçaõ que regimen ha de ſeguir a mulher já pejada, he bem a propoſito conſiderar algumas condições, que devem acompanhar os pais antecedentemente.

Todos teraõ tido muitas occaſiões de obſervar, que de hum pai cheio de enfermidades nunca naſceo hum filho robuſto: outro tanto digo da mãi. He logo preciſo que para huma criança ſer vigoroſa, ſeus pais tambem o ſejaõ, condiçaõ eſſencialmente neceſſaria. Ora ninguem póde dar-ſe os parabens de huma ſaude forte ſem frugalidade, exercicio, e regularidade no viver. Por tanto os pais, que aſpirarem ao prazer de pro-

---

filoſofico. Naõ eſtou taõ pouco pelos vermiculos ſpermaticos de Lewenoeck. Os microſcopios deſte obſervador naõ ſó augmentavaõ os objectos, mas muitas vezes chegavaõ a fingilos. He mais provavel o que a razaõ dictou a Bonnet, e o que a experiencia moſtrou a Haller nos ovos, e ultimamente a Spallanzani nas rans; vem a ſer, que o feto já preexiſte ou no ovo, ou nos ovarios da mãi, e que ſó eſpera a fecundaçaõ do macho, para ſe deſenvolverem as ſuas partes. Iſto com tudo naõ he quanto poſſo alcançar taõ indubitavel, como o quer fazer o inſigne obſervador Italiano. O que he certo he que eſta grande maravilha ſe obra nos *ovarios*. A prova diſto he terem-ſe achado fetos nas *trompas de Tallopio*, e ainda na cavidade do ventre. Querer porém, como elle pertende, que o *ſemen* prolifico do macho ſó ſirva de eſtimulo ao feto já delineado, como ſe iſto foſſe geometricamente demonſtrado, he affirmar mais do que ſe póde deduzir das ſuas experiencias. Naõ paſſarei adiante; mas ſempre tenho para mim, que por mais que os Filoſofos ſuem, nunca poderaõ deſcortinar o véo, que eſconde eſta prodigioſa obra da geraçaõ.

procrear filhos vigoroſos, e felizes, devem regular-ſe ſegundo os dictames da recta razaõ; covem a ſaber, devem nutrir-ſe de alimentos ſãos, e ordinarios; reſpirar hum ar aberto, e corrente, e exercitar ſem fadiga. Iſto he quanto ſe póde dizer em geral; porque eſte objecto requer hum tratado particular, ſobre o qual já tem trabalhado Authores de abaliſado merecimento, taes Cheyne, Lorri, e ultimamente Preſſavin. Elles podem ſervir de guia no que diz reſpeito a eſta parte da Medicina, a que chamaõ Hygieine, liçaõ neceſſaria a toda a peſſoa, que ſe quizer conſervar em ſaude.

Outra condiçaõ muito attendivel he, que as idades dos conſortes naõ ſejaõ deſproporcionadas, e que naõ pequem por diminuiçaõ, ou exceſſo. Nos climas temperados, como o noſſo, diz Ballexſerd na ſua *Diſſertaçaõ ſobre a Educaçaõ*, o marido deve ter de 25, até 50, quando muito, e a mulher de 18, até 40, quando muito tambem. Na verdade eſte he o tempo em que a natureza, pondo termo ao creſcimento, ſe conſerva em ſeu vigor. He barbaridade ſacrificar huma menina de 12, ou 14 annos nas mãos de hum velho de 60, ou 70, e ás vezes mais idade. Preſcindindo dos motivos moraes, que vigor poderáõ ter os filhos deſte deſaciſado conſorcio? A mulher creſcendo ainda naõ eſtá certamente nas circunſtancias de conceber, parir, e criar filhos. O marido, que já deſcahe, naõ póde ter hum *ſemen* taõ bem elaborado, e energico, que delle reſultem filhos de boa conſtituiçaõ. He contra o bem do Eſtado, he contra a humanidade ſemelhante matrimonio: mas para com muitos póde mais a boa accommodaçaõ de huma filha, do que tudo quanto dicta a razaõ. Embora naſçaõ della filhos enfermos, e deſgraçados, com tanto que ſejaõ ricos. He em fim para notar que as idades ſe aproximem dentro dos limites aſſima preſcritos o mais que for poſſivel, ſendo

do ſempre a differença para mais da parte do varaõ; porque a natureza he mais tardia em o levar a eſtado de perfeiçaõ. Todos os animaes que ſe regem pelo ſimples inſtincto, tem, ſegundo as ſuas eſpecies, tempos certos para as ſuas primeiras nupcias: ſó nós havemos de tranſtornar a ordem da natureza; nós, que melhor deveramos obſervalla, pois além do inſtincto nos illumina huma razaõ: deſgraçada razaõ humana!

Deſtas reflexões facilmente ſe infere, que nunca deveriaõ caſar peſſoas attacadas de moleſtias, que taõ triſtemente nos tem moſtrado a experiencia ſerem contagioſas, ou hereditarias.

Suppondo porém que os pais tem huma boa conſtituiçaõ, e idade conveniente, ſe bem naõ deva ſer entendida em abſoluto rigor, porque huns chegaõ ao ſeu ultimo eſtado de perfeiçaõ primeiro que outros; paſſo a conſiderar a mulher já pejada. Aqui he que deve rigoroſamente começar a educaçaõ fyſica de huma criança. Do comportamento da mãi principia a depender a ſua felicidade, ou infelicidade; examinemos pois qual deva elle ſer.

Mas primeiro que tudo he ſummamente preciſo, que huma mulher pejada ſeriamente ſe perſuada de que ella ſendo, por aſſim dizer, depoſitária daquelle feto deve reſponder por tudo quanto lhe poder ſucceder de prejuizo á ſua conſervaçaõ; naõ menos do que ſe directamente concorreſſe para a deſtruiçaõ de qualquer peſſoa adulta. Algumas mãis depois de darem por qualquer exceſſo, ou deſordem occaſiaõ evidente a hum aborto, ſocegaõ a ſua conſciencia na idéa de que o feto ſó tem vida, iſto he, que a alma ſó lhe he infundida do quarto mez por diante, tendo em pouco todo o perigo anterior a eſte tempo. A tal modo de penſar deraõ occaſiaõ alguns Filoſofos, os quaes queſtionando ácerca do tempo da uniaõ da alma com

com o corpo, seguiraõ aquelle parecer. He facil de ver o damno que póde provir de tal persuasaõ (1).

Logo que huma mulher fica pejada, se faz muito mais sensivel, do que dantes era, pelo muito que influe na sua máquina o novo estado do utero, que nos primeiros tempos padece alguma irritaçaõ, a que depois se acostuma. Desta mudança para maior sensibilidade facilmente se infere, que deve ser mais regulada, naõ só no comer, e beber, mas tambem no somno;

(1) Discorrendo como Filosofo, acho muito conforme á razaõ, que a alma he unida ao feto no acto da concepçaõ; pois sendo, como fica dito, muito provavel que elle já preexiste nos *ovarios*, esperando que o *semen* do pai vá vivificallo: tambem creio ser do mesmo grão de probabilidade, que a alma lhe he communicada neste mesmo acto da concepçaõ. Ninguem duvida de que a alma só quebra os laços que a prendem ao corpo na ultima expiraçaõ: naõ he pois bem racionavel o pensar que ella se une a este corpo no mesmo instante, em que elle entra a viver? Fallando porém segundo os principios do Christianismo, naõ se deve abraçar outro sentimento; porque a base fundamental da Religiaõ he que no mesmo instante, em que a alma he unida ao corpo, immediatamente incorre no peccado original: ora o momento em que contrahe esta mancha he o da concepçaõ, segundo o testemunho de Escritura. Logo quando a mái, por falta de zelo, e dos meios que estaõ na sua maõ, vem a abortar, he rigorosamente taõ homicida, como se concorresse para a morte de hum filho já crescido. Naõ sómente he homicida aquella, que barbara, e deliberadamente se serve de iniquos meios para mover; quasi todas as que abortaõ o saõ igualmente; porque raros saõ os movitos, que naõ tem origem no seu pouco cuidado, e falta de regimen. Se ellas bem se deixassem levar da importancia do que fica dito, seriaõ mais exactas em evitar tudo que póde ser nocivo a si, e ao feto de que saõ depositarias; passariaõ melhor, e teriaõ prenhezes, e partos mais felizes. O feto receberia boa nutriçaõ, e nasceria livre dos males, que de certo lhe faraõ guerra a nasces de mái menos prudente.

mno ; no exercicio que ha de fazer , ou deixar de fazer ; e finalmente na pureza , e temperança do ar , em que deve viver.

A comida no principio da prenhez deve ſer alguma couſa menos do coſtume ; porque o feto nos primeiros dous , ou tres mezes , tempo em que rigoroſamente ſe lhe póde chamar embriaõ , pela ſua pequenhez preciſa de pouca nutriçaõ : e a natureza providamente faz com que neſte tempo haja faſtio , vomitos , &c. Creſcendo porém a prenhez , deve tambem creſcer a comida ; porque aſſim o requer a nutriçaõ do feto.

He coſtume entre muitas ſangrarem-ſe infallivelmente no meio do tempo , e ás vezes tambem no fim. Quando a neceſſidade naõ urge , he peſſimo coſtume , e quando a ha , todo o tempo he a propoſito. Ordinaria faz-ſe a ſangria mais neceſſaria do terceiro para o quarto mez ; tempo em que coſtumaõ ſucceder os movitos pela abundancia de ſangue , que reſulta da ſuſpenſaõ dos menſtruos , e de naõ ſer todo diſpendido na ſimples nutriçaõ do feto. O que tudo vem a provar , que neſtes primeiros mezes ſe uſe de menos alimentos , e de facil digeſtaõ ; naõ ſó pela maior ſenſibilidade , mas tambem pelo máo eſtado do eſtomago : ſobre iſto porém naõ ſe podem dar regras certas ; porque aquella comida , que para huma he ordinaria , e do coſtume , para outra ſerá grande dieta , e reciprocamente fallando. Em geral ſe póde dizer , que ſe deve fugir de couſas acres , ſalgadas , muito adubadas ; porque tudo iſto póde exaſperar , e pôr em grande irritaçaõ o ſyſtema nervoſo ; e eſta deſordem ha de neceſſariamente chegar ao feto , ſem ainda me lembrar dos máos fluidos , que ſemelhantes comidas ſubminiſtraõ. Pelos meſmos motivos ſe deve fugir de bebidas eſpirituoſas : aquellas mulheres porém que coſtumaõ uſar de algum vinho , ou o deveráõ beber fraco , ou diluillo com agua.

Ne-

Nenhuma mulher pejada deve jejuar; porque nos primeiros dous, ou tres mezes todas padecem mais, ou menos incommodos: depois deſte tempo algumas he verdade que paſſaõ bem, mas entaõ naõ ſó preciſaõ comer mais por cauſa da nutriçaõ do feto, que creſce de dia em dia, mas de nenhuma ſorte podem comer ao jantar quanto baſte para paſſarem á noite ſó com a conſoada; pois neſte eſtado o ventre creſcido comprime o eſtomago, que aſſim naõ póde admittir tanto comer junto. O unico modo de remediar iſto, he comendo menos, mas a miudo; e quem faz iſto, naõ jejua.

Devêraõ principalmente nos primeiros mezes dar mais algum tempo ao ſomno, e ao deſcanço; porque eſtes ſaõ os melhores calmantes que ſe podem applicar á ſenſibilidade dos ſeus nervos. Quando digo iſto naõ entendo o abuſo do ſomno, quero dizer, que ſe fóra deſte eſtado huma mulher dormia ſete horas por exemplo, deve dormir oito. Quando digo tambem que preciſa de deſcanço, naõ digo que ſe deixe ficar na cama hum dia todo, mas ſim que ſe he peſſoa coſtumada a grande lida, que a haja de moderar. Ao contrario recommendo que as mulheres de vida muito ſedentaria devaõ fazer todo o exercicio proporcionado ás ſuas forças. Sem exercicio ninguem póde gozar de ſaude conſtante. Vejamos porém como deve ſer o de huma mulher pejada. Deve fugir de andar a cavallo; porque deſte movimento póde facilmente reſultar aborto por effeito das concuſsões que padece o utero. Naõ he tambem muito ſeguro andar em carroagem por calçadas, e lugares pedragoſos. Alguns recommendaõ que a ſahir aſſim, ſeja muito de vagar, penſando evitar deſte modo os ſaltos della. Aos Fyſicos a razaõ moſtra o contrario; e a todos deſenganará a experiencia de que em trote ordinario melhor ſe vencem os obſtaculos, e por conſequencia menos ſe ſentem os ſaltos.

Naõ

Naõ devem ſer menos evitadas as contradanças; o levantar pezos, ou fazer outros quaesquer movimentos violentos. Todos teraõ tido occaſiões de ver as más conſequencias deſte incauto procedimento: e qualquer que tenha huma leve tinctura da economia animal, facilmente entrará nas razões deſtes conſelhos.

Todos os Authores, reconhecendo que no campo he que ſe reſpira hum ar puro, e aberto, e que eſte influe muito na conſervaçaõ dos animaes, aconſelhaõ ás mulheres pejadas o ar campeſtre. Como porém nem todas podem pôr em prática eſta ſaudavel advertencia, direi que ao menos nas grandes povoações devem procurar ruas largas, limpas, em bairros elevados, e que as caſas naõ fiquem vizinhas a cemiterios, ou a officinas, que inficionem o ar com ſuas exhalações, taes ſaõ fábricas de cortir couros, de fazer oleados, as tinturarias, &c. Mas como ha de huma mulher pejada mudar-ſe de huma rua daquellas, e de huma vizinhança deſtas, ſe ahi ella tem com a ſua familia a ſua ſubſiſtencia?

Naõ ſe deve antes pedir a quem compete, que cuide muito na limpeza das ruas, que as mande alargar, ſendo taõ eſtreitas, que nem haja dentro dellas circulaçaõ de ar novo, e que em fim mande para os arrabaldes todas as officinas, que inficionaõ a atmosfera das Cidades, já de ſi pouco pura?

Huma mulher pejada naõ deve expôr-ſe á intemperie dos tempos; porque o ar muito frio, ventoſo, e humido póde facilmente embaraçar a tranſpiraçaõ, cauſar febres, toſſes, &c., e tudo iſto dará occaſiaõ a máos ſucceſſos. O ſeu corpo neſte eſtado mais ſenſivel, e irritavel, eſtá muito ſujeito a padecer os damnos da intemperança da atmosfera.

Naõ ſe póde todavia deixar de condemnar o demaziado melindre de muitas ſenhoras de qualidade, e a ſeu exemplo, de muitas que o affectaõ, as quaes paſ-

paſſaõ os dias em huma camara envidraçada, forrada, e alcatifada, com fogareiros, ou fogões accezos, de maneira que quem entra de fóra, ſe ſente quaſi ſuffocado. Tal atmosfera naõ póde deixar de trazer mil conſequencias funeſtas ás mãis, e aos innocentes fetos.

A ſituaçaõ, que o Author da natureza ordenou ao feto no utero da mãi, he taõ favoravel ao ſeu creſcimento, que á proporçaõ creſce mais em nove mezes, do que no reſtante da ſua vida. Poſto, e como ſuſpenſo no meio de hum licor morno, ſem experimentar a mais leve compreſſaõ das membranas, em que eſtá mettido, tem a mais bella poſiçaõ, para que ſeus membros ainda taõ tenros poſſaõ á vontade creſcer; e naõ fazem eſtorvo á dilataçaõ do utero os muſculos, e pelle do baixo ventre da mãi por ſerem muito flexiveis. Muitas mãis porém rebeldes á voz da natureza parecem contrariar o bom exito das ſuas diſpoſições. Cegas pelos ridiculos prejuizos do noſſo ſeculo, que lhes fazem crer deshonroſo o que foi ſempre, e na verdade o he, a ſua principal gloria, procuraõ por todos os meios occultar aos olhos do mundo a ſua fecundidade: e para iſto principalmente lançaõ maõ dos eſpartilhos, ſem ſe lembrarem dos damnos, que eſta compreſſaõ de neceſſidade ha de cauſar á ſi, e ao feto, que pouco menos he que eſmagado neſta prenſa, vindo iſto a ſer cauſa de muitos partos deſgraçados, e naõ menos de aleijões.

A regra geral pois he, que nem com eſpartilhos, nem com veſtidos, nem com cintas, e nem de alguma outra ſorte devem fazer aperto ao ventre, ſeguindo niſto os paſſos da natureza. E como as mulheres em tal eſtado cahem mais facilmente pela mudança do ſeu centro de gravidade, devem trazer ſaltos baixos, e largos, para melhor ſe firmarem nos pés.

O ſocego de eſpirito he o maior bem, que ſe pó-

de poſſuir na terra. A violencia das paixões he ao contrario o commum verdugo da ſaude. E quanto o naõ ſerá de huma mulher pejada? Deve por tanto evitar, quanto eſtá na ſua maõ, todas as occaſiões de triſteza, colera, e até de alegria exceſſiva; porque todas as paixões em geral levadas a certo gráo alteraõ ſummamente toda a economia animal. Oxalá puderamos ſempre praticar eſta verdade, que a todos he patente!

Authores de toda a fé pública referem factos, com que pertendem provar a grande influencia da imaginaçaõ das mãis nos ſeus fetos. Entre outros ſó apontarei Van-Swieten, que faz mençaõ do ſeguinte ſucceſſo: Huma mulher de Lyaõ eſtando em veſperas de parir, foi accommettida por ſeu marido, que eſtava accezo em ira, e com hum alfange lhe fez tiro á cabeça. A mulher evitou fugindo os effeitos da ſua colera: mas depois pario hum filho com a cabeça aberta na meſma parte, em que eſteve para ſer ferida. Ao naſcer correo o ſangue em tanta quantidade, que naõ pôde ſobreviver á tal hemorragia. Se eſte reſpeitado Author diſſeſſe, que preſenceára eſte accidente, e que com ſeus olhos examinára que a ferida naõ tinha ſido feita no parto, ainda aſſim naõ ſei como me poderia accommodar; mas diz que nada diſto houve, pelo que fica livre á noſſa razaõ o duvidar. E como hei de eu crer que a criança teve a cabeça aberta naquelle ſitio, em que a mãi eſteve para ſer ferida? E ſe com effeito aſſim foi, porque razaõ naõ morreo no meſmo inſtante da ferida? Que couſa reteria o ſangue, para que ſó ſahiſſe no inſtante do parto?

Menos fé merecem ainda outros factos mencionados por alguns obſervadores. A razaõ, ao menos a minha, taõ longe eſtá de apadrinhar ſemelhantes idéas, que antes as qualifica de quimericas: e para que he ir buſcar a cauſa de hum fenomeno extraordinario, como

mo he naſcer huma criança com certas partes do corpo cubertas de pêllos, com augmento, ou diminuiçaõ de qualquer membro, na eſquentada imaginaçaõ de huma mãi ſuperſticioſa, que ſe aſſuſtou com a viſta de certo animal, ou que ſe horrorizou com a disformidade de hum aleijado, &c.? Os vicios de organizaçaõ naõ ſaõ mais frequentes nos animaes, do que nos vegetaes; e acaſo terá a terra com a ſua imaginaçaõ influencia neſtes monſtros? Ninguem o dirá.

Ainda porém que nada creia neſtas influencias, naõ duvido do damno que póde receber huma mulher pejada da viſta de hum objecto, que a horrorize, ou aſſuſte; mas he pela viva impreſſaõ, que póde facilmente pôr os ſeus nervos em deſordem, e alterar com a ſua a ſaude do feto. Nem he para louvar o coſtume de andarem pelas ruas pobres disformes, fazendo triſtes, e eſtudadas lamentações; aſſim como o de ſe appreſentarem ás portas dos Templos, e lugares publicos. Embaladas quaſi todas as mulheres com eſtas, e ſemelhantes idéas, ſaõ martyres da ſua fantaſia; porque muitas vezes podem receber damnos, de que eſcapariaõ, ſe de taes couſas naõ fizeſſem caſo.

Saõ muito mais para deſprezar as afflicções, que tomaõ para cumprir os ſeus chamados deſejos, aſſentando comſigo que a naõ ſatisfazellos ou movem, ou ſeus filhos traraõ certos defeitos relativos aos meſmos deſejos. Creio que a primeira que tal inventou, ſó teve diante dos olhos o ſer mais obſequiada, e obedecida do marido, que ſe deo á credulidade. Só reparo que os deſejos naõ ſe eſtendem a mais, que a couſas de comer, e menos mal para os pobres maridos. Por iſſo que huma pejada deſejou por exemplo figos, e os naõ comeo, o filho ha de naſcer com ſignaes ſemelhantes a elles. Se com effeito os deſejos tiveſſem eſta admiravel influencia, quantas crianças (ſe he que as couſas férias admittem jovialidades) naſceriaõ conver-

tidas em fittas, em brincos, em carroagens da moda, &c.? Confeſſo que a perſuaſaõ em que vivem de ſer iſto verdade, e a affliçaõ de que ſe preoccupaõ, por naõ poderem ſatisfazer os taes deſejos, póde muito bem deſordenalas; mas iſto he ſimples effeito da ſua imaginaçaõ. Aquellas que quizerem tomar o trabalho de ſe desfazerem deſtas preoccupações, e reſiſtirem ás ſuas primeiras lembranças, conheceráõ evidentemente o o erro que as dominava.

Concluirei finalmente eſte Capitulo, advertindo que as mulheres pejadas devem ſer muito moderadas em ſatisfazer os prazeres conjugaes, e muito eſpecialmente no principio, e no fim das ſuas prenhezes: no principio, por cauſa da irritabilidade augmentada; no fim pela compreſſaõ, que padece o ventre já entaõ aſsàs volumoſo. Ballexſerd inteiramente prohibe o menor ajuntamento em todo eſte tempo, trazendo por prova, que os outros animaes aſſim o fazem; mas iſto naõ conclue, porque os outros animaes tem ſeus tempos fixos, e determinados para a procreaçaõ da ſua eſpecie; ao homem porém naõ taxou a natureza eſtes tempos; logo daquelles naõ ſe deve concluir para eſte. E ſe foſſe preciſa eſta inteira continencia, naõ vingaria huma ſó criança. A's vezes o peor he pedir muito, porque entaõ nada ſe alcança. Em tal caſo ſó ſe deve pertender prudencia, e moderaçaõ.

CA-

CAPITULO II.

Logo que a criança naſce, deve ſer ſeparada dos pés da mãi, cortando-ſe o cordaõ umbilical; e como deve elle ſer ligado.

MUito poucos ſaõ os animaes de qualquer claſſe que ſejaõ, que tenhaõ o meſmo tempo de incubaçaõ, ou prenhez. As mulheres, regularmente fallando, gaſtaõ nove mezes em concluir eſta obra; mas iſto naõ ſe deve entender com exactidaõ Mathematica, naõ ſó porque ao certo naõ ſe póde bem averiguar o inſtante da concepçaõ, mas tambem porque, reflectindo hum pouco, ſe vê que ſegundo certas circunſtancias, poderá anticipar-ſe, ou prolongar-ſe o parto mais, ou menos alguns dias. Se olharmos para os fructos, que tem ſeus tempos determinados para amadurecerem, veremos que ſeguem niſto o curſo das eſtações: ſe ha frio mais ſe demoraõ; ſe calor mais ſe anticipaõ. Nas gallinhas todos os dias ſe obſerva, que ellas tendo regularmente de chôco vinte e dous dias, eſtes muitas vezes ſe atrazaõ, ou adiantaõ, ſegundo as variedades do tempo que corre.

Chegado o nono mez, entra o utero a contrahirſe; ſeguem-ſe as dores; e por huma força mecanica a criança, rompendo as membranas em que eſtava encerrada, he expellida do ventre materno. Querer indagar a cauſa, por que ſó no fim deſte tempo a natureza promove o parto, he perder tempo em couſas de nenhuma utilidade, na certeza de que no fim eſtaremos mais longe da verdade, do que no principio. Aſſim como a pera, por exemplo, eſtando em quanto verde taõ agarrada ao ſeu ramo, que nem qualquer força a derriba, quando chega á ſua perfeita madureza, por ſi ſe deſpega, e cahe, ſem ſabermos dar

a ra-

a razaõ : do meſmo modo ſuccederá com o feto no ventre da mãi , o qual em quanto eſtá , direi aſſim , verde , facilmente ſe naõ deſpega ; mas logo que chega a tocar o termo da ſua perfeiçaõ , fica como hum corpo eſtranho , e he regeitado pela natureza.

Se huma mulher pejada tiver obſervado o regimen de vida , expoſto no Capitulo precedente , he bem crivel que tenha hum parto feliz. O parto , fallando em rigor , naõ he , como vulgarmente ſe penſa , huma enfermidade ; porque entra na ordem da natureza , e ſó ella deve ſer o unico agente deſta obra. Todos os animaes parem ſem eſtrondo , e ſem parteira , todos ſe reſtabelecem logo depois do parto : naõ ſuccederia o meſmo ás mulheres , ſe ſe naõ deſviaſſem dos caminhos da natureza ? Tenho para mim , que ſim ; porque á proporçaõ que ellas ſaõ menos civilizadas , e melindroſas , menos perigo experimentaõ nos ſeus partos , de maneira que as ſalvagens naõ parem com mais reſguardo do que as feras , que lhes fazem companhia nas ſuas hermas habitações. Mas já que as grandes Sociedades nos tem affaſtado taõ grandemente do que deveramos ſer , naõ devem as mulheres em tal eſtado tratar-ſe com tanta indifferença.

Muitos ſaõ os Authores , que dignamente tratáraõ de partos , e do modo , por que ſe devem portar as mulheres que eſtaõ para parir : a elles póde recorrer quem quizer inſtruir-ſe neſta materia , que me levaria mui longe do meu objecto principal , que he a criança , a qual já vou ſuppôr naſcida (1). Em geral ſó direi , que nunca deve a parturiente prevenir os ſeus eſforços para o parto , ou , ſegundo a expreſſaõ vulgar , tomar puxos antes do tempo , em que o colo do utero ſe acha inteiramente dilatado , condiçaõ eſſencialmen-

(1) Baudelocque , Mauriceau , Smellie , Levret , Buzos , Roederer , Saxdorf , e outros de igual nota.

mente preciſa. A violencia das dores, e o meſmo impulſo da natureza a obrigaráõ a eſte acto. Ao parteiro porém dará a conhecer, que he chegada a occaſiaõ, o conhecimento fyſico do eſtado do utero.

Naſcida pois a criança, a primeira couſa que ha para fazer he cortar-ſe-lhe o cordaõ umbilical. O pedaço que fica da parte da mãi, nunca ſe deve ligar; e o que fica da parte da criança, deve ſer ligado o mais depreſſa que for poſſivel: he preciſo porém advertir que nas crianças, que por abundancia de ſangue motivada pela demora, e trabalho do parto, naſcem com o ſemblante arroxado, ou denegrido, ſó ſe deve fazer a ligadura, depois de ſe deixar correr do cordaõ algum ſangue (1).

O modo de fazer a ligadura he atar o cordaõ com

(1) Huns procuraõ fazer eſta operaçaõ o mais breve que podem; outros coſtumaõ differilla alguns minutos. Baudelocque he da opiniaõ daquelles, e diz que a razaõ que o move, he ver que a criança preciſa de ar puro, e temperado, o qual ſó póde convir á delicadeza de ſeus orgãos; e que aos pés da mãi ſó reſpira hum ar humido, e infectado.

O coſtume geralmente abraçado he fazerem-ſe duas ligaduras, huma da parte da mãi, outra da do feto. Diz o meſmo Author (pag. 288. Part. I.) que eſtas ligaduras naõ parecem ſer eſſencialmente neceſſarias na ordem natural. O cordaõ cortado algumas pollegadas abaixo do embigo, lança meia onça, ou, quando muito, huma onça de ſangue; por cuja razaõ, conclue o meſmo Author, eſta ligadura he deſneceſſaria no primeiro movimento, e em algumas circunſtancias nociva. As crianças que abundaõ de ſangue, e que tiveraõ hum naſcimento mais trabalhoſo, e demorado, vem com o ſemblante livido, e com embaraços ſanguineos nas principaes entranhas: neſte caſo he preciſo fazer-lhe huma ſangria pelo cordaõ cortado; e ſe for anticipadamente feita a ligadura, eſta, retendo o ſangue que devêra correr, poderá cauſar-lhes a morte. Quando porém a criança naſce fóra deſtas circunſtancias, entaõ he melhor proceder de antemaõ á ligadura da parte da criança; naõ porque eſſa pequena por-

com finco, ou seis fios de linha ordinarios duas pollegadas abaixo do embigo, dar depois segunda volta, e apertar sufficientemente com dous nós. Se o cordaõ vier

---

çaõ de sangue a haja de matar; mas para que he perdella sem necessidade?

Da parte da mãi porém nunca se deve ligar o cordaõ; porque além de naõ ser preciso, he muitas vezes prejudicial, embaraçando a diminuiçaõ do volume da placenta, ou pareas, o que póde difficultar, ou impossibilitar a sua sahida; e isto he muitas vezes de grande consequencia. Esta he a prática, diz o Author citado, que sempre segui, e ensinei. E Smellie antes delle já tinha reconhecido todas as vantagens desta mesma prática.

Algumas crianças nascem em tal estado de debilidade, que mais parecem mortas, que vivas. O semblante palido, e os membros frôxos, e insensiveis, daõ indicios da vizinhança da morte. A estas, diz Plenck no seu *Tratado da Arte Obstetricia* pag. 67., naõ se deve cortar o cordaõ umbilical, excepto no caso de já estar a placenta despegada do utero; mas primeiro se deve cuidar em animalas. As crianças porém que nascem vigorosas, quer elle que logo se ligue o cordaõ, no que concorda com Baudelocque; mas este nem ainda no caso de summa debilidade admitte demora. A razaõ, que persuade a Plenck, e aos que o seguem, a naõ cortar immediatamente o cordaõ em caso de desfalecimento, he a falsa persuasaõ de que a criança ainda fóra do utero he vivificada pelo sangue da mãi; mas esta precauçaõ, diz Baudelocque, naõ só he inutil, mas póde ser muito nociva; inutil porque a passagem reciproca do sangue do utero para a placenta já a este tempo se naõ faz; e a circulaçaõ no cordaõ está quasi extincta; nociva porque por este esperado soccorro he a criança privada de outros mais reaes, e efficazes, que só lhe podem ministrar depois de apartada da mãi.

Deve-se pois neste caso de grande debilidade separar logo a criança, e depois tentar as fricções seccas feitas por todo o corpo: deve-se introduzir no bofe o bafo de huma pessoa adulta, unindo boca com boca, irritar o nariz com as barbas de huma penna, e deitar pela boca huma colheri-

vier cheio de gordura, ou de fôro, recommenda Baudelocque que se faça segunda ligadura quatro, ou finco linhas abaixo da primeira; porque esta ainda que pareça sufficientemente apertada, naõ he bastante para impedir o impulso do sangue; pois algumas vezes se tem visto morrerem crianças de hemorragias pelo cordaõ nos dous dias seguintes ao parto, por se lhes naõ ter feito bem a ligadura. Outros, como Plenck, mandaõ fazella finco, ou seis pollegadas abaixo do embigo, e que se corte outra pollegada abaixo, para depois se voltar esta parte para sima, e fazer-se segunda ligadura sobre a primeira. Mas o comprimento dado ao cordaõ he muito; e em quanto ao mais vem a dar no mesmo; porque em todo o caso o cordaõ se volta para sima, e fica unido á criança. A condiçaõ pois essencial he que a ligadura se faça com linho, e naõ com seda, e que fique sufficientemente apertada, mas de fórma que o aperto corte o cordaõ.

Algumas parteiras, presumidas de mais intelligentes, com os dedos espremem para sima o cordaõ, introduzindo na criança o sangue, e linfa contidos nelle. Este costume he pessimo, porque assim se mette nos vasos da criança hum sangue alterado pelo toque do ar. Outras ao contrario espremem o cordaõ para baixo, persuadidas de que neste pouco de humor que sahe, se lança fóra o *germen* de muitas enfermidades para o futuro. Isto he futil; mas daqui nenhum mal póde vir nem á mãi, nem á criança.

nha de agua com huma, ou duas gottas de Alkali volatil. Algumas crianças, diz o mesmo Author, a quem escaçamente se prestáraõ alguns destes soccorros, ou talvez a quem os tinhaõ negado por se supporem mortas, foraõ achadas vivas muitas horas depois dentro dos pannos, em que já as tinhaõ como enterradas. O que faz crer, que se poderia salvar grande número de outras, se mais seriamente se cuidasse na sua conservaçaõ.

CAPITULO III.

Do quanto he nocivo o frio no inſtante do naſcimento.

O Que diz Mr. Armſtrong, pag. 148, me parece taõ arrazoado, que merece bem ſer copiado. Antes de entrar, diz elle, a tratar miudamente do modo de alimentar, e dirigir huma criança, creio ſer neceſſario dizer de antemaõ, que todas as cautelas ſaõ poucas para ſe reſguardar do ar frio huma criança quando naſce. Inſiſto mais neſta advertencia, porque, principalmente entre o povo miudo, o ar frio he a origem mais ordinaria das doenças das crianças, e a cauſa primeira da ſua morte: he importantiſſima a perſuaſaõ deſta verdade. Quantas vezes naõ temos ouvido dizer, que huma criança ſendo ao naſcer bella, forte, e bem feita, nunca pôde medrar? Se bem conſiderarmos a repentina paſſagem que faz a criança do ſeio da mãi para o ar atmoſferico, ainda em hum quarto que naõ he frio, faz admiraçaõ que naõ ſeja logo traſpaſſada de frio, principalmente de Inverno. Além diſto acontece muitas vezes que a parteira, e as de mais peſſoas preſentes ſe intereſſaõ tanto pela mãi depois de hum parto mais trabalhoſo, que pouco cuidaõ da criança, ſe he que de todo ſe naõ eſquecem: e he o que ordinariamente ſuccede entre a gente menos bafejada da fortuna, por falta de peſſoas, que neſta occaſiaõ lhe preſtem os officios de humanidade. Por iſſo as ſuas crianças mais vezes ſaõ tomadas do frio, e do defluxo.

O frio no acto do naſcimento, ou hum defluxo, expõem as crianças a outros accidentes, que injuſtamente ſe attribuem a cauſas differentes. Fui huma vez chamado para ver huma criança de quaſi quatro me-

zes;

zes, a qual havia quatro dias estava atormentada de dores pelo ventre, com diarrhea aquosa, e aphthas. Em virtude de hum tratamento conveniente a febre se dissipou, e as aphthas desapparecêraõ. Pouco depois tornou a adoecer, e morreo. A criança tinha sido creada á maõ, porque a mãi naõ estava em estado de lhe dar de mamar. A mulher que a creava me disse, que ella nunca medrára por effeito de hum frio, que apanhára no seu nascimento. Naõ aproveitando os remedios prescritos na recahida, pedi a permissaõ de a abrir.

Achei os intestinos saõs, mas vasios; o figado, e o pancreas em bom estado, menos a parte convexa do figado, que estava muito adherente ao diafragma. O baço era de notavel pequenhez, formando huma estreita adherencia com o estomago em todos os pontos, em que dantes havia contiguidade; o que, segundo entendo, embaraçou o seu crescimento. O estomago mostrava naõ ter tido lesaõ; mas na parte em que a borda superior do baço lhe estava adherente, as tunicas eraõ taõ delgadas, que bastava tocar-lhes brandamente para se despedaçarem.

Quando vi estas adherencias, perguntei se a criança fôra sujeita a febres. Sim, me disseraõ; e muitas vezes de máo caracter, logo do seu nascimento. Com tudo a criança tomava bem pelo commum os seus alimentos, e mostrava mais nutriçaõ, do que se devia esperar do seu estado doente. Quiz saber porque a tinhaõ tratado com tanta negligencia quando nasceo. Respondêraõ-me, que immediatamente depois do parto a parteira fôra chamada pelo seu marido, que estava em baixo, e que ella descêra precipitadamente, deixando a criança aos pés da cama, aonde ficou perto de meia hora. Foi muito desprezar a mãi, e a filha. He para desejar que tal imprudencia nunca succedesse; e que huma parteira em taes circunstancias naõ tenha negocio de maior importancia.

As adherencias mencionadas naõ moſtravaõ bem ; que houvera alguma inflammaçaõ nas partes attacadas ? A ſangria ou com a lanceta , ou com as ſangueſugas , naõ ſeria util depois de hum frio taõ forte , principalmente havendo febre ?

CAPITULO IV.

Qual ſeja o verdadeiro modo de lavar as crianças.

HE para laſtimar que até nas couſas , que á primeira viſta moſtraõ ſer palpaveis , Authores de reconhecido merecimento ſigaõ veredas taõ oppoſtas , que da ſua liçaõ mais ſe tire preplexidade , do que verdadeiro conhecimento do que devemos praticar. Iſto he o que ſuccede quando trataõ da lavagem das crianças : eſcolhamos porém de cada hum o que a razaõ apadrinha , naõ nos cegando com o eſpeſſo véo da authoridade.

As crianças quando ſahem do utero , naõ ſó trazem nos inteſtinos , na baxiga , e ainda no eſtomago excrementos , que devem ſer expellidos ; mas vem mais , ou menos cubertas de huma pommada viſcoſa , ſedimento do liquido em que eſtiveraõ mergulhadas ; e que ao naſcer lhes he utiliſſima , pois ſerve de ſabaõ para melhor eſcorregarem quando vem á luz. Eſta pommada porém depois de naſcidas em vez de util ſe torna prejudicial , eſtorvando a livre tranſpiraçaõ da pelle : he por tanto eſſencial o cuidado da ſua limpeza ; porque em geral a baſe da ſaude he a regularidade com que ſe faz a tranſpiraçaõ inſenſivel.

Quaſi todos concordaõ em que a primeira lavagem deve ſer morna. A agua pura he o liquido proprio ; e ſe for muito tenaz eſta pommada , poder-ſe-ha deſfazer na agua hum bocado de ſabaõ , que falicitará a limpeza. Deve-ſe regeitar o coſtume de ajuntar mantei-

teiga, ou quaesquer outras ſubſtancias oleoſas, com que alguns pertendem desfazer melhor eſte grude. Nem taõ pouco ſe uſe de liquidos eſpirituoſos. Os Francezes miſturaõ duas partes de agua a huma de vinho: ſó admitto eſta porçaõ de vinho no caſo de naſcer a criança muito debil, e deſanimada. Mr. Hamilton em geral condemna toda a ſuſtancia eſpirituoſa, ainda neſte caſo que juſtamente exceptuo: mas os motivos que dá faõ a favor da meſma excepçaõ; pois diz, que o vinho em lavagem entra pela pelle, e vai fazer o meſmo que ſe foſſe ao eſtomago; mas eſta he a meſma razaõ, por que o applico, aliàs era baldado o trabalho. Quando diz que ſe podem irritar os olhos com alguma porçaõ que nelles caia, que pezo nos póde fazer, ſe eſtá na maõ de quem lava o evitar eſte damno?

Deve-ſe continuar eſta lavagem com agua morna regularmente todos os dias, lavando a cabeça, e todo o corpo, e havendo ſempre cuidado de viſitar os ſovacos, e verilhas, por ſerem partes que com facilidade ſe ferem; e caſo que ou por menos cuidado, ou por ſe naõ poder evitar, ſe formem taes excoriações, naõ he preciſo mais que apolvilhallas com pós do cabello puros, e ſem miſtura de cal, que coſtumaõ fraudulentamente ajuntar no commercio.

Paſſado o primeiro mez, no qual ſe terá ſempre uſado de lavagem morna, pouco e pouco ſe deverá ir paſſando a lavallas com huma eſponja molhada em agua fria. Ainda que iſto a principio cauſe alguma leve eſtranheza, em pouco tempo naõ ſó ſupportaõ com indifferença a ſimples lavagem, mas até com a continuaçaõ chegaõ a goſtar dos meſmos banhos frios na força do Inverno.

A razaõ que me convence a aconſelhar o uſo da agua tepida no primeiro mez, e a ir depois paſſando devagar á lavagem a principio com a eſponja molhada he, I. o lembrar-me dos graviſſimos damnos, que

Mr.

Mr. Armſtrong obſervou ſobrevirem ás crianças, que por imprudencia eraõ expoſtas ao frio logo que naſciaõ: II. ſaber que ainda depois de limpa eſta ſubſtancia viſcoſa, de que vem cubertas, o tecido cellular fica embebido de ſuperabundancia de muco, o qual ſe conſervaria fixo, ſe nos primeiros dias ſe uſaſſe da agua fria, naõ podendo reſolver-ſe, nem diſſipar-ſe pela tranſpiraçaõ o que ſe conſegue com a tepida: III. a demaſiada ſenſibilidade com que naſcem naõ ſoffreria bem o rigor da agua fria, muito principalmente de Inverno; e naõ deixa de haver obſervações funeſtas de convulsões, cauſadas pelo anticipado, e indiſcreto uſo dos banhos frios.

CAPITULO V.

A utilidade dos banhos frios provada pela razaõ, pela prática dos Antigos, e pelo exemplo dos póvos do Norte.

BEm contempladas as propriedades da agua fria, e da quente, manifeſtamente ſe conhece que os effeitos daquella devem ſer oppoſtos aos deſta. A fria corrobora, e dá tom á fibra animal; a quente a relaxa, e enfraquece exceſſivamente. Naõ he pois indifferente o applicar os banhos de huma, ou outra, como por miſeria ainda hoje em dia alguem penſa. He neceſſario o exacto conhecimento do eſtado do corpo, a que ſe haõ de applicar. A fibra das crianças he molle, froxa, e quaſi ſem acçaõ; pelo que mal ſe póde accommodar com os continuados banhos da agua morna, que lhes augmenta a ſua natural languidez, e inercia. Saõ-lhes logo unicamente applicaveis os da agua fria, que ſeguramente emendaõ aquelles defeitos inſeparaveis da ſua primeira organizaçaõ. Iſto em quanto ao que ſimplesmente dicta a razaõ.

Si-

Sigamos exactamente este uso, se quizermos desde logo dar huma tempera rija ao corpo das crianças, e fazellas insensiveis á intemperie das estações. A seu tempo tambem os poderemos gradualmente ensinar a soffrer o ardor dos mais quentes dias do anno, para que em todas as circunstancias, em que pelo decurso da vida se acharem, supportem sem trabalho o excessivo rigor do frio, e o ardor do Sol.

Mas esta saudavel prática será sem dúvida embargada pela cega ternura das mãis, que resguardando seus filhos até do mesmo ar puro, os vaõ dispondo a serem mais melindrosos, que o vidro. Enganai-vos, mãis crueis, pois por mais que confieis na vossa riqueza, e estudado melindre, naõ os podereis libertar das leis da natureza. Ellas abrangem a todos; e se algum escapa, he só aquelle que naõ procura fugir-lhes. Procurais, he verdade, poupar-lhes o pequeno incommodo de hum banho de agua fria. Para que se naõ constipem, dizeis vós, tragamo-los sempre abafados: o calor he quem os cria. E com effeito conseguís trazellos pouco menos que em huma estufa; mas quanto o naõ sentiráõ, quando se virem froxos, languidos, sem aquelle vigor, e alegria, que só póde dar a saude? Ensinai por tanto a vossos filhos a supportarem com igualdade de animo aquillo, que depois naõ poderáõ evitar. Preparai-os anticipadamente a todos os accidentes, que pela mobilidade das cousas, ou pela encadeaçaõ dos succeſſos, se levantaõ no meio das maiores felicidades. Este será o melhor patrimonio, que lhes podereis deixar.

Naõ he muito para admirar que depois de hum mez se vaõ insensivelmente costumando as crianças ao toque da agua fria, quando os antigos (*) Germanos, e os (**) Celtas hiaõ mergulhar seus filhos na corrente

(*) Galeno. (**) Aristoteles na sua Politica.

te de hum rio, logo que sahíaõ do utero, pertendendo assim conhecer a força do recemnascido, bem como aquelle que para dar tempera ao ferro, o mette em braza dentro da agua fria. Estes eraõ, diz Galeno, aquelles corpos, cuja estatura, e robustez faziaõ espanto aos Romanos. Mais do que isto fazem no Brasil alguns Gentios; pois consta que as mulheres immediatamente acabaõ de parir, vaõ com seus filhos recemnascidos metter-se na corrente dos rios. Estes saõ aquelles homens, cuja força, e vigor admiráraõ os Europeos, e ainda hoje em dia se admiraõ.

He porém grandissimo absurdo querer sem limitaçaõ imitar o exemplo destes póvos, tendo nós hum genero de vida taõ differente. Os nossos corpos taõ pouco capazes de soffrer a impressaõ de hum frio repentino; a nossa vida molle, e delicada; a nossa educaçaõ, que naõ he certamente para comparar com a das mulheres daquelle tempo, nos fazem perder todas as vantagens, que prudentemente se poderiaõ esperar destes primeiros banhos. Seria preciso ter a mesma robustez de fibra, que tinhaõ os filhos daquelles antigos Celtas, e Germanos, para tirarmos de tal prática o mesmo fructo que elles. Vivamos do mesmo modo, e nossos filhos supportaráõ o que supportavaõ os seus.

Naõ só temos nos Antigos que notar, a respeito dos banhos frios das crianças; mas tambem sabemos que ainda os adultos, e velhos naõ receavaõ tomallos como remedios efficazes. Seneca, este Filosofo, cujas sentenças tem servido de texto aos mais consummados dos modernos, diz, que elle, se bem que muito entrado em annos, se servia delles pelo Inverno. Dir-mehaõ que talvez Seneca o fizesse levado da austeridade dos principios da sua Filosofia: embora assim fosse; o que faz ao nosso caso he a certeza, que dá de lhe fazerem beneficio. E que se dirá de Horacio? Sabemos

que-

que nenhuma Seita o arraſtava, e que naõ pertendia affectar as auſteridades dos Eſtoicos. Todavia elle nos affirma, que na força do Inverno ſe banhava em agua frigidiſſima (*):

Gelidâ cum perluor undâ
Per medium frigus.

Quem ſabe qualquer couſa da Hiſtoria Romana, naõ ignora, que o Medico Muſa curou a Auguſto da Phthyſica por meio de banhos frios. Os Romanos, em huma palavra, eſtayaõ taõ coſtumados a elles, e a paſſar de huma eſtufa ao ar gelado, que nos naõ devemos maravilhar de terem ſido inalteraveis ao vento, e ás tempeſtades, ao nevado Inverno, ou ao Eſtio mais ardente. Nenhum ſoldado na campanha era ouſado a abrigar-ſe da chuva, e das injúrias do tempo, ſem ficar com a nota de fraco.

Paſſemos aos póvos exiſtentes; que o ſeu exemplo tem mais força de inteiramente nos convencer. Todos os Authores do Norte, que fallaõ a eſte reſpeito, por huma bocca aconſelhaõ, e recommendaõ os banhos frios ás crianças, havendo a prudencia aſſima expoſta. Os Francezes enſinaõ quaſi todos o meſmo. Dos eſcritos ſe vê, que os Sabios deſtas Nações educaõ ſeus filhos, como aconſelhaõ aos mais que o façaõ. Quanto ao povo diz Mr. Grivel neſtes termos (**): Se eſte uſo foſſe contrario á ſaude, naõ veriamos no Norte de Alemanha, na Polonia, e na Ruſſia tanta gente, e ſobre tudo os Judeos, metterem-ſe homens, mulheres, e meninos de toda a idade nos rios deſtas frias regiões ſem reparo, nem eſcolha de eſtações. Que motivo os attrahiria a eſte hábito, ſe do banho frio lhes reſultaſſe o menor prejuizo, e ſe ao contrario nelle naõ achaſſem

(*) Liv. I. Epiſtola 15. (**) *Theorie de l'Education.*

naõ ſó utilidade, mas prazer? Sabemos que os Irlandezes banhaõ ſeus filhos com agua fria em todos os tempos. Com tudo menos ſenſiveis do que nós, nem tem ſaude menos firme, nem vida mais curta. Os Eſcocezes, que lavaõ os ſeus no rigor do Inverno, achaõ que a agua miſturada de gêlo lhes he mais proveitoſa. Iſto meſmo confirma Locke (*).

Em Portugal, ainda que raras peſſoas com as crianças uſem da agua fria, vemos que milhares de peſſoas adultas, por meio dos banhos do mar, e do rio, recuperaõ todos os dias huma ſaude vigoroſa de maneira, que os felizes ſucceſſos obſervados por todos, tem quaſi feito paſſar a abuſo eſte efficaciſſimo remedio em infinidade de moleſtias.

De tudo o referido legitimamente ſe conclue, que nada póde embaraçar o prudente uſo da agua fria para com as crianças. Eſta he ſem dúvida a voz da natureza; pois ſendo o parto huma obra natural, e ſendo preciſa a lavagem, ſegundo eſtá moſtrado, parece manifeſto que ſó devemos uſar da agua no ſeu eſtado natural, que he fria. A quente, a que podemos chamar naõ natural, ſó ſe deve applicar quando o corpo humano naõ eſtiver no ſeu eſtado natural. E por iſſo que contemplo entre nós as crianças recemnaſcidas fóra deſte eſtado, he que no primeiro mez aconſelho a agua morna, naõ ſeguindo neſte ponto a prática dos Celtas, e Germanos; porque he preciſo attender com madureza, e circumſpecçaõ ao eſtado actual dos habitantes da Europa, para vermos ſe em tudo lhes he applicavel a prática dos Antigos. Acaſo terá degenerado neſta parte do mundo a eſpecie humana? Se degenerou, devemos fugir de algumas, e moderar muitas das criſes, que aos noſſos antepaſſados eraõ ſaudaveis. Iſto tem

(*) Tratado da Educaçaõ.

tem tanta influencia no preſente objecto, e em toda a economia animal, que me parece muito acertada a averiguaçaõ deſtes problemas.

CAPITULO VI.

A eſpecie humana tem degenerado, e ſenſivelmente degenera na Europa, e porque motivos.

A Conſtituiçaõ dos Alemães, a melhor talvez de todos os póvos da Europa, hoje em dia muito pouco correſponde á idéa terrivel, que nos dá Tacito daquelles vigoroſos Germanos, cuja principal educaçaõ ſó tendia á fortificar o corpo, para ſe fazerem mais valentes, e temidos de ſeus inimigos. Quanto naõ differem os Francezes de hoje dos ſeus primeiros pais, cujo retracto nos deixou hum digno Eſcritor na ſeguinte fórma (*): Os Gallos eraõ de figura agigantada; os ſeus tumulos, e os ſeus oſſos no-lo moſtraõ. Daqui ſe póde ver quanto a eſpecie tem degenerado, e que diminuiçaõ ſe tem feito de dia em dia nas forças, e faculdades da noſſa naçaõ. ,,

Os noſſos Portuguezes, a fallarmos ſem paixaõ, já naõ ſaõ aquelles bravos, e intrepidos ſoldados, que ſó com o ſeu nome faziaõ eſpanto aos póvos mais teimoſos na guerra. Quaõ raros ſaõ hoje os ſoldados, que podem manejar os inſtrumentos bellicos daquelle feliz tempo.

Se em fim lançarmos os olhos para eſtas formoſas eſtatuas, que eſcapáraõ á voracidade do tempo desde a mais remota antiguidade, acharemos que ſendo os olhos, bocca, e as de mais partes, que naõ podiaõ mudar, quaſi as meſmas que as de hoje, todas tem as eſpadoas mais largas, os braços mais groſſos, as per-

(*) Mr. Laureau *Hiſtoire de France avant Clovis.*

nas muſculoſas, em huma palavra, todas tem hum caracter de virilidade, que os mais habeis Statuarios do noſſo tempo lhes naõ dariaõ, ſem exceder a natureza. Ha por tanto toda a razaõ para affirmar, que a eſpecie humana ſenſivelmente degenera na Europa. E que motivos cauſaráõ eſta mudança? He provavel que ſejaõ os ſeguintes.

A invençaõ da polvora, que reduzio toda a arte militar a principios, foi a epoca em que ſe entrou a deſprezar a Gymnaſtica, fazendo-ſe huma revoluçaõ conſideravel na educaçaõ da mocidade, que ſe naõ applicou como dantes a adeſtrar-ſe na carreira, e avigorar o corpo por meio dos muitos jogos, que os antigos conſervavaõ.

A economia politica dos Eſtados da Europa, talvez terá concorrido em grande parte para eſta degeneraçaõ. Ha de preſente mais tranquilidade entre as naçõeſ vizinhas: ha homens pagos pelas Potencias, para defenderem ſeus Dominios, os quaes no tempo da guerra ſaõ vexados da miſeria, e no da paz corrompidos, e arruinados pela libertinagem: á ſombra deſtes, livres do cuidado de vigiar ſobre a ſua ſegurança, ſe eſtragaõ os outros em huma vida molle, effeminada, engolfados nos deleites, nos jogos, e em todo o genero de diſſipaçaõ.

Huma couſa quanto a mim mais forte, que as precedentes, e que vem de huma moda abominavel, he o perniciofo coſtume de naõ ſerem as crianças criadas com o leite de ſuas mãis; de ſerem ligadas com faxas apenas naſcem, e pelo tempo adiante com eſpartilhos, ſeguindo-ſe daqui hum modo de educar abſolutamente oppoſto ás viſtas da natureza.

O coſtume de algumas familias, que por ſyſtema naõ caſaõ fóra de hum pequeno círculo de peſſoas, tem nellas feito notavel degeneraçaõ. A experiencia tem moſtrado, que o meio de conſervar naõ

ſó

ſó a eſpecie humana, mas tambem a dos outros animaes, he cruzando as raças; e quem for reflectindo verá, que aquellas peſſoas que naſcêraõ de nacionaes com eſtrangeiros, ou de nacionaes de differentes Provincias, ſaõ mais bem figuradas, mais ageis, e de mais eſpirito. Os homens curioſos de cães, cavallos, &c. tem ſummo cuidado em cruzar as raças. E he crivel que nós cuidemos em melhorar a raça dos outros animaes, deixando quaſi de propoſito degenerar a propria eſpecie? He o que naõ poderiamos crer, ſe o naõ viſſemos com os proprios olhos.

A habitaçaõ pouco ſaudavel de muitas ruas, e bairros das grandes Cidades; o luxo de ſeus habitantes, que tem introduzido mil officios, e artes contrarios á ſaude já pela vida ſedentaria, já pela má poſtura do corpo, devem entrar em conta. As longas navegações excitadas pela fome das riquezas, e pela ambiçaõ de imperio naõ tem concorrido em pequena parte.

As duas novas, e terribiliſſimas enfermidades deſconhecidas dos antigos, e que ſervem de univerſal flagello no ſeculo preſente, as Bexigas digo, e o mal venereo, que grandiſſima parte naõ tem neſta noſſa degeneraçaõ?

As meretrizes taõ diſſolutas, e contaminadas nas grandes povoações, ſaõ certamente os patibulos, aonde milhares de mancebos valentes, e robuſtos vaõ cegamente dar inevitavel garrote á ſua ſaude. Se foſſe poſſivel evitallas, lucrariaõ muito os Eſtados; ſenaõ, devêraõ vigiar ſobre a ſaude deſtas funeſtas, e miſeraveis mulheres.

Porque naõ ſeraõ tambem os charlatões, os mezinheiros, que em boa paz, e recebendo dinheiro, ſaõ verdadeiros aſſaſſinos do povo credulo? Porque naõ ſeraõ aquelles, que ſabendo apenas abrir huma veia, ſe encarregaõ de curar as mais delicadas moleſtias? E

ſi-

finalmente, porque naõ ſerá a meſma Medicina manejada por mãos temerarias, e vulgares o quotidiano agente deſta manifeſta degeneraçaõ? He evidente que o modo de a evitar, ou ao menos de a diminuir, he naõ pôr em prática nenhuma daquellas couſas que a produzem: mas quaõ difficil he deſarraigar coſtumes, que envelhecêraõ já com noſſos pais!

CAPITULO VII.

Como ſe devem veſtir as crianças, e os abuſos que ha a eſte reſpeito.

SÓ á força de nos obſtinarmos em huma voluntaria cegueira, he que podemos deixar de conhecer a ſumma debilidade, e delicadeza das crianças recemnaſcidas. Baſtaria reflectir hum inſtante no modo, por que ellas ſe conſervaõ nove mezes no utero. Fomentadas pelo calor materno, e mettidas no meio de hum liquido temperado, e doce, requerem da parte dos pais, ou aſſiſtentes exactas providencias na paſſagem, que fazem daquella ſituaçaõ para a noſſa atmosfera. He pois impoſſivel que naõ eſtranhem muito eſta repentina mudança: por iſſo Mr. Armſtrong tanto recommenda o cuidado de as livrar, quanto he poſſivel, da impreſſaõ do ar; o qual, ainda que ſeja quente, ſempre o he menos que o liquido, em que até entaõ nadáraõ: e tudo era neceſſario para ſe naõ perturbar a economia animal de huma máquina taõ melindroſa.

Eſta delicadeza naõ ſó ſe manifeſta ao naſcer, mas dura muitos mezes. He porém de admirar, que conhecendo todos o eſtado de melindre, em que naſce huma criança, a queiraõ apertar, e cingir com rôlos de faxas, ou volvedouros debaixo do vaõ pretexto de a fortificar. Ella quando naſce naõ he mais, por aſ-

aſſim me explicar, do que hum compoſto de vaſos ſobre maneira tenros, pelos quaes devem continuamente correr liquidos, que ſem perturbaçaõ ſe diſtribuaõ por todo o corpo. He por tanto bem facil de ver quanto ſerá nociva qualquer preſſaõ mais forte em huma máquina, que pouco antes eſtava cercada de hum fluido taõ apropriado.

Geralmente clamaõ todos, que a criança he fraca, e he preciſo fortificalla. Aſſim he; mas deſgraçadamente os meios que ſe tomaõ, ſaõ pelo commum contrarios ao fim pertendido. Se huma criança recemnaſcida he fraca, naõ eſtá por entaõ em noſſa maõ o vigoralla: a natureza com o andar do tempo he quem o ha de fazer. O mais que podemos conſeguir he naõ contrariarmos as ſuas tenções, mas ſim eſtudallas, para as ſeguirmos paſſo a paſſo.

A natureza no utero materno conſervou ſempre o feto em liberdade: e com iſto nos enſina que depois de naſcido lhe deixemos os membros livres, e o corpo deſapertado, para que ſe vá fortificando com ſeus pequenos movimentos. Eſta meſma liberdade ſe nos inculca pelo ſeu natural inſtincto; pois vemos que chorando muitas vezes huma criança em quanto eſtá veſtida, logo que a deſpem naõ ſó ſe cala, mas dá manifeſtos ſinaes de contentamento, e ſatisfaçaõ.

Seguindo pois os dictames da natureza, a regra que a eſte reſpeito ſe póde eſtabelecer he, que os veſtidos de nenhuma ſorte devem conſtranger as crianças, nem por apertados, nem tambem por demaziados. Cada naçaõ tem ſeu differente eſtilo de as veſtir. O que ſe pratica em Portugal naõ he máo, reformados primeiro alguns abuſos.

Commummente ſe veſte huma camiſinha aberta por diante, a qual ſe volta para ſima por ſe naõ ſujar, e ſer mudada a miudo; põem-ſe depois huma fralda, que deve cubrir o oſſo ſacro, ou fundo do eſpinhaço,

ço, nadegas, até quaſi aos pés. Eſta fralda em humas terras he de panno de linho já uſado por ſe dar melhor com o corpo; e em outras de huma baetinha branca, e muito macia. Ajuntaõ hum cueiro de baeta quaſi do meſmo tamanho; e por ſima de hum maior tambem de baeta, que vem desde os ſovacos a cubrir muito os pés. Eſte cueiro, á differença do outro, ſobrepõe á roda da criança, e he depois contido por huma faxa, ou volvedouro, que dá algumas voltas ao redor do ventre, e peito. Nos braços mettem huns manguitos, que ſe prendem nas coſtas de hum a outro com fittas.

Eſte modo de enfaxar he commodo; porque facilmente ſe podem alimpar as crianças ſem o trabalho de as veſtir de cada vez que ſe ſujarem: mas he preciſo reformar alguns prejuizos introduzidos pela ignorancia; e ſaõ I. que de modo nenhum ſe devem ligar os braços debaixo do volvedouro, como vulgarmente coſtumaõ pelo eſpaço dos oito, ou quinze primeiros dias, a titulo de aſſim lhes darem força nos bracinhos: eſte coſtume, além de barbaro, he oppoſto ao fim pertendido; pois delle naõ ſó reſultaõ aleijões, que depois ſe imputaõ a outras cauſas; mas até verdadeiras paralyſias. O modo de os vigorar he deixallos em liberdade. II. o volvedouro naõ deve dar muitas voltas, as quaes naõ devem paſſar de duas até tres, ſegundo a ſua largura: e ſobre tudo deve haver a prudencia de o deixar largo, de maneira, que ſó ſirva de conter, e ſegurar os cueiros, e nunca de fazer o corpo delicado, como erradamente pertendem (logo direi os damnos que naſcem deſte aperto). III. tanto os cueiros, como o volvedouro, nem ſempre devem ſer de lã. Deve-ſe regular iſto pelas eſtações; mas he melhor que o volvedouro ſeja ſempre de fazenda ligeira.

Eſte modo de enfaxar, havendo as cautelas mencionadas, parece-me conforme ao que requer a natu-

re-

reza ; porque ſendo o volvedouro largo , anda a criança á vontade , e fica ſempre ſuſtentado o cueiro pequeno , e a fralda , que devem ſer reformados , logo que a criança preciſe , ſem o incommodo de a eſtar ſempre deſpindo. O cueiro mais pequeno naõ he inutil , como talvez parecerá ; porque como eſte naõ paſſa do oſſo ſacro , muito facilmente ſe mette , e tira , e embaraça além diſto que o maior ſe ſuje : por iſſo deve ſer ſempre de baeta.

Além do que fica dito , a reſpeito de nunca ſe ter a criança de modo nenhum conſtrangida , devemos attender igualmente a duas couſas eſſenciaes á felicidade da ſua conſervaçaõ ; que ſaõ a muita limpeza , e que todo o ſeu fato ſeja ſempre muito enxuto , aſſim como tambem o enxergaõſinho do berço : para o que haverá mais de hum , para melhor ſe revezarem ; e deveráõ ter grandes aberturas para ſe enxugar bem a palha , havendo cuidado de a renovar de tempos a tempos. Crianças nunca devem dormir ſenaõ em palha. A pouca attençaõ , que ſe dá ao que fica expoſto , faz que a livre tranſpiraçaõ ſe perturbe ; que venhaõ defluxos , diarrheas , excoriações nas virilhas , e nadegas ; o que tudo atormenta horrivelmente eſtas pequenas , e muito ſenſiveis creaturas.

Algumas Commadres fazem huma cataplaſma , a que chamaõ eſtopada , que he a miſtura de hum ovo com vinho , na qual ſe enſopa huma eſtriga de linho , e com ella ſe cobre a cabeça da criança , atando-ſe por ſima hum lencinho. A razaõ , que coſtumaõ dar he , que iſto compõe , e fortifica a cabeça : razaõ futil , e taõ pouco convincente , que eſte coſtume por ſi meſmo eſtá quaſi eſquecido. Depois de lavada a cabeça , naõ ſe lhe deve pôr nada , nem taõ pouco pertender endireitalla com as mãos , ſegundo o vaõ capricho deſtas mulheres ignorantes do ſeu officio. O mais que ſe lhe deve pôr , he hum barretinho , ou touca de

panno branco, que naõ aperte a cabeça, mas que a cubra. Tudo o que paſſar daqui he nocivo; porque, além de ſe pegar eſta maſſa ao cabello, que depois ſe naõ tira ſem cuſto, he hum capacete, que embaraça a tranſpiraçaõ, e póde cauſar damnos de maior cuidado.

Vem agora a propoſito o fallar de hum prejuizo muitas vezes funeſto; e he que dous, ou tres dias depois do naſcimento algumas crianças tem os peitos inchados, duros, e doridos por effeito de hum humor ſemelhante a leite. Neſte caſo coſtumaõ as Commadres preſumidas de mais eſpertas, eſpremer o dito humor, ſem ſe condoerem dos ſinaes de dôr que moſtraõ eſtes innocentes. Tem para ſi, que lhes fazem grande beneficio; mas infelizmente os effeitos ſaõ contrarios; porque, além dos tratos que lhes fazem, daqui ſe originaõ inflammações difficeis de emendar, e que ás vezes deixaõ defeitos para o futuro. Quantas mãis ſe queixaráõ de naõ poderem criar ſeus filhos por falta de leite, ſem talvez advertirem que naõ foi da natureza que recebêraõ eſte mal, porém ſim da cega ignorancia daquellas, que por caridade as maltratáraõ? He tambem para lembrar que nunca ſe devem pregar os veſtidos com alfinetes; mas que ſó ſe uſará de fittas. Os alfinetes ſaõ muitas vezes a cauſa dos ſeus gritos repentinos, de doenças, e até de mortes. Mr. Underwood refere, que huma criança depois de chorar deſeſperadamente, cahio em convulsões, cuja cauſa nunca ſe póde deſcubrir, ſenaõ depois de morta; porque entaõ, tirando-ſe o barrete que ſe lhe deixou por cauſa da moleſtia, ſe vio que tinha hum alfinete cravado na molleira. Eſte unico exemplo he capaz de fazer abominar hum coſtume taõ perigoſo.

Naõ baſtará ter dito em geral, que as crianças nunca devem ſoffrer o menor aperto nos ſeus veſtidos, por ſer eſta a voz da ſimples natureza, que desde o prin-

principio as conſervou ſempre livres no ventre materno: he preciſo eſmiuçar hum pouco mais os funeſtos damnos, que provêm do aperto taõ geralmente feito a eſtas máquinas taõ delicadas. Em objectos de tanta ponderaçaõ até a prolixidade he permittida, e principalmente para com o povo, que mais ſe leva do temor dos males, do que da eſperança dos bens.

Com o aperto duas couſas pertendem as peſſoas, que cuidaõ deſtas miſeraveis innocentes, fazer-lhes o corpo bem feito, e dar-lhes força; mas ſuccede tudo pelo contrario. Os póvos a quem vulgarmente chamamos ſelvagens, talvez ſó por ſe affaſtarem menos da natureza, ſaõ pela relaçaõ de todos os viandantes os mais bem proporcionados, os mais bem feitos, e os mais robuſtos, e valentes. Entre elles naõ ſe vem nem aleijados, nem taõ pouco corcovados: todavia naõ criaõ ſeus filhos prezos, e conſtrangidos com faxas: livres, e contentes naõ ſupplicaõ com ſeus vagidos a liberdade de ſeus tenros membros. Eſta he a prática dos Japonezes, dos Indios, e de outros póvos da America meridional. Na Virginia, no Oriente, e em eſpecial na Turquia naõ ſe faz outra couſa: e naõ nos ſaõ elles ſuperiores na proporçaõ, e valentia? He facto conſtante. Se foſſe preciſa a arte para haver hum corpo perfeito, he manifeſto que naõ haveria hum ſó animal, de qualquer eſpecie que ſeja, bem conſtituido, e bem formado; pois ſabemos que todos ſaõ creados á vontade, e em plena liberdade. Só nós ſeremos exceptuados? Naõ duvido que haja quem o diga; porque tal haverá, que ſe dê por muito injuriado unicamente pelo compararem com hum animal.

Com o aperto dos veſtidos o ſucco nutritivo, que devia circular uniformemente por todo o corpo, achando reſiſtencia em certas partes, acode em maior quantidade para aquellas aonde a naõ encontra: eſta he a lei geral da circulaçaõ. Deſta deſordem da diſtribuiçaõ

do nutrimento reſulta, que humas partes haõ de creſcer mais do que outras, perdendo-ſe deſte modo o equilibrio da economia animal, e por conſequencia a ſaude, e em alguns caſos a propria vida. A cabeça, que eſtá como ſeparada do tronco, pela maior abundancia de ſucco nutritivo que recebe, ſe faz de huma grandeza monſtruoſa (*). Tem-ſe obſervado que as crianças, que foraõ creadas ſem aperto, tem a cabeça mais pequena, do que as que o ſoffrêraõ. Quem quer pois conhece o perigo que corre huma máquina em tal deſordem, quando da ſua proporçaõ, e equilibrio depende a ſua feliz conſervaçaõ.

Achando tambem o ſangue reſiſtencia nas partes comprimidas, de neceſſidade ha de refluir para as internas. Diminue-ſe por conſequencia a tranſpiraçaõ inſenſivel taõ neceſſaria á ſaude; e dahi vem o augmento de todas as outras ſecreções, e excreções: augmentaõ-ſe a ourina, a evacuaçaõ do ventre, o muco do nariz, e dos bronchios, &c. Iſto he deſordem; e della ſó devemos eſperar moleſtias.

Para que venhaõ a ter figura delicada, e esbelta, no peito, e na cintura he aonde fazem maior aperto: e eſta he juſtamente a parte, aonde o podiaõ fazer com maior damno, por conter entranhas eſſenciaes á vida. Apertado o peito, o bofe naõ ſe póde dilatar perfeitamente; por conſeguinte nem ſe póde bem nutrir, nem creſcer. Daqui provém neceſſariamente a debilidade deſta precioſa entranha, que tanto influe na debilidade, e deſordem do todo. Eſta juntamente com as aſſembléas, aonde ſe reſpira hum ar abafado, e meſitico, e com o abuſo das bebidas da moda, he a principal origem de tantas peſſoas phthyſicas, e doentes do peito, como taõ geralmente ſe vem hoje em dia em Lisboa.

O

(*) Vandermonde, tom. 2. pag. 17.

O eſtomago da ſua parte naõ padece pouco. Aperta-ſe a cintura, comprime-ſe o eſtomago, e ſuccede-lhe o meſmo que ao bofe: naõ ſe nutre perfeitamente, naõ creſce, como devêra, e vem daqui a ſua debilidade. Naõ ſerá eſta huma das principaes cauſas de tantas doenças de eſtomago, que hoje ſe obſervaõ em eſpecial no bello ſexo? E quem ignora que havendo hum máo bofe, e máo eſtomago naõ póde haver ſaude?

A' viſta de males taõ manifeſtos, taõ vulgares, e grandes, naõ ſeria temeridade eſperar inteira reſórma ſobre eſte prejuizo cruel, ſe por outra parte naõ ſoubeſſe, que he mais facil conquiſtar hum Reino, do que deſarraigar abuſos, que tem por defenſores a moda, e o capricho. A eſtes males, cauſados pelas faxas, e que comprehendem ambos os ſexos, ſe ſeguem os que fazem os eſpartilhos, principalmente nas meninas; mas chega a tanto a indiſcriçaõ, e barbaridade de alguns pais, que até praticaõ o meſmo com os meninos, em quanto naõ chegaõ a certa idade. Quem o creria, ſe o naõ viſſe!

CAPITULO VIII.

Do quanto diz reſpeito ao modo de nutrir as crianças.

ARTIGO I.

Se deve mammar logo na mãi ; e quando ha de ſer a primeira vez.

ALguns tempos antes do parto já ſe obſerva nos peitos hum liquido , que de dia em dia ſe vai fazendo amarellado ; e he o que ſe tira , mugindo nos primeiros tres dias do parto. No quarto he que ordinariamente acode hum leite muito delgado , e a que bem podemos chamar ſôro ; e eſta affluencia de leite vem pelo commum acompanhada de alguma febre , que muitas vezes dá que fazer pelos erros dieteticos commettidos nos primeiros quatro , ou ſinco dias ; porque aſſentando-ſe geralmente que a parida preciſa de muita ſubſtancia pelas evacuações do coſtume , a enchem de caldos gelatinoſos , de fatias , vulgarmente chamadas , de parida , couſa indigeſtiſſima , e de quanto ſe crê póde dar força. Ao meſmo paſſo que neſtes primeiros dias ſe deveria fugir de carnes , deſſes caldos de ſuſtancia , &c. contentando-ſe com as hervas , e fructas da eſtaçaõ , e quando muito , por attender ao coſtume dos Portuguezes , com algum caldo de gallinha muito ligeiro. Se aſſim ſe fizeſſe , eſtou bem certo de que naõ haveria tantas deſgraças ſobre partos. Mas iſto pede hum diſcurſo particular , que bem merece a attençaõ dos Medicos.

Eſte liquido amarellado , que já na occaſiaõ do parto ſe obſerva nos peitos , e depois o leite foroſo ,

que

que acode ao terceiro, ou quarto dia, vem a ſer o purgante com que a natureza quer que ſe purguem os recemnaſcidos; porque todos trazem mais, ou menos quantidade de certo humor (*) viſcoſo, que lhes forra o eſtomago, e os inteſtinos; o qual deve ſer exactamente evacuado, porque da falta deſta evacuaçaõ ſe originaõ enfermidades, que ás vezes ſaõ mortaes. Todos os outros animaes, governados taõ ſómente pelo inſtincto, iſto he, pela voz da natureza, mammaõ, aſſim que podem, o primeiro leite das mãis que os criaõ, o qual pouco a pouco lhes vai limpando as primeiras vias deſte humor aſſima dito, que em quaſi todos ſe obſerva, ſem de tal receberem o menor damno; e como o poderiaõ receber da exacta obſervancia dos dictames da natureza! Por huma perfeitiſſima analogia dizemos, que o remedio deſtinado por eſta ſábia guia he o primeiro leite da mãi, o qual em tudo correſponde ás ſuas intenções.

Outro qualquer leite he improprio, e damnoſo, naõ ſó por naõ ter a preciſiſſima virtude de purgar, mas tambem por ſer mais groſſo, e nutritivo, e por iſſo ſuperior ás forças de hum eſtomago ainda em extremo debil. Mas por deſgraça perſuadida muita gente, de que a natureza he em tudo comnoſco diminuta, e até oppoſta, ſuppõem eſte primeiro leite venenoſo: pelo que recommenda, que as mãis o lancem fóra; e, fiada nos ſeus expedientes, aconſelha certas drogas, e remedios, de que faz depender a felicidade deſtas miſeraveis creaturas, ſacrificadas ao capricho, e á ignorancia até de huma parteira. Eſtes remedios variaõ ſegundo as Provincias; porque em humas he a gemma de ovo com aſſucar, em outras o xarope de xicorea compoſto, ou ſimples, e em outras mel com huma pin-

(*) Em termos facultativos Meconio, e vulgarmente Feſſado.

pinga de agua , &c. De tudo iſto o mais innocente he o mel : naõ ſerá porém muito melhor uſar daquillo que a natureza nos offerece ? Para que havemos de ſuppôr que todas as crianças naſcem logo ſujeitas ao imperio da Medicina curativa ? Sigamos os paſſos da natureza ; conformemo-nos com os outros animaes , e ſeremos taõ felizes , como elles. Iſto todavia naõ he dizer , que deixará de haver hum , ou outro caſo , em que ſeja logo preciſo uſar de alguns remedios ; mas iſto deve ſer por conſelho de Medico muito habil , e naõ por coſtume , ou arbitrio de huma parteira. Vamos ver quando deve mammar a primeira vez.

Na ſuppoſiçaõ de que o primeiro leite he ruim , quaſi geralmente ſe recuſa nos primeiros tres dias dar de mammar á criança , a pezar dos ſeus vagidos , e dos ſinaes com que o pede. Iſto he huma ſem razaõ , e ſem dúvida deshumanidade. A natureza ſepára o leite , a criança buſca-o anciosamente ; mas a rebeldia , e dureza de quem a tem a ſeu cargo , lho nega. Os Adminiſtradores do Hoſpital das paridas em Londres foraõ os primeiros que em Inglaterra ordenáraõ , que as crianças houveſſem de mammar , logo que pareceſſem deſejar a mamma , que he ſempre dez , ou doze horas depois do parto ; e conheceo-ſe bem no Hoſpital o fructo deſta prática , até entaõ deſprezada. Todos os Authores , que tem em noſſos dias eſcrito de partos , o aconſelhaõ. Todos os animaes , com o ſeu exemplo , no-lo eſtaõ enſinando. Finalmente a razaõ o dicta , e devemos obedecer a ſeus mandos. Naõ podemos por tanto deixar de conſentir que as crianças mammem , logo que peguem no peito , ſem fazermos violencia á natureza , donde naſce naõ ſó o prejuizo da criança , mas tambem o da mãi , como logo ſe moſtrará.

ARTIGO II.

Todas as mãis saõ obrigadas a criar seus filhos.

TOda aquella mãi, que, sem causa mui justa, deixa de criar seus filhos, ultraja a natureza, que he nesta parte obedecida de todos os outros animaes, que constante, e carinhosamente criaõ os seus. Aquella que procede de outro modo, he verdadeiramente meia mãi; porque deixa a sua obra imperfeita, e ainda em menos de meio caminho. He verdade que o nutrio no seu ventre por nove mezes, mas entaõ naõ estava em sua maõ deixar de o fazer: depois que o vê, e que o ouve supplicar o alimento, que a natureza providamente lhe prepara, quasi sempre com pretextos frivolos se obstina, e ensurdece aos seus clamores.

Ninguem pense que he indifferente á criança o ser creada com o leite da mãi, ou com o de outra mulher estranha. Naõ he preciso reflectir muito para conhecer a importancia deste objecto. Depois de ter sido alimentada por espaço de tantos mezes pelo proprio sangue da mãi, he evidente que entre ambas ha huma perfeita analogia; e que o leite preparado pelos orgãos do mesmo corpo, de quem recebeo o primeiro alimento, lhe he o unico conveniente, dado pela natureza, e preferivel a outro qualquer. Esta semelhança, confessada por todos os Medicos, que escrevêraõ a este respeito, naõ he fructo de huma imaginaçaõ esquentada, pois tem todos os caracteres de verdade. Para prova do quanto influe basta ver, que se o feto de huma cabra (*) for nutrido com o leite de huma ovelha; e que se o desta for creado com o leite de huma cabra, a lã da ovelha será mais aspera, e o cabel-

(*) Aulo Gellio: *Dissertatio Favorini Philosophi.*

lo da cabra mais macio, do que saõ ordinariamente. Ainda mais, lançando os olhos para o que se passa no reino vegetal, facilmente se descobre que a fortaleza das arvores, e que a excellencia dos fructos dependem sempre da qualidade das aguas, e da terra, que lhes ministraõ a sua nutriçaõ de maneira, que huma planta fructifera, e excellente em hum terreno, será esteril, e sem prestimo transplantada para outro differente.

Pois se isto succede em toda a natureza, como se julgará indifferente o mammar huma criança o leite de sua propria mãi, ou o de huma ama mercenaria, que, além de nunca lhe poder ser taõ proprio, he mil vezes contaminado de molestias, que infallivelmente passaõ ás pobres innocentes, as quaes muitas vezes se occultaõ, para a seu tempo se manifestarem com mais violencia, e entaõ se attribuem a causas mui diversas. Naõ só arriscaõ a saude de seus filhos aquellas mãis, que indiscretamente se dispensaõ da sagrada obrigaçaõ imposta pela natureza; mas tambem expõem a grandissimo perigo as suas qualidades moraes; pois talvez seja da razaõ, e da experiencia, que da qualidade do leite, que tomaõ os primeiros mezes depende muito o seu caracter futuro. Naõ nos admiremos pois, se tantas mãis honestas, e virtuosas tem o descontentamento de se verem reproduzidas em filhos pouco dignos dellas. Virgilio já conhecia isto taõ claramente, que querendo pintar hum coraçaõ duro, e deshumano, disse:

Hyrcanæque admorunt ubera tigres.

Hyrcanas tigres de mammar lhe deraõ.

Do exposto se vê que as crianças lucrariaõ muito, se fossem creadas pelas proprias mãis: agora vou mostrar, que he tambem muito do interesse destas o crea-

crearem seus filhos. Naõ trarei á lembrança aquella doce satisfaçaõ, que trasborda no animo de quem cumpre com as suas obrigações; nem a ternura filial taõ rara entre nós, e a que aliàs qualquer mãi tinha sempre o direito de aspirar, criando seus filhos; nem o desgosto de ver huma mãi, que seu filho foge, e com razaõ, para os braços de quem o cria, fazendo pouco caso dos seus carinhos. Tudo isto he summamente attendivel, e merece hum discurso particular; mas como pertence mais ao Moral, do que ao Fysico, prescindo desta parte, e passo a mostrar o que assima me propuz.

A que perigos se naõ expõe huma mulher, que, tendo para si que lhe he indecorosa a qualidade de ama de seu filho, he obrigada a seccar o leite? Este costume (*) he desconhecido das mais barbaras nações, e nunca foi praticado pelas mais civilisadas nos bellos dias de Roma, e da Grecia. O obstaculo repentino opposto á grande secreçaõ de leite em hum tempo, em que a fraqueza da mãi a faz incapaz de supportar hum aballo taõ violento, lhe he muitas vezes da mais funesta consequencia. A vida da mãi, em quanto dura a febre do leite, está em perigo imminente, além dos tumores, abscessos, e scirrhos, que ficaõ muitas e muitas vezes, e que sem difficuldade passaõ depois a cancros. De 4400 mulheres (**), que paríraõ no Hospital dos Partos em Londres, e que desde o primeiro dia deraõ de mammar, só quatro foraõ incommodadas do leite, mas naõ chegáraõ a ter os peitos aggravados.

A abundancia (***) com que o leite acode aos peitos he ás vezes taõ grande, que causa dores agudissimas. Faz-se espesso, e vem a formar obstrucções, scir-

(*) Gregory no seu Ensaio, pag. 51. (**) Idem, p. 51. (***) Dez-Essartz, pag. 183.

ſcirrhos, e cancros, que a arte quaſi nunca remedêa. Naõ achando ſahida pelos peitos, reflue para o ſangue, engroſſa-o, e produz huma plethora perigoſa, viſto o eſtado de debilidade da parida. Eſte (*) licor, naturalmente doce, eſcandecido pela ſua miſtura, e circulaçaõ com o ſangue, azeda-ſe, faz-ſe irritante, e accende o fogo de huma febre ſempre violenta, e muitas vezes mortal. Os olhos ſcintillantes, as dores vivas de cabeça, a frequencia, e força do pulſo, ſaõ ſinaes naõ equivocos da abundancia de ſangue, que accommette eſta parte, e que he logo ſeguida de delirio, e ás vezes até de huma apoplexia incuravel, &c.

Eis-aqui a linguagem deſtes, e de outros muitos reſpeitaveis Authores, que víraõ, e obſervaraõ todas eſtas funeſtas conſequencias. E qual ſerá o Medico, que naõ tenha viſto alguma couſa deſtas?

Deixo de parte o paradoxo de Vandermonde, que pertendia que todas as crianças ſe criaſſem com o ſeite de animaes. Ballexerd já o refutou, e agora naõ me canço em produzir razões contra eſte extravagante ſentimento; porque tenho para mim, como regra geral, que nunca nos affaſtamos dos caminhos, que evidentemente nos moſtra a natureza, ſem grande deterimento da noſſa parte.

Diraõ algumas máis (figura-ſe-me eſtallas ouvindo): Aqui eſtou eu, que tenho parido tantas vezes, e nunca experimentei nada diſſo. Poſſo reſponder com as meſmas palavras de Mr. Des Eſſartz, pag. 187: Confeſſo que algumas ha eſpecialmente favorecidas da Providencia, mas eſte número he mui pequeno: e quantas ha, que ſe julgaõ perfeitamente livres de todo o perigo das moleſtias ſubſeguidas aos partos, e que ſaõ depois attacadas de doenças teimoſas, cuja verdadeira ori-

(*) Naõ eſtamos pela Pathologia do Author, mas eſtamos pelos effeitos; e he o que faz ao noſſo caſo.

origem ſe deve buſcar nas deſordens, que entaõ ſoffreo a máquina na forçada repulſaõ, e extincçaõ do leite? Nunca ſe víraõ tantas enfermidades de languor, tantos hyſteriſmos, tantas Phthyſicas de todas as eſpecies, como desde o tempo, em que ſe introduzio o pernicioſo coſtume de ſe diſpenſarem as mãis do cuidado de crear ſeus filhos. E com que certeza diraõ eſtas ſenhoras, que nunca tiveraõ que ſoffrer, por haverem ſeccado o ſeu leite? Se cavarmos bem fundo acharemos, que, pelo commum, as moleſtias á primeira viſta novas, tem raizes muito antigas.

Naõ baſtaõ (continuaráõ a duvidar) as afflicções, os trabalhos, e as dôres, que ſupportamos no tempo da prenhez, e do parto? Que deſagradavel incommodo naõ he para huma mãi, o ter ſempre a ſeu lado huma criança, cujas neceſſidades a cada inſtante ſe renovaõ; e que lhe naõ deixa hum momento ſoccegado nem de dia, nem de noite? Reſponderei com o meſmo Author citado: Eſta frivola declamaçaõ contra huma obrigaçaõ taõ ſagrada, naõ tem ſem dúvida por verdadeiro motivo, ſenaõ o receio dos embaraços, que traz comſigo a creaçaõ dos filhos. Naõ queira Deos que, ſeguindo os ſentimentos do Doutor Harris, digamos, que as mãis ſacrificaõ as ſuas obrigações unicamente ao prazer de poderem com liberdade receber, e fazer viſitas; de ſe darem ſem conſtrangimento a todas as fantaſias da moda, e do coſtume; de correrem aos bailes, aos eſpectaculos, e aos paſſeios; de paſſarem em fim no jogo a maior parte da noite. Seria ſuppollas deſpidas de todos os ſentimentos naõ ſó maternos, mas até de humanidade; ſeria pollas abaixo dos brutos, cujo comportamento, a reſpeito de ſeus filhos, faria peijo ás ſenhoras de hoje, ſenaõ tiveſſem a deſculpa da preoccupaçaõ da moda, e do coſtume.

Se tomo a empreza de combater eſtes prejuizos, naõ he por me liſongear com a eſperança de fazer mui-

muitas ſectarias. Naõ ignoro que huma ſenhora que cria ſeu filho, he para o noſſo ſeculo hum fenomeno, que ſe caracteriza loucura; e que o receio do ridiculo ſuffoca todos os dias a voz da natureza, e da probidade: mas graças ao poder da sã Filoſofia! Sei de algumas ſenhoras de muita qualidade, as quaes movídas das perſuasões de verdadeiros Medicos, já ſe abalançáraõ a dar de mammar a ſeus filhos os primeiros dous mezes; e por fim ſe deraõ os parabens de o haverem feito, vendo-ſe mais convalecidas, do que em outros partos, e a ſeus filhos vigoroſos. Aſſim ſe principiará a deſterrar hum dos maiores males, que inventou o capricho contra a eſpecie humana. Mas quaõ diſtante vejo ainda eſta feliz época. Poſſaõ em fim as reflexões, que vou fazer, diſſipar o commum temor de naõ poderem com o pezo da criança, e fazellas tomar a generoſa reſoluçaõ de ſe portarem como verdadeiras mãis! A experiencia lhes fará ver claramente, que todos eſtes pertendidos eſtorvos, e que eſte conſtrangimento, naõ ſaõ mais que hum fantaſma, que a ternura da mãi fará inteiramente deſapparecer.

As mãis, que exhortamos a crear ſeus filhos, podem-ſe reduzir a duas claſſes: ou a fortuna lhes permitte terem ao pé de ſi huma ama ſecca, encarregada de toda a miudeza da creaçaõ; ou ſaõ obrigadas a cuidarem de tudo por ſi meſmas. Que fica para fazer ás primeiras? Nada mais do que appreſentar os peitos nas horas deſtinadas para iſſo, e vigiar ſobre a dita ama. Ainda que iſto meſmo pareça oppreſſivo, e incommodo, as regras, que adiante ſe exporáõ, ácerca do tempo em que ſe deve dar de mammar, diſpenſaõ as mãis do jugo, de que vulgarmente, e ſem neceſſidade ſe carregaõ. Seguindo eſtas regras teraõ todo o tempo de ver ſuas amigas, e de ſe divertirem. (*) As ſenhoras de Marſelha, que naõ

(*) Des-Eſſartz.

naõ conhecem pretexto para deixarem de crear ſeus filhos, naõ ſe privaõ das ſuas viſitas, e dos ſeus divertimentos honeſtos, pedindo-o a occaſiaõ.

Eſtá bem (ainda replicaráõ), ſupponhamos que tudo ſe ordena deſſe modo; mas como poderá huma pobre mãi delicada perder noites com o choro da criança? De neceſſidade ha de adoecer, e o leite ſe tornará veneno. A difficuldade diſſolve-ſe ſem trabalho. Huma vez que haja eſſa ama ſecca, póde dormir com a criança em hum quarto affaſtado da mãi; e ſó a incommodará aquellas vezes, que for preciſo dar-lhe de mamar. Todo o trabalho por tanto de huma ſenhora rica, ſe reduz unicamente a dar os peitos ao ſeu filho de certas em certas horas: e a ſuavidade, e ſatisfaçaõ, que ſem dúvida ha de achar neſte emprego, lhe cauſará maior prazer, do que aquelle que experimentaõ as outras nos mais brilhantes divertimentos. A ſegunda claſſe daquellas, que naõ ſaõ taõ bafejadas da fortuna, tem na verdade maior trabalho; eſtas porém ſaõ as que menos neceſſitaõ de conſelhos, para ſeguirem os dictames da natureza, porque a neceſſidade as obriga a obſervallos: mas a falta de prudencia, e diſcriçaõ lhes augmenta o trabalho, por crearem ſeus filhos ſem methodo, nem ordem, que depois ſe exporá.

Muitas mulheres finalmente fogem de crear os filhos (e muitos maridos ratificaõ as ſuas idéas), com o receio de ſe fazerem mais cedo velhas; mas iſto he engano manifeſto, pois dahi reſulta a multiplicidade de prenhezes, que de ordinario ſe ſeguem, ſem mediar aquelle tempo deſtinado pela natureza para o ſeu reſtabelecimento. Huma mulher, que naõ cria tem naturalmente hum filho quaſi todos os nove mezes. Eſte exceſſo debilita as ſuas forças, e lhe traz antes de tempo as enfermidades da velhice (*), e ſendo eſta diſpenſa

mais

(*) Gregory, pag. 54.

mais frequente entre as peſſoas de qualidade, como eſtas ſaõ de ſi mais fracas em razaõ do ſeu genero de vida, menos podem ſupportar eſta violencia feita á natureza.

ARTIGO III.

Quaes ſaõ as mãis que legitimamente eſtaõ diſpenſadas de crear ſeus filhos.

NAõ direi com hum célebre Author, que toda aquella mãi, que tem força para dar á luz hum filho, tambem a tem para o crear. A propoſiçaõ ſeria verdadeira, a naõ ſer taõ generica; porque ha circunſtancias, que fazem ás vezes a lactaçaõ abſolutamente impoſſivel; e que outras vezes a fazem nociva ou á mãi, ou ao filho, ou a ambos, como vou moſtrar.

De todas as modas, e coſtumes abſurdos, que tem abortado o vaõ capricho humano, nenhum ha taõ prejudicial, nem taõ deſarrazoado, como a commum introducçaõ das amas, alugadas para crearem filhos alheios; e tem-ſe feito taõ geral eſte peſſimo contagio, que até tem lavrado entre as peſſoas da mais baixa eſfera. Mas a moda he de ſua natureza taõ pouco apadrinhada pela razaõ, que ſempre a procuraõ cobrir com algum eſpecioſo véo de honeſtidade; pois quaſi todas recorrem á debilidade de conſtituiçaõ, e á inſufficiencia de forças para tamanho pezo. Para com algumas naõ duvido, que ſeja verdadeira eſta eſcuſa; mas a verdade he, que quaſi ſempre vem a ſer pretexto; e que a verdadeira cauſa he o naõ quererem confundir-ſe com a infima plebe, e naõ parecer menos que as outras de maneira, que por moda as ſenhoras hoje em dia ſó converſaõ nas ſuas indiſpoſiçõeſ de ſaude: a tanto póde chegar o deſvario da cabeça humana.

He

He ſem duvida que as mulheres da Cidades ſaõ de preſente delicadas, e debeis; iſto porém naõ naſce ſó da primeira educaçaõ; vem em grande parte do actual modo de vida froxo, e indolente. Se eſtiveſſem por tanto bem perſuadidas de que pelas leis ſagradas da razaõ, e da natureza ſaõ obrigadas a crear ſeus filhos, e que eſta deve ſer a ſua principal gloria, eſtou bem certo de que mudariaõ de vida, e de regimen, e de que entaõ ſe poriaõ em eſtado de cumprir com os ſeus deveres.

He taõ frivola eſta razaõ geral de debilidade, quando naõ ha maior fundamento, que para certas moleſtias he a lactaçaõ o mais efficaz remedio. Ella fortifica muitas vezes compleiçõeſ aſsàs delicadas: e baſta para prova obſervar (*), que huma mãi que cria tem huma ſaude mais robuſta, huma alegria mais igual, hum appetite mais conſtante, e a diſpoſiçaõ geral mais forte, e mais completa. Outra couſa bem digna de ſer notada, he o morrerem menos mulheres, em quanto criaõ, do que em outro qualquer tempo da ſua vida, á excepçaõ do da prenhez, no qual naõ he ordinario morrer huma mulher de doença, a naõ ſer occaſionada por violento damno externo. Deve-ſe pois examinar ſem paixaõ, ſe eſta debilidade, e delicadeza he, ou naõ hum juſto motivo para tal diſpenſa; e deveria eſperar-ſe a deciſaõ da bocca de hum Profeſſor habil, e nada contemporiſador, naõ ficando já mais a parida arbitra de tal negocio.

A lactaçaõ he abſolutamente impoſſivel; I. quando faltaõ os bicos dos peitos: II. quando ſaõ taõ molles, que eſfregando-ſe naõ enrigecem: III. quando ſaõ taõ delicados, que o meſmo chupar da criança lhes faça inflammações, e excoriações fortes: IV. quando ha inflammaçaõ, chagas, ſcirrhos, cancros nos peitos:

(*) Gregory, pag. 52.

V. quando saõ ou muito cheios de gordura, ou muito molles, e magros; porque tudo isto ou de todo estorva a secreçaõ do leite, ou deixa separar muito pouco.

He nociva á mãi, I. quando tem molestia de peito; porque entaõ facilmente entraõ a ter tosse, deitaõ sangue pela bocca, e cahem em phthysica; e se já houver alguma destas cousas, sóbe para logo de ponto: II. quando pela difficuldade do parto, ou por molestia actual, ou precedente estaõ exhauridas as forças: III. quando o systema nervoso he demasiadamente irritavel, demasiadamente digo, porque, segundo a observaçaõ de muitos Praticos, alguns temperamentos irritaveis, e hystericos com a lactaçaõ se corroboraõ: IV. quando da mesma lactaçaõ se origina huma grave molestia; pois quando esta he superior ás forças da lactante, vem a produzir (*) a febre hectica, hysterismo, suores, e grandissimas debilidades.

He nociva ao filho quando as mãis padecem molestias hereditarias, e contagiosas, como a gotta, alporcas, lepra, e quasi todas as doenças de pelle, epilepsia, &c. Naõ devem em tal caso crear as proprias mãis, para que se naõ confirme nos filhos alguma destas molestias. Exceptue-se porém o gallico; porque deste se cura o filho, curando-se methodicamente a mesma mãi.

He finalmente nociva a ambos quando as mãis ficaõ pejadas: á mãi, porque facilmente vem a abortar; ao filho, porque o leite depois da prenhez se diminue, e altera.

A Re

(*) Gaubio, *Instituições Pathologicas.*

ARTIGO IV.

Quaes ſaõ os meios de ſupprir eſta impoſſibilidade das mãis, e que condições deve ter a ama.

TEndo a mãi algum dos embaraços aſſima referidos, he evidente que ſe deve excogitar outro meio de alimentar a criança. Huns ſe lembraõ da papa feita de miollo de paõ, e leite, ajuntando huma gema de ovo: outros querem que ſeja preferivel a iſto o caldo feito da flor de farinha de trigo, ou centeio, bem ſecca ao calor do lume com o meſmo leite: outros em fim querem o ſimples leite de animaes; mas naõ concordaõ em qual delles deva ſer.

Qualquer dos dous primeiros methodos he inſufficientiſſimo, e ſó capaz de conſervar as miſeraveis crianças em tal eſtado, que depois ou morrem, ou vem a ſer ſempre doentes. Hum alimento ſuperior ás forças daquelles taõ delicados eſtomagos, neceſſariamente ha de ir fazendo continuadas indigeſtões: augmenta-ſe a debilidade natural, ſegue-ſe má nutriçaõ, vem depois obſtrucções do baixo ventre, magreza ſumma, e por fim diarrheas copioſas, que remataõ a ſcena tragicamente.

Eis-aqui as preciſas conſequencias de hum methodo taõ affaſtado das primeiras diſpoſições da natureza. O caldo feito com a farinha, e leite he muito mais damnoſo, que a papa de miollo de paõ; porque vem a ſer hum grude, que forra o eſtomago, e inteſtinos, e tapa os vaſos lacteos. Eſtou em dizer que ainda para huma peſſoa forte he comida pouco digeſta: que eſtragos naõ fará em huma criança taõ tenra, e delicada? He hum meio lento, mas ſeguro de a matar.

O methodo de crear com o leite de animaes, por

iſſo que ſe chega mais á natureza, he o que tem menos inconvenientes, os quaes a qualquer ſaõ manifeſtos, depois do que aſſima ſe expoz. Falta aquella devida proporçaõ do leite com o eſtomago da criança; falta a analogia; falta em fim ſer o leite chupado com a ſaliva naquelle gráo de calor natural, e ſem perda das partes, que ſe volatiliſaõ, quando ſe expõem ao ar. Vem a ſer por tanto o unico meio ſufficiente de ſupprir a falta da mãi huma ama com as condições, que ſe vaõ expôr.

A mulher, que ſe eleger para ama, deve ſer a mais ſemelhante, que for poſſivel, á propria mãi, naõ digo ſó no genio, e temperamento, mas tambem no genero de vida. Vulgarmente ſe aſſenta, que huma mulher do campo, robuſtiſſima, e creada com trabalhos pezados, he a melhor ama, ſem ſe attender á criança que tem de crear. Para conhecer que iſto naõ he verdadeiro em toda a ſua extenſaõ, baſta ver que o filho de huma tal mulher em nada ſe parece com o de huma creada nas grandes Cidades, e muito menos com o de huma ſenhora de qualidade. O da primeira tem todos os ſeus orgãos fortes, firmes, e elaſticos; o da ſegunda tem tudo pelo contrario. Naõ póde por tanto eſte delicado, e tenro dar-ſe bem com o leite que preciſa, para haver de ſe tornar util, de entranhas vigoroſas. O filho de huma camponeza perigaria muito, ſe foſſe alimentado com o leite de huma ſenhora delicada, ainda que foſſe ſádia: reciprocamente digo, que o filho deſta ſe dará muito mal, ſe for creado com o leite daquella. Tanto padeceria hum cortezaõ, que, paſſando ao campo, em tudo quizeſſe ſuſtentar-ſe á maneira dos camponezes; como aquelle, que, ſendo creado ruſtica, e groſſeiramente, vieſſe ás Cidades, e ahi inteiramente ſe alimentaſſe, como os que vivem regaladamente.

Naõ deve eſquecer aqui outro muito conſideravel in-

inconveniente, que ha em eſcolher ás cegas eſtas amas robuſtas, e muito exercitadas; qual he a repentina mudança que fazem vindo para as Cidades, naõ ſó na comida, mas tambem na falta do activo exercicio que faziaõ; mudança que de neceſſidade altera a ſua ſaude, o ſeu leite, e por conſeguinte a criança que houver de crear. Será por tanto a primeira condiçaõ na eleiçaõ de huma ama, que ella ſe chegue, quanto couber no poſſivel, ao temperamento, e ao modo de viver da mãi.

O requiſito, que Ballexerd pertende na ama, de ter o leite quatro, ou ſinco mezes, he oppoſto ao que a razaõ dicta, e ao que enſinaõ outros de naõ menos authoridade. O leite deve ſer proporcionado ás forças do eſtomago da criança; e iſto he o que faz a natureza, dando ás mãis nos primeiros mezes hum leite delgado, e pouco nutritivo, que depois vai de dia em dia engroſſando: pelo que o leite de ſinco mezes naõ convem a huma criança de poucos dias, ou ſemanas. Logo a regra verdadeira, e geral he, que o leite da ama diffira o menos poſſivel do da mãi.

O quererem algumas peſſoas que a ama tenha já parido duas vezes, he preocupaçaõ ſem fundamento algum. He o meſmo ſer a primeira, ou a terceira vez, com tanto que os outros requiſitos ſe verifiquem nella. Preſcindindo pois de outros prejuizos ſemelhantes, deve-ſe notar, que hum grande abonador, que póde dar a ama ácerca da ſua boa diſpoſiçaõ, he a criança que até entaõ tiver creado, a qual viſta, ſe paſſará ao exame ſeguinte.

A idade deve ſer de vinte até trinta e ſinco annos, por ſer eſte o intervallo, em que o corpo permanece no ſeu eſtado de perfeiçaõ ſem declinar.

O genio deve ſer alegre, e vivo, e ao meſmo tempo docil, e pachorrento, para que ſe naõ inquiete facilmente. He muito preciſo examinar ſe he aceada;

da ; o que ſe póde conhecer naõ ſó dos ſeus veſtidos, mas tambem vendo-ſe a criança que até entaõ criava, e ainda, podendo ſer, o interior da caſa. Obſervar-ſe-ha ſe o ſeu halito he agradavel ; ſe tem as gengives vermelhas, e a bocca guarnecida de bons dentes, porque iſto ſignifica, que tem humores de boa qualidade.

He melhor que tenha os cabellos pretos, e a côr morena, porque as louras, e brancas ſaõ de ordinario mais debeis. Devem-ſe excluir (*) as que tem o cabello ruivo, ou avermelhado, e a cara chêa de ſardas ; porque a ſua tranſpiraçaõ, e o ſeu halito cheiraõ a azedo, e o leite tem o meſmo cheiro, e corrompe-ſe com muita facilidade. Os peitos devem ſer de mediana grandeza, nem molles em exceſſo, nem taõ pouco duros ; chêos de leite, e naõ de gordura. Os bicos devem ſer proporcionados, nem muito pequenos, nem muito grandes, e nem groſſos de maneira, que prohibaõ a acçaõ de mammar commodamente : devem lançar o leite com facilidade, e esfregando-ſe haõ de ficar inchados, e rijos. O leite deve ſer branco, de ſabôr adoçado, e ſem cheiro. A conſiſtencia ſegundo os tempos ; porque o novo he mais chêo de ſoro ; e á medida que vai tendo mais mezes, vai inſenſivelmente engroſſando. Eſta meſma variedade ſe obſerva na côr, a qual gradualmente ſe faz mais e mais branca. A conſiſtencia media, e que deve ter depois dos quatro mezes, ſe conhece deitando huma pinga na unha horiſontalmente poſta : ſe o leite corre immediatamente, he final de ſer muito aguado ; e ſe voltando-ſe a unha naõ corre, he ſobre maneira groſſo. O meio pois he, que eſtando a unha direita ſe conſerve, e que inclinada corra logo.

Eſtes ſaõ os caracteres externos, que conſtituem hu-

(*) Ballexerd, pag. 45. Ambroſio Pareo, pag. 503. Dez-Eſſartz, pag. 209.

huma ama boa ; mas como nem ſempre baſtaõ , a ternura dos pais deve levar mais longe a ſua eſcrupuloſa indagaçaõ , informando-ſe particularmente ſe ha alguma noticia de haver na ſua familia doenças hereditarias ; e que moleſtias terá tido na ſua vida , a fim de ſe determinar o gráo da ſua ſaude , e a qualidade dos ſeus humores. Finalmente deve haver huma exacta inquiriçaõ dos ſeus coſtumes , os quaes , como já fica dito , paſſaõ com o leite a eſtas innocentes victimas.

Todo o mundo deveria ter grandiſſimo cuidado em reſpirar ſempre hum ar puro , porque ſem elle naõ ſe póde lograr ſaude ; mas com ninguem deve haver mais cuidado , do que com as crianças , que tenras , e melindroſas menos podem reſiſtir á infecçaõ do ar. Pelo que , ſuppondo que aquellas peſſoas , que podem ter ama em caſa , moraõ em bom ſitio , ainda a eſtas ſe deve advertir , que o quarto da ama ſeja bom , eſpaçoſo , bem arejado , e com Sol de Inverno : mas o coſtume he o contrario diſto ; pois de ordinario a ama com a criança dorme no quarto das criadas , que he o peor da caſa. Aquellas peſſoas porém , que , por menos teres , ſaõ obrigadas a deſterrar de ſeus olhos ſeus caros filhos , devem preferir huma ama do campo á da Cidade , unicamente pela melhoria do ar campeſtre. A habitaçaõ no campo , diz Ballexerd , he ſómente o que póde compenſar em parte os damnos que vem ás crianças , por naõ ſerem criadas pelas proprias mãis.

Authores ha , que inteiramente prohibem a quem cria , o uſo dos prazeres conjugaes ; e outros que o facilitaõ reputando o contrario , preoccupaçaõ popular. Pertender com aquelles total continencia de dous conſortes , que vivem juntamente , he querer quaſi hum impoſſivel ; aſſim como he oppoſto á razaõ o facilitarem eſtes hum livre uſo do matrimonio. No meio de pareceres taõ oppoſtos direi , que aquellas amas , que vivem com ſeus maridos , deveráõ uſar do privilegio con-

conjugal com prudente moderaçaõ ; querendo antes que huma mulher ſe exponha ao riſco de ficar pejada , do que haja de fazer violencias continuadas aos eſtimulos da carne. Aquellas porém que criaõ filhos alheos longe de ſeus maridos , ſerá melhor que fujaõ ſempre de taes occaſiões. Os pais lucraõ muito niſto , porque ſe naõ expõem á deſgraça de mudarem de ama huma , e outra vez por effeito das prenhezes , que facilmente podem vir ; ſe em tal caſo houver tanta fortuna , que ellas confeſſem que eſtaõ occupadas ; pois de ordinario , para naõ deixarem o intereſſe da criaçaõ , o encobrem , em quanto podem , vindo-ſe a conhecer talvez a tempo , em que a criança já recebeo os damnos de hum leite degenerado.

Aſſim como as amas naõ devem fazer exercicios violentos , aſſim a vida molle , e inerte lhes he muito nociva. Deve-ſe nada menos ter muita vigilancia nos alimentos de que haõ de uſar , os quaes deveraõ ſer ſimplices , e ordinarios : mas pelo commum ſe naõ attende a eſta eſcolha. O que ſe pertende he a abundancia de leite , e naõ ſe adverte que experiencias , e obſervações conſtantes tem moſtrado , que da qualidade dos alimentos depende a do leite , e que delle inteiramente provém o creſcimento , a ſaude , e avida das crianças.

Ellas , diz Boerhaave , pagaõ ſempre as faltas , que as amas commettem no regimen dietico. O remedio purgativo que ellas tomaõ , obra nas crianças ; e os licôres eſpirituoſos que bebem , fazem nas ſuas crias doenças perigoſas.

Eu vi , diz o meſmo illuſtre Hypocrates do noſſo ſeculo , hum menino de qualidade attacado de convulsões horriveis. A ama eſtava muito ſã , e no corpo delicado deſte menino nada achei , que foſſe cauſa de taõ cruel attaque. Notei ſómente , que a ama eſtava muito alegre , e como toldada de vinho. Perguntei-lhe , ſe o ti-

tinha bebido : reſpondeo-me, que ſim. Perguntei-lhe mais, a que horas tinha dado de mammar : diſſe-me, que logo depois de jantar. Certificado aliàs pelas ſuas reſpoſtas, que o menino paſſára até alli ſem moleſtia ; e combinando os arrôtos, e convulsões com a confiſſaõ da ama, vim no conhecimento de que o menino eſtava embriegado, doença quaſi ſempre mortal em idade taõ tenra ; e na verdade tive muito trabalho em o curar (*). Logo mais abaixo refere tambem o exemplo de outro menino, que morreo de huma ſuperpurgaçaõ occaſionada por hum purgante, que ſua ama tomára.

As mulheres pois que criaõ devem comer carnes freſcas (menos a de porco, principalmente enſaccada, ou defumada), hervas, e fructas da eſtaçaõ bem ſaſonadas ; peixe freſco, e de eſcama, legumes, ſe forem de eſtomago forte, e coſtumadas a elles. Finalmente devem fugir de tudo o que for ſalgado, eſtimulante, e eſpirituoſo.

Eſtou bem perſuadido, diz Boerhaave no meſmo lugar citado, que as bebidas eſpirituoſas (neſte número devem comprehender-ſe o vinho, os licôres, o café, o chá, e tambem os molhos de eſpeciarias) ſaõ huma cauſa frequente das doenças, que mataõ desde o berço tantas crianças de qualidade ; e huma cauſa ainda mais frequente da fraqueza, e languidez deſtas meſmas crianças.

He difficil, reconheço por experiencia propria, encontrar huma ama com todas as condições mencionadas ; mas quem deixou de achar embaraços quaſi invenciveis, logo que ſe aparta da ordem natural ? O mais feliz, e prudente he o que diminue a ſomma dos males. Por tanto ſou obrigado a fazer, ácerca do preſente Artigo, eſta ultima advertencia : que ſenaõ for

(*) *Prælectiones Academiçæ*, Tom. V. part. 2. pag. 449.

poſſivel achar-ſe ama com os requiſitos propoſtos, ou ao menos com os mais eſſenciaes, ſerá melhor dar á criança bom leite de animaes, do que máo leite de mulher; porque he melhor arriſcar, do que perder de certo: e he mais facil ter bom leite de animaes. Vejamos porém qual delles deve ter a preferencia.

Os leites mais uſados naõ ſó em Portugal, mas até nas outras Potencias, ſaõ de cabra, vacca, burra, e ovelha. A analyſe quimica, e a quotidiana experiencia tem moſtrado que elles tem entre ſi alguma differença nos principios conſtitutivos, abundando o de burra mais de ſôro, do que dos outros principios; o de ovelha de mais manteiga; o de vacca de mais queijo, e o de cabra he o que tem os principios mais proporcionados. Havendo pois eſta differença nos leites, e havendo-a tambem na conſtituiçaõ, e organiſaçaõ das crianças, he evidente que ſe naõ deve applicar indifferentemente qualquer delles.

Os filhos de pais ricos (*), pela maior parte, tem temperamento melancolico: elles ſaõ pelo commum pouco activos, algum tanto pezados, e ſombrios, &c. Se eſtas peſſoas quizeſſem criar ſeus filhos á maõ, fariaõ bem em preferir o leite de cabras. Eſte animal, vivendo ſó de plantas tenras, e aromaticas, em lugares elevados, e em ar puro, ha de communicar o ſeu eſpirito, balſamo, e doçura ao leite, e aos que uſarem delle. A experiencia nos enſina que eſte leite, além da qualidade nutritiva, he tambem refrigerante, e brandamente purgativo, e depois do de mulher he o mais doce, e diluente para o corpo humano. He pois com eſte leite que deveriaõ ſer creados os filhos da gente rica, quando naõ puder a mãi. Deſte modo ſe atenuariaõ os ſeus humores viſcoſos, e ſe animaria a circulaçaõ muito lenta. O corpo ſe faria mais robuſto, e a

(*) Baldini, *Modo de crear as crianças á maõ*, pag 77.

e a alma em orgãos mais activos teria mais elevaçaõ, o eſpirito mais vivacidade, e o genio mais penetraçaõ, &c.

O leite de vacca convirá mais aos filhos de pais vivos, fortes, e que tem vida activa. Por eſte meio ſe moderará o curſo rapido dos ſeus humores, que ſe faraõ menos ſubtis. Eſte leite tem abundancia dos principios que formaõ o queijo, e a manteiga, e por iſſo he mais eſpeſſo. Pelo que pertence ao leite de burra, como he refrigerante, e que tem certos principios balſamicos, e depurativos convirá ás crianças que naſcerem de pais bilioſos, ou que tenhaõ algum vicio ſcorbutico. A ovelha dá leite excellente para as crianças que ſaõ exceſſivamente delicadas, e apoucadas. Nada ha na natureza mais capaz, do que eſte leite, de fazer cobrar promptamente carnes, e de as vigorar, uſando-ſe delle por algum tempo. Neſtas meſmas idéas eſtá Ballexerd, quando falla do nutrimento, e outros Authores da melhor reputaçaõ: e eu naõ deixo de concordar com elles no todo. Mas qual deve ſer o modo de dar eſte leite.

Smith nas ſuas *Cartas ſobre o modo de crear as crianças*, e Baldini na obra ha pouco citada, deſcrevem hum inſtrumento, ou vaſo, por meio do qual commodamente ſe póde dar leite ás crianças. O inſtrumento, cuja idéa dá Smith, he ſemelhante a hum bule com bico comprido, o qual tem na extremidade muitos buraquinhos: eſta ſe cobre com hum pergaminho do meſmo modo furado, e que naõ fique juſto. Deſta ſorte a criança acha a extremidade do bico macia, e agradavel; e lhe péga quaſi taõ voluntariamente, como ſe fora o meſmo peito da mãi, ſegundo atteſta o ſeu Author, Underwood, e outros, que muitas vezes o víraõ.

O inſtrumento, que imaginou Baldini, he mais aperfeiçoado: he hum vaſo de vidro, á maneira de

huma bexiga com ſeu bojo , que vai eſtreitando até acabar em huma eſpecie de gargalo , em cuja extremidade ſe encaixa hum globulo de metal dourado para ſe naõ attacar de zinabre , ou ferrugem. Eſte globulo he feito de duas ametades oucas , que ſe atarrachaõ por huma roſca : huma dellas eſtá firme no gargalo , e a outra he que ſe deſatarracha. Enche-ſe a capacidade deſte globulo de huma eſponja muito fina , e limpa , que deve ſahir fóra por hum buraco feito na ametade movel. O boccado de eſponja que ſahe he que faz as vezes do bico do peito. Conſulte-ſe a eſtampa , que vem na obra do Author , ou em Italiano , ou na Traducçaõ Franceza.

Os pobres , aconſelha o meſmo Baldini , em vez deſte inſtrumento poderáõ ſervir-ſe de huma pequena garrafa , que leve quaſi hum quartilho. Cubrir-ſe-ha a bocca da garrafa com huma pelle de camurça , ou de qualquer outra , de maneira , que accommode huma eſponja , que ha de entrar pelo gargalo abaixo : a pelle deve ter hum buraco , por onde ſaia hum boccado da eſponja ; o qual ſerve de bico de peito. He bom fazer-lhe com huma agulha , ou alfinete grande alguns pequenos buracos , para que o leite poſſa ſahir mais facilmente.

Quando ſe quizer dar de mammar , deve-ſe amornar levemente o leite , mettendo o vaſo dentro da agua , que lhe dê o gráo de calor , que ſe pareça com o natural. Deve haver muito cuidado em ſe lavar com agua quente tanto a eſponja , como o vaſo , para que naõ fique algum fermento azedo. He melhor mugir o leite duas , ou mais vezes nas vinte e quatro horas , para que naõ haja nelle alteraçaõ , principalmente ſendo o tempo quente.

Se desde o principio ſe quizer crear á maõ huma criança , naõ ſe lhe deve dar logo aquelle leite , que ſe eleger , que em regra geral he o de cabra ; mas pri-

primeiro ſe lhe deve dar a chupar huma boneca de panno macio molhada em agua adoçada com mel, a qual fará ſahir o ferrado, e as de mais impurezas, de que vem chêas as ſuas primeiras vias. Nas primeiras vinte e quatro horas naõ ſe lhe dará outra couſa; mas depois ſe lhe irá dando pelo modo expoſto o leite diluido com huma parte de agua, e duas de leite; e ſe for de vacca, ainda ſe deitará mais agua. Eſta porçaõ de agua ſe irá pouco e pouco diminuindo até aos dous mezes, e entaõ ſe dará puro.

No primeiro mez baſta dar leite ás crianças de duas em duas horas, naõ ſendo já mais preciſo acordallas para iſſo. Huma onça, ou pouco mais de leite he baſtante para cada vez, no decurſo do primeiro mez; no ſegundo ſe dará onça e meia; no terceiro duas; de maneira, que pouco e pouco ſe deve augmentar a quantidade do leite, e alongar os eſpaços do tempo. He porém de advertir que a fortaleza, e eſtomago da criança he quem ha de principalmente determinar a porçaõ do leite; pois he claro que ſe naõ póde dar huma regra geral ácerca da quantidade da comida para todas as peſſoas.

Aſſim como propuz tantas cautelas a reſpeito da eſcolha das amas, e ſendo neſte caſo o animal, que ſe eleger, huma eſpecie de ama, tambem devemos attender a algumas das ſuas qualidades, que ſe reduzem a bem poucas: I. que o animal naõ ſeja de muita idade; II. que eſteja em boa nutriçaõ; III. que ſeja bem alimentado; e niſto he que deve conſiſtir todo o cuidado.

Segundo a relaçaõ de Authores veridicos ha póvos, que uſaõ muito deſte methodo de crear os filhos na falta das mãis; e com tudo ſaõ fortes, ſadios, e chegaõ a huma longa velhice. Naõ ſeria melhor que os Portuguezes o abraçaſſem antes, do que entregaſſem ſeus filhos nas maõs de huma mulher, as mais das

ve-

vezes, deſconhecida, ſem affecto, ſem limpeza, ſem alinho, ſem ſombra de probidade, ſem a preciſa regularidade de vida, e talvez chêa de moleſtias occultas, mas nem por iſſo menos deſtruidoras? Para caſa de huma mulher deſtas he que quaſi ſempre ſe deſterra hum filho, que vai ſer ſegura victima de deſordens ſem conto. Se os menos teres ſaõ a cauſa diſto, naõ he mais commodo que a mãi, já que lhe naõ póde dar leite dos ſeus peitos, o crie pela ſua maõ com aquella ternura, e diſvello maternal, que difficilimamente ſe achará em outrem? Quanto naõ lucraria o Eſtado naõ ſó no augmento da povoaçaõ, mas na ſaude, e robuſtez de ſeus vaſſallos! Naõ he eſte o unico methodo praticavel na Caſa dos Expoſtos? Creio que ſó aſſim, evitando-ſe muita deſpeza, ſe evitaria tanta mortandade, e ao meſmo tempo ſe extinguiria o trafego infame, que com a vida deſtes innocentes faz muita gente deſalmada.

ARTIGO V.

Que regularidade deve haver em dar de mammar ás crianças; e os abuſos que vulgarmente reinaõ a eſſe reſpeito.

QUem come mais do que podem as ſuas forças, trabalha por eſtar doente. Eſte Aforiſmo (*) do Pai da Medicina, dictado pela razaõ, e confirmado pela experiencia de tantos ſeculos, he huma condemnaçaõ formal do máo habito, em que eſtaõ as amas de darem de mammar quaſi todas as horas, e em grande quantidade, imaginando que o chôro das crianças he ſempre final certo, de que tem neceſſidade de alimento;

(*) Aphor. 17. Secc. 2.

to; e eſte prejuizo he o motivo do ſeu zelo indiſcreto, que me cumpre deſtruir.

Sómente a dôr he capaz de fazer chorar huma criança; mas as amas eſtaõ taõ preoccupadas, que quaſi geralmente attribuem á ſenſaçaõ da fome qualquer demonſtraçaõ deſagradavel, que as crianças annunciem com o chôro. Mas a verdade he, que quaſi ſempre a cauſa de ſuas lagrimas, e vagidos he o incommodo, que lhe cauſa ou o aperto dos veſtidos, ou alguma dobra que moleſte, ou algum alfinete que pique, ou a acrimonia dos veſtidos, ou o muito frio, ou calor, ou finalmente o eſtomago muito carregado. Se as amas cuidaſſem de examinar ſe he alguma deſtas cauſas, ou quaesquer outras, quem motiva o chôro, facilmente conheceriaõ que naõ he a pertendida ſenſaçaõ da fome, a que ſempre recorrem.

Embora digaõ que as crianças ſe calaõ com a mamma, e que por iſſo he preciſo dar-lha quando choraõ. Eſta he a ordinaria reſpoſta que coſtumaõ dar, e que mil vezes tenho ouvido, ſe pertendo ir contra hum tal abuſo. Mas o certo he, que nem ſempre ſe calaõ com a mamma; e quando ſe calaõ he por hum pouco, em quanto, violentadas pelas amas, ſaõ obrigadas a diſtrahir o ſeu verdadeiro incommodo com o attractivo do leite. Se a cauſa, por exemplo, he huma indigeſtaõ, mal ſe póde remediar o chôro, aggravando com mais alimento o primeiro motivo delle. Creio que ainda ninguem ſe lembrou de curar huma indigeſtaõ comendo cada vez mais: iſto porém he o que eſtamos vendo praticar todos os dias com as miſeraveis crianças.

He impoſſivel determinar com exactidaõ, quantas vezes em vinte e quatro horas deve mammar huma criança; porque humas tem mais neceſſidade, do que outras de mais, ou menos alimento. A ſua ſaude, a ſua força, e o ſeu appetite unicamente podem guiar neſ-

neſte ponto huma ama cuidadoſa, e racionavel. Quando a criança paſſa bem, fallo genericamente, póde mammar nos primeiros dous mezes oito vezes entre dia, e noite com prudente moderaçaõ. Sendo o coſtume no noſſo paiz comer quatro vezes no dia, poderá a ama dar de mammar antes de almoçar, fazendo-o ás oito horas; duas horas depois do almoço; e pouco antes do jantar; quatro para ſinco horas depois do iantar; e antes de ceia, ſuppondo-a das oito para as nove horas; e pela noite adiante as ultimas tres vezes, ſegundo a criança acordar, paſſando ſempre tres horas depois da cêa, que ſerá muito menos pezada que o jantar.

He preciſo porém advertir, que nunca ſe deve acordar a criança para mammar, como algumas amas imprudentemente o fazem; antes devem eſperar que eſteja bem acordada, porque ſendo deſpertada, fica em ſobreſalto, mamma com repugnancia, e facilmente torna a adormecer com o peito na bocca: o que lhe póde ſer muito damnoſo, por lhe ficar provavelmente algum leite por engulir, o qual depois póde entrar para a trachea (*), e fazer-lhe huma toſſe taõ violenta, que a ſuffoque. Nem tal ſerá preciſo; porque he de facto, que coſtumada huma criança a mammar a horas reguladas, pouco mais, ou menos, acorda a ellas, ſendo ſeu deſpertador o eſtimulo que ſente o eſtomago: outro tanto vemos ſucceder aos adultos, ſe ſaõ regulares nas ſuas comidas. Paſſado o ſegundo mez, deve-ſe ir diminuindo o número das vezes, e augmentando a quantidade do leite, por aſſim o pedir o inſenſivelmente adquirido vigor do ſeu eſtomago.

Diſſe que ſe devia dar de mammar certas horas depois das differentes comidas; porque ſendo o leite quaſi o meſmo chylo extrahido dos alimentos, conſerva

(*) Vulgarmente gôto.

va por tempo o seu caracter : o que he facil de ver, examinando o leite de huma mulher, depois de ter comido rabaons, alhos, &c., o qual duas, ou tres noras depois conserva o cheiro, e acrimonia da dita comida : e só vem a ter a qualidade de agradavel ao paladar, e de naõ ter cheiro, depois de quatro para sinco horas, conforme a quantidade do alimento, e naõ menos a sua qualidade.

Esta regra só entende com as crianças em saude; porque quando doentes, o melhor meio de as curar, he dando os remedios ás amas, e fazendo-as mammar algum tempo depois, o qual deve ser regulado por pessoa intelligente da natureza dos taes remedios. Desta sorte fica o leite medicamentoso, e com muita facilidade se curaõ as crianças. Assim como para se aperfeiçoar o leite he preciso que se passem certas horas; assim tambem cumpre que naõ esteja muito tempo depois sem dar de mammar; porque logo que o leite fica trabalhado, e aperfeiçoado pelas forças da natureza, entra a fazer-se soroso, amarelado, e em vez de doce, acre; e neste estado só póde fazer mal. As amas naõ devem estar muitas horas sem comer, principalmente fazendo exercicio; porque he preciso que haja novo chylo, que vá ministrando leite fresco, e saudavel.

Nem devem dar de mammar quando se sentirem doentes a ponto de terem febre; nem depois de se terem perturbado com alguma paixaõ violenta. Tem-se visto crianças attacadas de epilepsia, por terem mammado, quando as amas acabavaõ de huma grande colera : outras serem victimas de febres, porque as amas as tinhaõ. Quando em fim, por lhes ser muito preciso, as amas tomaõ hum remedio alterante, huma purga, por exemplo, devem naõ dar de mammar, em quanto durar a acçaõ do remedio. Se a doença for comprida, e a criança naõ estiver em termos de ser

deſmammada , o remedio ſerá buſcar outra ama : ſe porém prometter pouca duraçaõ , poder-ſe-ha entretanto ſupprir com leite de cabra , ou de burra. O mudar de ama he ſempre couſa temivel.

Devo notar , ainda que pareça de pouca importancia , que quando as amas derem de mammar , fujaõ de quartos muito abaffados , aonde naõ circule ar livre ; porque aqui ſendo o ar muito refeito , as crianças trabalharáõ muito para tirarem pouco leite. Quem ſabe alguma couſa de Fyſica , conhece que para ſe facilitar a acçaõ de mammar , he preciſo concurſo de ar livre , e elaſtico. Devo tambem advertir , que quando a criança péga no peito com ancia , e ſoffreguidaõ , deve a ama demorar a ſahida do leite , ſuſtendo o bico do peito entre dous dedos , e , ſe for preciſo , retirando-o de quando em quando : aliàs naõ podendo engulir todo o leite que corre , póde na acçaõ de reſpirar cahir-lhe para a tracheia , e exercitar-lhe toſſe violenta , como muitas vezes ſuccede. Por eſta occaſiaõ devo lembrar , e o meſmo tempo condemnar o máo coſtume , que vulgarmente ha de batter nas coſtas , quando acontece hum caſo deſtes , pertendendo , ao que dizem , fazer ſahir deſte modo o que cauſa a toſſe.

He deſgraça que para cumprirem taõ boa tençaõ , inventaſſem meio taõ perigoſo. Eſtas pancadas podem , interrompendo a reſpiraçaõ , ſuffocar as triſtes crianças. Os eſtremecimentos que lhes daõ , ſuſpendem os eſforços ſaudaveis , que faz a natureza , para lançar fóra o que a incommoda. O leite entra mais para baixo (para os bronquios) , irrita cada vez mais , e cauſa ás vezes convulsões , que ameaçaõ a morte. E ſe em lugar diſto ſe inclinaſſe hum pouco a cabeça da criança , e a deixaſſem toſſir , muito mais facilmente ficaria livre.

Outro prejuizo naõ menos vulgar he o julgar-ſe , que

que he ſinal de ſaude o reporem facilmente o leite logo depois que mammaõ. O vomito nunca foi ſinal de ſaude, antes o he de moleſtia: o que ſe deve dizer he, que ſería peor, ſenaõ vomitaſſem o exceſſo do que tem mammado, porque ſe ſeguiriaõ indigeſtões funeſtas. Iſto por tanto longe de ſer hum bem, he deſordem que ſe deve emendar: e o modo eſtá em regular, e moderar o leite que ſe lhes dá, para que o eſtomago ſe naõ carregue com demazia, e damno. A cauſa mais ordinaria dos incommodos das crianças (naõ canſarei de o repetir), he a deſordem, e exceſſo do alimento: por iſſo todas as vezes que huma criança tiver mammado ſufficientemente, naõ ſe lhe deve dar de mammar, ſem que o eſtomago tenha digerigo o primeiro leite; e ainda que chore, deve-ſe aſſentar, que naõ he por fome; e examine-ſe qual he a cauſa do ſeu chôro: mas quaõ difficil he corrigir abuſos, que nos vem com o leite!

ARTIGO VI.

Quando devem principiar a comer, e qual ſerá a comida propria.

VUlgarmente penſaõ que as crianças ſaõ humas máquinas ſummamente debeis, e delicadas; e na verdade aſſim he; mas devemos notar que eſta debilidade, ſendo-lhes natural, naõ he doença, e por conſeguinte naõ admitte remedios, nem deve dar cuidado. Deſgraçadamente porém pertendem algumas peſſoas menos prudentes emendar eſta debilidade, dando-lhes muito de comer, e abafando-as muito; de maneira, que, pelo commum, as ſuas doenças naſcem do demaziado comer, do demaziado abafo, e pouco exercicio. E por quanto eſſas peſſoas julgaõ, que o leite dá pouca ſuſtancia, procuraõ remediar eſte defeito, principiando

desde logo a dar-lhes de comer. Eſte he hum dos erros mais manifeſtos, e prejudiciaes; pois como naõ baſtará ás crianças o leite, ſe temos obſervações de peſſoas adultas, que delle unicamente vivêraõ largo tempo? Boerhaave, e ſeu illuſtre Commentador, referem factos deſta natureza. Donde claramente ſe colhe por temor de naõ baſtar o leite da mãi para a devida nutriçaõ da criança, nunca ſe deve recorrer a outra eſpecie de alimento. Quem obſerva o que ſe paſſa com os outros animaes, conhece a verdade deſta propoſiçaõ; pois todos naquelle tempo preſcrito pela natureza ſó ſe alimentaõ do leite das mãis, ao meſmo tempo que melhor do que nós poderiaõ tranſgredir eſta lei por naſcerem já com dentes. Eſta he tanto a voz da natureza, que ella de dia em dia vai proporcionando a força do leite a neceſſidade das crianças.

Digo por tanto, que as crianças naõ devem entrar a tomar outro alimento fóra do leite, antes de terem os dentes inciſores (*), o que quaſi nunca ſuccede antes dos oito mezes. Eſta he a regra mais geral, que a eſte reſpeito ſe póde eſtabelecer; porque de ordinario os dentes ou ſe demoraõ, ou ſe anticipaõ, ſegundo as forças das crianças: e aſſim fica bem applicavel eſta regra, que acompanha ſempre a ſua maior, ou menor debilidade. Seguindo-ſe iſto, ſeguem-ſe os dictames da meſma natureza; pois ella como que nos guia a lhes miniſtrarmos alguma comida mais ſólida pelos dentes que faz apparecer. Antes deſte tempo he nocivo todo outro alimento, que naõ for o leite de quem as cria; porque além das moleſtias cauſadas pelas frequentes indigeſtões, he da obſervaçaõ de todos, que as lombrigas perſeguem cruelmente as crianças, que comem muito cedo, ao meſmo paſſo que

(*) Saõ os oito dentes de diante, que ficaõ entre as chamadas prezas.

que em quanto ſó mamimaõ nunca dellas ſe vem atormentadas.

Authores ha taõ apertados ſobre eſte ponto, que abſolutamente prohibem toda, e qualquer comida ántes do tempo de as deſmammar: eu porém notando com outros, que a repentina paſſagem do ſimples leite da ama para comidas mais ſolidas póde ſer nociva, ſigo antes, que he melhor ir pouco a pouco coſtumando de longe aquelles debeis eſtomagos a eſta mudança, para ſe naõ fazer ſenſivel. Toda a difficuldade porém eſtá em eſcolher hum tal alimento, que naõ ſeja ſuperior ás forças do ſeu eſtomago. Já fallei contra a papa feita de farinha, de que em algumas partes ſe uſa. Eſta eſpecie de cola mais capaz, ſegundo a expreſſaõ de Ethmulero, de grudar duas folhas de papel, do que de ſervir de alimento, em caſo nenhum ſe deve dar.

Igualmente ſe fugirá de ſopas feitas de caldo de carnes, do ſeu arroz, e em geral de toda a comida animal; porque ſobre o miniſtrarem humores tendentes ou á inflammaçaõ, ou á podridaõ, ſaõ demaziadamente nutrientes. O que acho mais proporcionado para eſte principio he a papa de miollo de bom paõ, feita em agua, por ſer eſta o melhor diſſolvente da ſubſtancia nutritiva do paõ; e depois de feita ajuntar-lhe leite mugido de freſco de maneira, que fique eſta papa muito desfeita, e liquida. Prefiro eſte methodo, porque além do leite naõ ſer taõ bom diſſolvente, como a agua fervendo, quando vai ao lume perde grande parte das ſuas particulas volateis, e vem a ſer menos digerivel: e fazendo-ſe do modo que inculco, fica o leite no ſeu eſtado natural, e toma o gráo de calor preciſo daquelle, que traz a papa ao tirar do lume. O melhor leite, e o mais facil de conſeguir bom no noſſo paiz, he o de cabras: mas de paſſagem notarei, que ſempre ſe deve preferir o daquel-

quellas que vaõ paſtar aos campos, ao das que ou ſe alimentaõ em caſa, ou naõ ſahem das grandes povoações; pois, além de naõ ſe exercitarem, reſpiraõ hum ar pouco puro, e ſe alimentaõ de couſas menos ſaudaveis, e ás vezes nocivas.

Aſſima diſſe, que antes dos ſete mezes ſe naõ devia paſſar a eſta mudança, em caſo de eſtar a criança de ſaude: agora digo, que ſe naõ deve dar mais de huma vez no dia de manhã com huma pequena colhér bem limpa, e de prata, ſendo poſſivel, e a melhor occaſiaõ he depois de ſe ter penſado. A porçaõ he indeterminavel por depender do appetite, e das forças da crianças.

Vendo-ſe pois que deſte uſo ſe naõ ſegue mal, poder-ſe-ha paſſar a duas vezes, huma de manhã, outra de tarde; e daqui ſe naõ deverá paſſar até ao tempo de deſmammar.

ARTIGO VII.

Quando ſe devem deſmammar as crianças: como ſe deve entaõ proceder: que alimentos ſe devem dar dahi por diante até aos quatro annos?

ESTes tres pontos naõ ſaõ certamente menos importantes do que as queſtões, que até agora me tem occupado: por cujo motivo igualmente me esforçarei em apurar a verdade em cada hum delles, ſem embargo dos differentes pareceres dos Authores, que acerca de tal materia trabalháraõ.

Diſcrepaõ muito os coſtumes dos diverſos póvos do noſſo globo no modo, e tempo de deſmamar os filhos. Na Coſta de Africa as mãis daõ de mammar quatro annos ſucceſſivos (*); e em outros paizes dous an-

(*) Des-Eſſartz, pag. 278.

annos. Alguns ſelvagens ha que limitaõ iſto a ſeis mezes. Os póvos de Canadá, e a maior parte dos póvos civiliſados, cujos coſtumes nos ſaõ conhecidos, ſó deſafazem os filhos do leite da mãi na idade de hum anno. Entre nós cada familia ſegue ſeu differente ſyſtema, decidindo-ſe cada huma pelas inſpiraçõe do ſeu capricho, e maior, ou menor diſvelo. De coſtumes taõ deſvairados nada ſe póde tirar, que nos conduza a huma regra fixa, e racionavel; nem ſobre eſte ponto ſe póde eſtabelecer regra geral, ainda para aquellas peſſoas, que vivem ſemelhantemente: neſte deſcuido tem cahido todos os que quizeraõ preſcrevella.

Sabem todos a differença que ha entre o filho de huma camponeza, e o de huma ſenhora delicada: o daquella, participando da robuſta conſtituiçaõ da mãi, já naſce forte; e ſendo depois criado ſem melindre, e entregue nas mãos da ſimples natureza ganha mais cedo aquelle vigor taõ preciſo, para ſem damno paſſar ao uſo de alimentos mais fortes: o deſta porém formado em entranhas debeis; nutrido de humores mal trabalhados, e talvez viciados; ſujeito a todos os deſvarios de hum capricho cego, fomentado pela ignorancia das parteiras, muito de vagar chega a termos de digerir outra couſa, que naõ ſeja o leite de quem o cria.

Deſta differença pois concluo, que o filho da camponeza, quero dizer, de huma mulher robuſta, deve mais cedo deixar o leite, do que o da ſenhora cortezã; iſto he, de huma mulher debil, e mal conſtituida. Logo a regra geral, que a eſte reſpeito ſe póde eſtabelecer he, que nunca ſe deve deſmammar huma criança, ſem que ella tenha os dentes preciſos para maſtigar comeres mais ſolidos. E como quer que as crianças vigoroſas ſó os tenhaõ do anno por diante (convem a ſaber ao menos doze) digo, que naõ devem ſer deſmammadas antes daquelle tempo: as crianças

gas porém debeis ſó chegaõ a ter eſtes do anno, e meio por diante; e por iſſo ſe naõ devem deſmammar antes deſta idade.

Ultimamente he neceſſario advertir, que aſſim como naõ convem deſmammar huma criança antes de tempo, aſſim tambem he prejudicial, e pouco conforme ás direcçõẽs da natureza, que aquella que tem chegado a eſte ponto de força competente, naõ paſſe a alimentar-ſe de comidas mais ſolidas. Para ſer máo, baſta ſer contra a voz da natureza; pois ella, dando os dentes, nos dicta a neceſſidade de uſar delles. Além diſto he viſivel, que ſendo os oſſos das crianças no ſeu principio gelatinoſos, e que, adquirindo pouco e pouco maior firmeza, até chegarem á devida dureza, haõ miſter alimentos mais ſolidos, para delles ſe extrahir melhor a ſubſtancia preciſa para a ſua completa formaçaõ; os quaes dentes do ſimples leite naõ tiraõ quanto lhes falece; de cuja falta podem reſultar moleſtias de todo o cuidado.

Quando ſe tomar a deliberaçaõ de deſmammar huma criança, como ella tantos mezes ſe alimentou de leite, deve elle ſer nos primeiros tempos a ſua principal comida. Continuar-ſe-ha por tanto a dar-lhe de manhã a ſua meſma papa de que uſava, como fica dito no Artigo precedente. Ao jantar ou ſopa de leite ſimples, ou feita em caldo de vacca, ou gallinha, tirada a gordura; e outras vezes, por variar, arroz bem cozido no dito caldo temperado ſimplesmente. De tarde póde-ſe-lhe dar ou a meſma papa, ou tambem o leite puro, e naõ fervido, para nelle ir molhando o paõ, e comendo; e iſto he preferivel neſta occaſiaõ á meſma papa; porque aſſim ſe vem obrigadas a maſtigar o paõ enſopado em leite: e quem quer ſabe o quanto influe na boa digeſtaõ a miſtura da ſaliva, que na maſtigaçaõ dos alimentos ſe ſepara em maior quantidade. A' noite póde-ſe repetir qualquer das couſas re-

referidas. E ſe entre eſtas comidas regulares tiver fome, como he de crer ſucceda, naõ ſe lhe deve dar mais do que hum bocado de paõ bem feito, bem cozido, e naõ do meſmo dia: eſte conſelho he de Loke, que uſa do ſeguinte dilemma: Ou a criança tem fome, ou naõ a tem; ſe a tem, o paõ lhe ſerá o melhor acepipe, e o mais innocente; ſe a naõ tem, eſcuſa comer.

Naõ ſerei taõ eſcaſſo em permittir neſta idade as fructas bem ſazonadas, como alguns Medicos, ainda de grande reputaçaõ popular. A hum deſtes ouvi huma vez, que dar fructas a crianças era dar-lhes veneno; e que quantos bocados comiaõ, tantos eraõ os ninhos de lombrigas, que mettiaõ na barriga. A' tal propoſiçaõ nada reſpondi, porque nada faria em contradizello: mas o que entaõ calei, devo agora eſcrever. As fructas da eſtaçaõ bem ſazonadas, e perfeitas, ſaõ hum ſaudavel alimento para as crianças, aſſim como para todos: e tal virtude de crear lombrigas naõ he facil demonſtrar. A natureza as inculca, pois naõ ſe achará huma criança, que naõ tenha paixaõ por ellas. O que ſe deve recommendar he a moderaçaõ; porque o exceſſo naõ deixará de enfraquecer o eſtomago já de ſi debil, e diſpollo a mil incommodos, entre os quaes entraõ as lombrigas. Os adultos ſendo tambem demaſiados em as comer, ſentiráõ os meſmos damnos: mas em geral as crianças, tendo relativamente mais liquidos, do que os adultos, ſupportaõ menos todas as comidas aquoſas, ſendo-lhes mais proprios os comeres mais ſeccos. Eſtes inconvenientes porém, provindos de indiſcriçaõ, naõ tiraõ que o uſo moderado ſeja naõ ſó util, mas preciſo.

Deve-ſe fugir com todo o cuidado de fructas verdes; porque poucas couſas ha, que lhes façaõ tanto mal. Azedaõ os ſuccos digeſtivos, fazem cruezas no eſtomago; e ſe ſaõ muito acidas, coagulaõ a linfa,

geraõ obſtrucções meſentericas , e outras enfermidades que deſtas ſe derivaõ. No campo he aonde ſobre iſto mais erros ſe commettem. Os Parochos , e as peſſoas mais illuminadas , deveriaõ por humanidade fazer ver a eſta pobre gente , quaõ funeſto he a ſeus filhos o uſo de fructas verdes.

O coſtume quaſi ordinario de adoçar com aſſucar quanto comem as crianças , he dos mais prejudiciaes ; porque o comer aſſim naõ ſó fica menos digerivel , mas , engodadas ellas pelo attractivo do doce , comem muito mais , do que a natureza pede , e lhes he preciſo : o que daqui ſe ſegue ſaõ indigeſtões , e todos os males que dellas ſe originaõ , cujo número he immenſo. Se os ſeus comeres foſſem ſimplices , nada diſto ſuccederia ; porque , ſendo a vontade o ſeu aſſucar , naõ paſſariaõ os limittes della. Eſte erro naõ he tanto do campo , como das Cidades ; e ſe alli ha damnos de fructas verdes , aqui os ha igualmente deſte peſſimo coſtume : e naõ me mettendo agora a dicidir qual delles he maior , ſó digo , que os filhos do campo podem melhor reſiſtir aos males , que provém dos erros da dieta.

Condemnando eſte máo coſtume de adoçar quanto comem as crianças , com mais razaõ devo reprovar tudo o que ſaõ maſſas , por exemplo , paſteis , empadas , &c. alimento o mais cruel para eſtas idades : e neſte meſmo caſo eſtaõ as amendoas cubertas , confeitos , bolinhos , &c. Eſtes porém ſaõ os mimos , com que muita gente indiſcreta brinda as crianças , que , levadas do appetite , comem com iſto o fermento de muitas enfermidades.

Com as crianças he mais preciſo attender á qualidade , do que á quantidade dos alimentos ; pois ſendo eſtes , como devem ſer , ſimplices , rariſſimas vezes poderáõ prejudicar por exceſſo. Infelizmente porém he ao que menos ſe attende ; pois commummente ſe julga ,

ga, que aquelles alimentos do noſſo goſto naõ podem deſagradar ás crianças. Eſte modo de penſar he abſurdo, por que he fóra de dúvida, que no decurſo da idade vimos a goſtar de comidas, que na infancia naõ podiamos ſupportar.

Cada hum, lançando os olhos para a ſua vida paſſada, em ſi achará exemplos diſto. De mais ha comeres, que convem ao noſſo eſtomago, ou ao menos lhe naõ ſaõ nocivos, os quaes de nenhuma ſorte ſupportaria o das crianças; taes ſaõ os alimentos ſalgados, adubados, ſeccos ao fumo, &c. Tambem lhe ſaõ nocivos comeres gordos, oleoſos, caldos fortes, ſopas de ſubſtancia, &c.

A manteiga, que taõ geralmente ſe lhes dá, principalmente em Lisboa, donde ſem hyperbole ſe póde dizer, que vivem de paõ, e manteiga, devêra ſer ou nunca permittida, ou ao menos com muita reſerva, e prudencia.

As raizes, que contém hum ſummo crú, e viſcoſo, rariſſimas vezes ſe lhes devem dar. Ellas fazem, ſegundo obſervaõ os Praticos, os humores groſſos, e eſpeſſos, e diſpõem o corpo a moleſtias eruptivas, ou da pelle.

Eſta advertencia diz mais reſpeito ás peſſoas pobres, que, procurando ſatisfazer com pouco gaſto o appetite dos filhos, os enchem duas, ou tres vezes no dia de batatas, caſtanhas, e outras ſubſtancias de natureza crúa, e viſcoſa.

Em lugar deſtes comeres indigeſtos, e nocivos, o mel, que abunda tanto nas Provincias, ſería para as crianças hum excellente almoço, e merenda. Hoje em dia, que já para os Medicos mais illuminados ſe apagou o fogo vulgarmente imputado a eſta maravilhoſa ſubſtancia entre vegetal, e animal, geralmente nos aproveitamos della como remedio, e como alimento, naõ fazendo niſto mais, que ſeguir as pizadas do ve-

nerando Pai da Medicina. O mel, diz hum célebre Author Inglez, he ſaudavel, refreſca, purifica, e adoça os humores. As crianças que comem mel raras vezes ſaõ perſeguidas de lombrigas, e ſaõ igualmente pouco ſujeitas a doenças cutaneas, taes a ſarna, tinha, &c. Em abono do que diz eſte Author, poſſo atteſtar com a minha experiencia, pois tendo-o applicado a meus filhos, e a outras crianças, vi ſempre do ſeu uſo muito bons effeitos.

Até aos quatro annos pouca, ou nenhuma carne ſe lhes deve dar; e eſſa pouca deve ſer cozida, ſendo baſtante que uſem da ſopa, e do arroz, feito tudo como aſſima fica dito. A carne eſquenta o ſangue, diz o meſmo Author, e diſpõem as crianças para as febres, e doenças inflammatorias. As bexigas, ſarampos, ſcarlatinas, &c, havendo eſta diſpoſiçaõ cauſada pelo uſo das carnes, de ordinario ſaõ nellas de maior perigo.

A ſua bebida naõ deve paſſar de agua, leite, e ſôro do meſmo. O vinho, chá, café, chocolate, lhes ſaõ muito nocivos. Mas quaõ difficil ſerá conſeguir, principalmente na Côrte, a proſcripçaõ do contínuo uſo deſtas bebidas da moda! Se nas Provincias ſe naõ pécca tanto com ellas, ha outro erro pouco menos prejudicial, que he o darem quaſi do berço vinho ás crianças. He para lamentar, que por força hajamos de fazer goſtar a noſſos filhos daquillo, por que á força de coſtume temos ganhado paixaõ. Eſta idade tenra, e por iſſo ſenſivel em demazia, de nenhum modo póde ſem damno ſupportar bebidas eſtimulantes, ou ſejaõ, ou naõ fermentadas; porque as conſequencias de tal educaçaõ ſaõ a debilidade, as convulsões, a diſpoſiçaõ a febres, principalmente inflammatorias, e mil outras doenças, cuja raiz, ſe cavarmos fundo, ſe achará pegada a primeira idade, ſem embargo de ſe manifeſtarem pelo decurſo da vida.

De-

Devo ultimamente notar, que querendo os pais em virtude do muito que recommendo, e recommendaõ todos, ſeguir a prudencia, e moderaçaõ em naõ carregar o eſtomago das crianças de demaziado comer, naõ caiaõ no exceſſo oppoſto de lhes dar menos do neceſſario.

Taõ perto andaõ os vicios das virtudes! A ſahir dos limites da razaõ, ſeja antes para mais, do que para menos; porque a natureza póde por mil meios deſembaraçar-ſe do ſuperfluo, mas nunca poderá ſupprir a falta do devido alimento. Algumas mãis menos diſcretas martyrizaõ as innocentes filhas á fome, para que venhaõ a ſer delicadas, e esbeltas. Que tyranna barbaridade! Supponhamos gratuitamente, que havia que ganhar em ſer o corpo delicado, e formado ſegundo o vaõ capricho de certas cabeças: naõ ſeria falta de ſizo querello conſeguir á cuſta da ſaude? Mas naõ ſupponhamos o que naõ exiſte. O que ſe ganha ſaõ moleſtias, aleijões, e disformidades enormes.

Só me reſta dizer neſte Artigo, que naõ he minha tençaõ ligar as crianças a huma dieta taõ apertada, que naõ hajaõ de ſahir de huma eſpecie de alimentos. Elles podem, e devem ſer variados muitas vezes, com tanto que tudo ſeja ſimples. Huma criança (diz Mr. Lorry) coſtumada a huma dieta uniforme por ſaudavel que ſeja, fica com o eſtomago coſtumado a ella. Os orgãos ſaõ entaõ perguiçoſos em digerir, por naõ ſerem eſtimulados de huma ſenſaçaõ viva, e deſuſada: a bilis ha de ſeparar-ſe em menos quantidade: tudo afroxa, e todos os males da inacçaõ podem apenas ſer corrigidos pelo exercicio. De mais eſte genero de vida impraticavel a naõ ſer nos primeiros annos, debilita o tom das fibras do eſtomago, e o faz incapaz da menor mudança. Pelo contrario a variedade das couſas ſimplices, e ſaudaveis o anima á digeſtaõ: faz-lhe huma agradavel titillaçaõ,

çaõ pela novidade do toque, e excita o appetite (*).

Hum cuidado tambem eſſencial ao bom regimen das crianças, he prohibirem os pais, que os domeſticos lhes naõ dem couſa nenhuma de comer, ſenaõ ou na ſua preſença, ou por ſua ordem; porque a maior parte deſta gente he taõ limitada, que ordinariamente faz mal, cuidando fazer bem; e ás vezes he ſó por ganharem a affeiçaõ das meſmas crianças.

CAPITULO IX.

Do ſomno, e do berço.

A Vida de huma criança recemnaſcida conſiſte em dormir, de maneira, que ſó acorda inſtigada de alguma neceſſidade, a qual ſatisfeita fica logo no meſmo eſtado, a naõ haver alguma couſa, que a incommode; e quanto mais moça, mais propenſa he ao ſomno. Eſta propenſaõ he na razaõ directa do ſeu creſcimento, de maneira, que aſſim como creſcem menos á medida, que a idade ſe adianta, aſſim tambem vaõ de dia em dia dormindo menos. Huma criança de quatro, ou ſinco annos dorme menos, do que huma de mamma; huma de nove, menos do que a de ſinco; e aſſim até á idade de perfeito creſcimento; e gradualmente o ſeu creſcimento vai ſendo menos rapido. Donde ſe póde muito bem deduzir, que no tempo do ſomno he que a máquina trabalha mais livre, e com mais proveito, vindo elle a ſer o maior reſtaurante das noſſas forças. He pois preciſo que nunca ſe privem as crianças do ſomno, taõ neceſſario á ſua debil conſtituiçaõ.

O

(*) *Eſſai ſur l' uſage des aliments.*

O tempo que a natureza nos determina para o repouſo he evidentemente a noite. O ſocego que então ſe obſerva, a eſcuridade da noite, o freſco da atmoſfera, tudo, em huma palavra, nos convida ao deſcanço, ficando o dia reſervado para o trabalho. Segundo eſta ſucceſſiva cadêa he neceſſario que logo de manhã deixemos o eſtado do repouſo, e paſſemos ao da vigilia, e da lida. Ha em tudo o que naõ depende ſó de nós tal ordem, e harmonia, que ſem ſeguirmos os dictames da natureza naõ podemos ſer felices. O contrario porém he o que vemos geralmente praticado; porque nas grandes povoações as noites ſe trocaõ pelos dias, e os dias pelas noites, paſſando-ſe de ordinario o melhor tempo do dia, que he a manhã, no ar impuro, e na molleza da cama: mas naõ gaſtemos tempo com o que naõ tem emenda.

Se as crianças de mamma naõ dormirem de noite, he preciſo que de dia ſe lhes evite, quanto puder ſer, o ſomno, dando-ſe-lhes todo o exercicio poſſivel, e conveniente, para que fatigadas durmaõ de noite, e deixem dormir de quem dellas cuida. Depois de deſmammadas, conſtantemente as acordaráõ de manhã, no caſo que por ſi o naõ façaõ; mas com tal modo, e ſuavidade, que ſe naõ aſſuſtem, nem fiquem eſpavoridas.

He difficilimo, por naõ dizer impoſſivel, determinar as horas que huma criança depois de deſmammada deve dormir; porque iſto he relativo á ſua conſtituiçaõ mais, ou menos viva. O que em geral ſe póde dizer he, que até aos quatro annos nenhuma deve dormir mais de doze horas, e até aos ſete mais de dez, e dahi por diante pouco a pouco ſe deve diminuir de ſorte, que ninguem, depois de chegar ao ſeu verdadeiro eſtado de creſcimento, deve dormir mais de oito horas entre dia, e noite. Se aſſima diſſe, que o ſomno era o maior reſtaurante das noſſas forças,

tam-

tambem digo, que levado a exceſſo he o maior debilitante: em todas as couſas ha, ou deve haver ſeu modo.

Todos os animaes, ſem nos exceptuarmos, quando ſe deitaõ encolhem algum tanto os membros, donde ſe deve colligir, que eſta he a poſiçaõ que a natureza dicta. Nella porém, como naõ podemos eſtar de coſtas, tambem deduzo, que o modo de eſtar natural he de ilharga já de huma, já de outra parte. Iſto, que ſe conhece ſó pela ſimples inſpecçaõ da natureza, he confirmado pelos conhecimentos que hoje temos da Anatomia. Lembro-me de ler em Sabatier, que poucas peſſoas, ou nenhumas appareceriaõ mortas nas ſuas camas, ſenaõ houveſſe o peſſimo coſtume de dormir muita gente de coſtas. Diſto pois tiramos, que deve haver muito cuidado em naõ ter as crianças ſenaõ de ilharga, havendo a prudencia de as deitar já de huma, já de outra parte, para ſe naõ moleſtarem, e ferirem, como ſuccede aos enfermos, que ſó podem eſtar de hum lado.

As crianças naõ devem dormir com peſſoas de idade adiantada; porque eſtas, cuja pelle he rija, e por iſſo a tranſpiraçaõ muito pouca relativamente ás peſſoas moças, ſaõ como eſponjas, que continuadamente abſorbem, e attrahem a grande tranſpiraçaõ das crianças. He verdade que aſſim ſe humedece a ſua pelle, e vem a nutrir-ſe, mas tudo em prejuizo de quem lhes miniſtra eſte orvalho ſalutifero. Além da razaõ moſtrar o que affirmo, he huma verdade comprovada com factos já particulares, já referidos na Hiſtoria Sacra, e profana. Logo, para ſe evitarem eſtes males, como ſe deveraõ deitar as crianças?

Todo o mundo ſabe o que he berço, por iſſo me naõ demoro em o deſcrever. Se bem os haja de differentes feitios, o fim he o meſmo, aſſim como as ſuas utilidades. Naõ ſe podia inventar couſa mais util, e

mais

mais commoda ás crianças. A ſua utilidade ſe manifeſta por dous lados: primeiro, porque devem eſtar deitadas ſós; ſegundo, porque deſte modo ſe lhes póde dar certo movimento, que, ſendo-lhes ſummamente proveitoſo, as conſola, e diverte pelos ſinaes de prazer que nos moſtraõ, quando ſaõ prudentemente emballadas: vou deſenvolver a primeira parte.

Pouco aſſima notei, que as crianças naõ deviaõ dormir com peſſoas entradas em annos. De mais diſto, achando as amas que ellas naõ tem calor, e que eſte he quem as cria (expreſſaõ muito ordinaria), as ſepultaõ comſigo na cama, ſem advertirem em que o motivo he falſo, e as conſequencias funeſtas. Na infancia, diz Gregory, ſaõ preciſos menos veſtidos, do que na idade adulta, por haver naquelle tempo mais calor natural, ou ao menos mais uniforme. Ha hum grande número de crianças expoſtas, que vivêraõ dias por hum tempo taõ rigoroſo, que teria morto a maior parte dos adultos.

As crianças correm muito riſco em dormirem deitadas com as amas; porque facilmente podem ſer por ellas eſmagadas na acçaõ do ſomno: e quantos deſtes caſos ſe naõ tem viſto, ou occultado? Tambem as podem ſuffocar pelo coſtume de lhes darem de mammar meſmo deitadas, e aſſim adormecem a ama, e a criança com o peito na bocca: e quem deixará de ver a facilidade com que ella póde ſer ſuffocada, tapando-ſe com o peito inteiramente a reſpiraçaõ? Ainda ha outro inconveniente naõ de menor pezo. Deitadas as crianças com as amas ficaõ de todo cubertas, e reſpirando hum ar impuriſſimo, alterado pela tranſpiraçaõ de ambas, e pela reſpiraçaõ daquellas; e todo o mundo conhece os perigos que corre huma criança em reſpirar hum ar impuro. Além diſto, aqui tem ellas ainda maior trabalho em mammar, do que em huma camara abafada, como atrás notei; pois he manifeſto,

que debaixo da roupa da cama o ar eſtá naõ ſó rarefeito, e por iſſo incapaz de ajudar a acçaõ de mammar, mas tambem meſitico, e inſficiente para a reſpiraçaõ. Paſſo agora a moſtrar a ſegunda parte, que he a utilidade do berço, pelo que diz reſpeito ao ſaudavel movimento, que nelle ſe lhes póde dar.

Authores (*) de toda a reputaçaõ tem abſolutamente condemnado o emballar as crianças, como couſa ſobre maneira prejudicial: outros (**) porém de igual merecimento, e credito o tem nas ſuas obras aconſelhado, como couſa ſummamente util. Quem poderá diſſolver eſta queſtaõ, que a diviſaõ dos Authores tem feito intricada? Deve ſómente ſer a razaõ deſpreoccupada.

O motivo, que obriga aos que ſeguem a parte negativa a inteiramente condemnarem o emballar, he a concuſſaõ, que dahi póde provir ao cerebro tenro, e delicado das crianças; a deſordem das digeſtões; e em fim a perturbaçaõ do contínuo, e regular gyro dos humores. Mas a tudo iſto ſe póde reſponder com as proprias palavras de Tiſſot, fallando a eſte reſpeito na ſua *Gymnaſtica*, pag. 98: *Mais il faut ſonger que tout n' eſt bon, & mauvais que relativement*: As couſas ſó ſaõ boas, ou más conſideradas relativamente.

Qual he a couſa, por melhor que ſe imagine, a qual pelo ſeu abuſo ſe naõ torne má, e damnoſa? O indiſcreto uſo pois do que quer que ſôr, deve provar ſómente, que o contrario póde ſer conveniente, e louvavel.

He verdade que a imprudencia no emballar, como ordinariamenre ſe vê, póde cauſar, e mil vezes te-

(*) Hamilton, Armſtrong, Roſſeen, Rouſſeau.
(**) Tiſſot, Ballexerd, Underwood, Vandermonde, Brouzet, &c.

terá cauſado naõ menos do que a morte : mas he porque deſattentadamente principiaõ a fazello; e á proporçaõ que a criança chora, emballaõ com mais e mais força, até que ella, cançada de chorar, e tonta daquelle movimento apreſſado, e irregular, chega a calar-ſe; mas he para depois chorar mais. Por tanto, todos eſtes inconvenientes apontados pelos que ſeguem a parte negativa, ſendo taõ faceis de remediar, naõ devem eſtorvar as utilidades reaes, que do prudente, e regular uſo effectivamente ſe tiraõ.

Dizem os adverſarios para prova das ſuas objecções, que ás crianças no berço ſuccede o meſmo que coſtuma ſucceder aos que embarcaõ em hum navio, de cujo movimento ſe origina a perturbaçaõ de cabeça, enjoamento, e por fim os vomitos. A analogia porém naõ he muita; pois no berço ha unicamente hum movimento de oſcillaçaõ, que ſe póde á vontade regular; e no mar ha outro irregular, e feito á diſcriçaõ das ondas. Donde ſe conclue, que eſta objecçaõ naõ tem toda a força que lhe querem dar. Rariſſima ſerá aquella peſſoa, que ſinta o menor aballo navegando a favor da corrente de hum rio : porque naõ faremos pois que o movimento do berço ſeja ainda mais ſuave? Eſtá na noſſa maõ.

De mais, ainda quem embarca no mar largo, ſó experimenta eſta eſtranheza nos primeiros dias, os quaes paſſados vive-ſe taõ bem, como em terra, ou, para fallar mais exacto, melhor. E ſe foſſe poſſivel principiar qualquer navegaçaõ por hum rio, e depois de vagar, e gradualmente ir paſſando ao mar largo, eſtou bem perſuadido, de que nada ſe eſtranharia; porque o coſtume nos faz natural ainda aquillo meſmo, que nos era contrario.

Se alguem me replicar, que, ſendo o movimento taõ brando, como pertendo, nada póde fazer de bem, nem de mal, como já huma vez, diſcorrendo

ſobre tal aſſumpto, me differaõ; reſpondo, que iſto he ver os objectos ſó por fóra, e muito de corrida. Coſtumaõ hoje os melhores Medicos da Europa ordenar ás peſſoas debeis em certas moleſtias, e circunſtancias a navegaçaõ por hum rio, ou andar em cadeirinha; e ultimamente aconſelhaõ em Inglaterra aos phthyſicos o balanço de huma rede, como fazem no Braſil, aonde quaſi geralmente o berço das crianças he a rede, e com mais ventagem.

Vanſwieten explica-ſe da maneira ſeguinte: A's peſſoas que eſtaõ em debilidade importa muito andarem embarcadas: ſe a embarcaçaõ for levada com hum movimento ſocegado, coſtuma excitar alegria, augmentando a tranſpiraçaõ; promover a fome, e facilitar a digeſtaõ dos ingeſtos (*).

Sanctorio finalmente, por naõ enfaſtiar com authoridades, diz, que o movimento do batel, e da cadeirinha, ſendo continuado, vem a ſer ſobre maneira ſaudavel: entaõ ſómente he que com admiraçaõ diſpõem para huma devida preſpiraçaõ (**).

Pois ſe eſte brandiſſimo movimento aproveita tanto em huma peſſoa creſcida, como ſerá indifferente ás crianças aquelle que ſe der por meio do berço?

A natureza, desde o principio da deſenvoluçaõ do feto no utero, parece já dizer-nos de longe, que depois de tirado daquelle carcere deve continuar a ter hum movimento competente. Solto, a ſuſpenſo no meio de hum liquido proprio, eſtá continuamente em huma ſua-

(*) *Navi autem vehi conducit debilibus: ſi placido navis feratur motu, miram alacritatem, perſpiratione aucta, ſolet excitare, famem augere, ingeſtorum digeſtionem promovere.* Vol. I. pag. 34.

(**) *Cymbæ, & lectica motus, ſi diu duret, ſaluberrimus, tunc ſolum ad debitam perſpirationem mirifice diſponit.* Aphor. 23.

ſuave oſcillaçaõ, cauſada naõ ſó pelos movimentos da mãi, mas até pelo jogo da ſua reſpiraçaõ. Logo o emballar huma criança naõ he contra a voz da natereza; mais depreſſa o ſerá deixalla em huma perpétua quietaçaõ, até que por ſi poſſa mover-ſe. Os póvos, ainda os mais barbaros, ſegundo dizem os Hiſtoriadores, ſempre daõ aos filhos certo genero de movimento, cada hum conforme os ſeus differentes modos de os crear. E que couſa mais natural, e mais feita ſem reflexaõ, do que o emballar nos braços huma criança, quando ſe péga nella? Quem naõ ſabe, diz Tiſſot, que nada acalenta tanto as crianças rabugentas como o brando movimento? Naõ ha circunſtancias em que o emballar lenta, e regularmente poderia alliviar ſeus males, diſtrahindo-as hum pouco do ſeu padecer, e convidando-as ao ſomno?

Averiguado pois que he conforme á natureza o brando movimento que ſe deve dar ás crianças, e que todos os damnos ſó reſultaõ da indiſcriçaõ, e abuſo; paſſo a inculcar o procedimento, que no emballar ſe deve ter, para ſe conſeguirem as utilidades, que por fim apontarei.

Naſcida a criança, e poſta no ſeu berço, como ſe tem dito, deve-ſe no primeiro mez emballalla com muita brandura, e compaſſo; e pouco a pouco depois ir augmentando o movimento, ſem já mais chegar a exceſſo.

Logo que a criança chora, ſe deve primeiro examinar ſe he por falta de alimento, ou por eſtar ſuja, ou em fim por couſa que a incommode; porque querella acalentar ſem antes a livrarem do incommodo, he fazer-lhe hum verdadeiro mal: e querer acompanhar a força do chôro com a violencia do emballar, he mil vezes peor; porque deſta imprudencia, que tantas vezes tenho viſto praticar, nada menos póde reſultar, do que huma concuſſaõ de cerebro, que ou

prom-

promptamente cauſe a morte , ou , quando menos , deſordene as potencias intellectuaes para ſempre.

As verdadeiras utilidades , que do emballar ſe conſeguem , merecem toda a noſſa attençaõ. Quem quer conhece a ſumma debilidade com que naſce huma criança , cujos oſſos , ainda incompletamente formados , e cujos muſculos , quaſi ſem acçaõ , requerem algum meio de ſe irem naõ ſó pouco a pouco fortificando , mas tambem de ſe livrarem da ſuperabundancia de humores , de que ſe achaõ embebidos. Ora todos conhecem que nada he taõ capaz de conſeguir iſto , como o devido exercicio.

Todos os animaes logo que naſcem principiaõ a mover-ſe , ſó a eſpecie humana taõ tarde o entra por ſi meſma a fazer ; nós porém em vez de ſupprirmos com a razaõ eſta falta (ſe he que podemos taxar a natureza de falta) , ligamos , prendemos , e damos tratos ás innocentes crianças.

A frequente renovaçaõ do ar , que occaſionaõ os ballanços regulares , e moderados ſobre todas as partes do corpo das crianças ; e a acçaõ das entranhas humas ſobre outras fazem impreſsões tanto uteis , como agradaveis. O ar , que reſiſte mais , ou menos , quando o corpo com o berço ſe move de huma para outra parte , obra comprimindo todas as ſuas partes , como outras tantas fricções ſuaves , que neceſſariamente haõ de dar força aos vaſos , eſpalhados por toda a pelle , promovendo aſſim a tranſpiraçaõ inſenſivel , que he , direi aſſim , a baſe da ſaude das crianças. Por eſte modo pois ſe fortifica a ſua debil conſtituiçaõ , e mil vezes ſe alcança naõ pequeno allivio nos ſeus ſoffrimentos.

Como felizmente eſta occupaçaõ he ſó da incumbencia das mulheres , naõ he inutil acompanhar com cantigas proprias o ballanço do berço. Faz iſto nas crianças o meſmo effeito , que nos adultos o murmu-

ri-

rinho das fontes, ou o ſuſſurro dos brandos zefyros. Embora digaõ por objecçaõ, que as crianças aſſim creadas ſervem de hum pezo enorme; porque até de noite querem que as emballem, e lhes cantem. As mulheres naſcêraõ para iſto, e tem paciencia para mais, ſendo principalmente as proprias mãis.

CAPITULO IV.

Do exercicio naõ ſó no que diz reſpeito ás crianças, mas ainda geralmente conſiderado.

ESte Capitulo, pela íntima ligaçaõ que tem com o precedente, neceſſariamente ſe lhe devia ſeguir. Alli pertendi moſtrar a utilidade, que ſe podia tirar do prudente modo de emballar; agora porém moſtrarei que ſempre ſe deve continuar o ſaudavel exercicio das crianças, ponderando juntamente o modo juſto de proceder, e os graviſſimos inconvenientes, que de tal falta ſe ſeguem.

Poucas crianças ha entre nós que andem aos nove mezes; o mais commum he do anno por diante. Iſto depende em primeiro lugar da conſtituiçaõ mais, ou menos forte com que naſcêraõ; e em ſegundo lugar do modo, por que houverem ſido creadas, atrevendome a affirmar, que aquellas com quem puzerem em prática os dictames, que neſte Tratado inculco, andaráõ com muita mais facilidade.

Saõ mais que ſuperfluos, ſaõ damnoſos todos os expedientes, que ſe tem excogitado para fazer andar as crianças antes do devido tempo. A natureza he ſó quem o póde moſtrar; e manifeſtamente o faz, deixando apparecer nos tenros membros o vigor preciſo para os primeiros paſſos vacillantes: e como ella em tudo gradualmente procede, naõ principia por aqui; mas anticipadamente as põem em eſtado de ſe poderem

af-

aſſentar, e de irem depois pouco a pouco engatinhando, até chegarem a ſuſtentar-ſe em pé. Por tanto fazem mal aquellas peſſoas, que, atropellando a natureza, pertendem que ellas andem antes do tempo conveniente, obrigando-as a eſtarem ſobre os pés, e a darem paſſos forçados: donde ſe ſeguem tortuoſidades de pernas, e má conformaçaõ das ultimas vertebras do eſpinhaço, e dos oſſos inominados, o que depois nas mulheres he de ſumma conſequencia pela difficuldade que vem a ter nos partos; e a tudo iſto dá occaſiaõ a falta de conſiſtencia nos oſſos, como he facil de perceber.

Deixemos pois obrar a providente natureza; naõ empeçamos os ſeus paſſos, que a criança pouco a pouco por ſi ſe aſſentará, engatinhará, e arrimando-ſe ao que achar, ſe porá em pé, e ha de dar ſeus paſſos encoſtada, e por fim correntemente.

Algumas peſſoas, a titulo de ſegurança, e promptidaõ no andar, prendem nas coſtas dos veſtidos duas fittas, a que chamaõ andadores; e pegando nelles ſuſtentaõ as crianças, para facilmente andarem ſem o riſco de cahir. Seria bom, que tal coſtume ſe aboliſſe, pois delle ſe originaõ damnos inconſideraveis, taes os ſeguintes. He verdade que as crianças deſte modo daraõ paſſos mais promptamente, mas he á cuſta da ſua boa conſtituiçaõ; porque, ſendo entaõ muito medroſas, e naõ tendo vigor para tanto, encoſtaõ-ſe todas ſobre os taes andadores prezos, como diſſe, ao veſtido. Deſte modo como o peito, e coſtellas ficaõ comprimidos, porque ſervem de ponto de apôio á força de quem péga nos andadores; principiaõ pela ſua molleza a achatar-ſe, e a perder a ſua natural configuraçaõ em prejuizo graviſſimo das delicadas entranhas contidas neſta cavidade. Coſtumadas aſſim, tarde ſe reſolvem a andar ſem aquelle ſuſtentaculo, e por conſeguinte mais tempo ha para ſe confirmarem todos eſtes males.

Don-

Donde manifeſtamente ſe vê, qne naõ deve ſer eſte o modo de enſinar a andar, ou, fallando com mais exactidaõ, de ajudar a andar; pois ſó a natureza deve ſer niſto noſſa meſtra, aſſim como o he de todos os outros animaes. O mais que podemos fazer, he ſegurallas humas vezes pelas maõs, e outras moſtrandolhes diſtante alguma couſa, que lhes excite a curioſidade, obrigallas aſſim a dar aquellas poucas paſſadas; com o que facilmente perderáõ o medo, e ſe deſembaraçaráõ a fazello ſós.

Dir-me-haõ a iſto, que muitas, ſendo aſſim creadas, naõ tiráraõ prejuizo nenhum. Naõ tiráraõ, digo eu, apparentemente. As conſequencias, aſſim deſte, como de outros erros, ſendo a principio pouco notaveis, chegaõ a manifeſtar-ſe quando, pela diſtancia do tempo ficaõ eſquecidas as verdadeiras cauſas. Donde vem principalmente nas grandes povoações tantas moleſtias de debilidade em particular de eſtomago, e de peito? Dos erros commettidos na primeira educaçaõ: entre os quaes eſte, de que trato, he muito attendivel, aſſim como todos aquelles que entendem com o boſe. E quem ignorará a influencia deſta entranha vital em toda a noſſa economia.

Naõ he menos prejudicial o uſo de todas as ſortes de carrinhos, com que tenho viſto fazer andar as crianças; as quaes, prezas alli por baixo dos braços, deſcanſaõ neſta parte todo o pezo do corpo: e deſta ſorte ſe fórmaõ defeitos nas eſpadoas, que ſe elevaõ muito, eſtreitando-ſe, e desfigurando-ſe a cavidade do peito.

Todos eſtes meios, que ſe tem excogitado, ſó tem por ſi o livrallas de muitas quédas: iſto porém, comparado com os damnos já mencionados, naõ tem proporçaõ nenhuma. Huma caſa grande pouco, ou naõ da guarnecida de traſtes he o melhor lugar para as deſembaraçar a andar, e naõ haja receio de alguma pe-

quena quéda. He preciſo nunca as confiar a outras crianças mais velhas, porque eſtas as podem conduzir a maiores precipicios; e tambem deſviar-lhes da viſta, e muito mais das maõs, qualquer inſtrumento, que as poſſa cortar, ou offender. Havendo eſtas cautellas naõ ha preciſaõ de andadores, e de tantas variedades de carrinhos, que a eſpecioſa prudencia dos pais põem em prática. De paſſagem advertirei, que as peſſoas que ſe acharem preſentes, naõ moſtrem inquietaçaõ quando, por caſualidade cahirem; porque, naõ fazendo caſo, ellas immediatamente ſe calaõ, ou naõ chegaõ a chorar; e obrando de outra ſorte, fazem-ſe tímidas, e momentas.

Faz muito mal ás crianças o demaziado melindre, affim como lhes he nocivo tratallas com aſpereza, mas por eſte lado pécca-ſe muito menos; porque o commum he ter toda a condeſcendencia com as ſuas fantaſias. Parece-me que os pais, ou educadores, deveriaõ fazer hum ſyſtema inalteravel primeiramente de as acoſtumar a ſe fazerem ſervir pouco naquillo, que por ſi poderem fazer; em ſegundo lugar, de nunca lhes negar nada ſem juſto motivo, mas huma vez que ſe lhes negue qualquer couſa, nunca lha conceder, por mais que inſtem; porque ſe por froxidaõ ſe deixarem vencer das ſuas importunações, quereráõ conſeguir tudo á força de pranto, de teimas, e de máo humor: e tudo iſto, além do muito que influe no caracter moral, lhes faz grande mal á ſaude, tirando-lhes a alegria, que devem ter para ſe conſervarem em bom eſtado.

Naõ he menos pernicioſo o exceſſivo cuidado da ſua conſervaçaõ. Iſto he o que de ordinario ſe vê nas caſas dos ricos, e grandes. O medo de que qualquer couſa as moleſte, as põem ſempre em ſobreſalto, de maneira, que naõ conſentem ás crianças o livre, e conveniente exercicio; e receiaõ tanto que o frio, e o

ar

ar lhes façaõ damno, que as encerraõ em caſas envidraçadas, ſempre veſtidas ao Inverno: naõ advertem porém, que eſte he o melhor modo de fazer ſeus filhos valetudinarios, e miſeraveis.

Logo que as crianças chegarem a eſtado de andar deſembaraçadamente, ſe lhes deve dar toda a liberdade para ſe exercitarem, ſeguindo niſto a voz da natureza, que as convida á hum movimento continuado. Nunca ſe devem obrigar a eſtar quietas, e muito menos aſſentadas. Deixem-nas brincar em caſas grandes, e retiradas, e, ſe for poſſivel, em ar aberto, e puro, queria dizer, no campo. E ſe alguma vez for preciſo accommodallas, ſeja com boas palavras, e bom modo; porque he huma ſem razaõ caſtigallas por aquillo de que principalmente depende a ſua ſaude, e boa conſtituiçaõ.

Se houver huma criança taõ molle, que antes goſte de eſtar quieta, o que raras vezes ſe encontra, ſerá preciſo ſolicitalla a brincar, já ajuntando-a com outras alegres, e buliçoſas, já promettendo-lhe varias couſas, com que mais ſe obrigue a ſahir da ſua inercia. He ſummamente conveniente levallas a paſſear ao campo, e aonde haja ar puro quer ſeja na eſtaçaõ fria, quer na quente; e os veſtidos pouco devem differir de Veraõ, e de Inverno.

Tenho viſto alguns pais taõ deſarrazoados, que quaſi obrigaõ os filhos a dormir a feſta; e a razaõ he porque elles tambem dormem. Huma criança ſó deve dormir de noite, e entaõ naõ he preciſo obrigalla; porque, cançada da lida de todo o dia, voluntariamente procura o ſomno. Aſſim, pais, e mãis, deixai correr, e ſaltar voſſos filhos á vontade. Naõ os obrigueis de modo nenhum á quietaçaõ: quando eſtiverem quietos, ſabei, que eſtaõ doentes. No exercicio conſiſte a ſua ſaude. Naõ lhes deixeis embora huma grande herança; ſem iſſo ſe vive contente; mas naõ os façais

com a voſſa imprudencia fracos, doentes, e miſeraveis por toda a vida.

Muitos pais, canſados de aturar os filhos em caſa, ainda, fallando imperfeitiſſimamente, os mandaõ ou para a eſcola, ou para a meſtra. Aqui, entregues nas maõs de hum homem muitas vezes de genio forte, pregados ſobre hum banco, paſſaõ a maior parte do dia papagueando o A B C, naõ podendo levantar os olhos. A meſtra porém menos dura obriga as pobres meninas a eſtarem quaſi todo o dia aſſentadas com a agulha na maõ, ou com a carta. Tal he a primeira educaçaõ que ſe dá em muitas Terras. E que prejuizos, aſſim moraes, como fyſicos, ſe naõ ſeguem de taõ imprudente coſtume tanto aos particulares, como ao Eſtado!

Naõ ſe deve enſinar huma criança a ler antes de ſinco annos: neſta idade aproveitaõ mais em hum mez, do que de tres, ou quatro em ſeis. Eſte enſino porém deve ſer ſem violencia, nem conſtrangimento. Por divertimento, e brincadeira ſe lhes póde enſinar a ler, e eſcrever, ſem as enfaſtiar daquella occupaçaõ, que nunca deve paſſar de huma hora até hora e meia de manhã, e de tarde.

Se pois naõ conſeguir dos pais emenda em prenderem ſeus filhos nas eſcolas, ao menos pedirei aos meſtres, e meſtras, que fazem exactamente officio de carcereiros, queiraõ ſer mais arrazoados, e benignos, fazendo eſta prizaõ menos pezada; cujo allívio conſiſte em naõ terem eſtes miſeraveis tanto tempo conſtrangidos, e aperreados. Mas como os quereráõ aturar os meſtres mercenarios, ſe os meſmos pais ſe enfaſtiaõ a ponto de os degradar da propria caſa!

Nas aldêas, aonde ha falta de meſtres, e donde a bulha das crianças incommoda pouco pela liberdade de que gozaõ, naõ deixa de haver outro igual inconveniente, qual he o de as occupar logo em trabalhos ſu-

ſuperiores ás ſuas forças: donde ſe ſegue, que nunca chegaõ a ter o devido creſcimento, e a ganhar as forças que teriaõ, ſe desde o principio menos trabalhadas foſſem. A cada paſſo ſe encontraõ exemplos deſtes; e he para admirar, que o meſmo lavrador que mette a enchada na maõ de hum filho de dez, ou doze annos, naõ põe a albarda no ſeu jumento antes de tres annos.

O que ſuccede com o corpo, quando he antes de tempo trabalhado, igualmente ſe verifica com o eſpirito, quando querem fazer de crianças homens doutos. Moſtra porém a quotidiana experiencia, que parecendo a principio, que ha de vir a ſer couſa grande aquella criança, que aos oito annos já traduz ſeu pouco de Latim, e Francez, e que aos doze já vai á Rhetorica, quando chega á idade da razaõ, he hum homem muito ordinario no mundo litterario, ſem engenho, ſem preſpicacia, e ſem a energia das almas grandes. Naõ ſe devem pois acanhar os talentos de huma criança, cuja razaõ principia apenas a deſenvolver-ſe. Deixemo-la amadurecer primeiro, e entaõ, com a ſaude do corpo, teremos a fortaleza do eſpirito.

Naõ ſe póde porém ao juſto aſſignar o tempo em que ſe deve começar a educaçaõ litteraria, porque a razaõ em huns apparece mais cedo, do que em outros; cuja determinaçaõ deve ficar á deſcriçaõ de habeis educadores, coſtumados a eſpreitar a gradual deſenvoluçaõ dos talentos das crianças.

Depois de paſſada a primeira idade, e entrando já a puberdade, he preciſo que creſça o exercicio. Entaõ ſe deve aprender a nadar nos rios, ou no mar. Ninguem ignora quanta gente eſcapa por eſte meio das mãos da morte; e bem poucos ſaõ os que no decurſo da vida ſe naõ arrependem huma vez de o naõ ſaber. Entre os Romanos, e ainda entre os Gregos, o ſaber nadar entrava como couſa eſſencial na boa educaçaõ, e

qua-

quaſi em parallelo com as bellas letras, de maneira, que quando ſe queria dizer, que tal peſſoa naõ tivera educaçaõ, e que para nada preſtava, ſe expreſſavaõ com eſte proverbio:

Nec litteras didicit, nec natare:

Naõ ſabe ler, nem nadar.

Iſto he pelo que pertence ás ventagens, que, pelos ſucceſſos da inſtabilidade da vida humana, podem provir a qualquer; mas ainda conſiderado pelo que diz reſpeito á ſaude, quem poderá duvidar do quanto nella influe o movimento, que ſe dá na acçaõ de nadar a todo o corpo mergulhado em agua fria? Neſte ſó acto ſe tiraõ todas as utilidades do exercicio, e dos banhos frios, dous meios efficaciſſimos de fazer das mais fracas conſtituições homens de ferro, capazes de ſupportar a intemperie das eſtações, ſem a menor alteraçaõ na ſaude.

O eſgrimir as armas tambem devia entrar no plano da boa educaçaõ fyſica. Com eſte exercicio os membros ſe vigoraõ, e ganhaõ força incrivel nos muſculos dos braços, e pernas. E quantas vezes nos naõ arrependemos deſta ignorancia? As nações mais polidas da Europa fazem aprender a ſeus filhos o jogo das armas: em Portugal ainda com mais razaõ ſe devêra praticar iſto; pois aqui muito mais, do que entre ellas, ſe uſa de eſpada.

De igual importancia he o ſaber andar a cavallo. He o exercicio mais util, que os homens deſcubríraõ, e que tem lugar em todas as idades. Por tanto os pais fariaõ muito bem a ſeus filhos, ſe os fizeſſem tomar algumas lições de picaria, e que continuaſſem, podendo ſer, neſte exercicio. Todo o mundo tem neceſſidade de ſaber, pelo menos, andar hum pou-

co a cavallo, ainda preſcindindo do motivo da ſaude.

Todos os jogos, em que ſe agita o corpo, deviaõ ſer neſta idade de frequente uſo, taes ſaõ a bola, laranjinha, bilhar, atirar com fundas a alvo certo, a luta, carreira, &c.

O exercicio he taõ neceſſario para a ſaude, geralmente fallando, como he preciſo o comer para ſe conſervar a vida. Eſta verdade demonſtrada pela razaõ, e comprovada pela experiencia, devêra andar ſempre diante dos olhos de todo o mundo. Com as crianças póde muito a ſua natural inclinaçaõ ao movimento, ainda meſmo quando alguns pais imprudentes lho querem eſtorvar: com os adultos porém deveria valer a razaõ, que os perſuade ao exercicio: mas quaõ pouco vale ella para com muita gente! Sem ir buſcar o exemplo dos dous mais famoſos póvos da antiguidade, Romanos, e Gregos, que tanto ſe exercitavaõ naõ ſó para conſervarem a ſaude, como para ſe fazerem inſenſiveis ás fadigas da guerra; que differença ſe naõ encontra entre huma criança do campo, e da Cidade, aquella correndo deſembaraçadamente ao anno, ou quando muito ao anno e meio, e eſta podendo dar apenas os primeiros paſſos aos dous? Que differença entre huma donzella do campo, e a das grandes povoações na vivacidade do roſto, na viveza das côres, e em fim na robuſtez de todo o corpo? Que differença, em huma palavra, entre os meſmos homens? E qual ſerá a cauſa de tanta diſparidade? He principalmente a falta de liberdade na infancia para ſeguirem a voz da natureza, e depois de chegar a idade viril, a indolencia, e ocioſidade, em que pelo commum ſe vive nas grandes Cidades.

Os antigos conhecêraõ tanto a utilidade, que ſe tira dos exercicios naõ ſómente na infancia, mas ainda nas idades ſeguintes, que ſobre iſto haviaõ leis ex-

preſſas. Aſſignalavaõ em todas as Cidades lugares para eſte fim deputados, nos quaes toda a mocidade ſe ajuntava. Preſidiaõ os Anciaõs, e premiavaõ aos que mais ſe diſtinguiaõ. O vencedor era honrado, e viſto com reſpeito naõ ſó na propria patria, mas até nas Cidadas vizinhas. (*).

Por meio deſta nobre emulaçaõ, ſempre util á patria, eſtes mancebos forticavaõ ſeus membros, e chegavaõ áquelle eſtado de inſenſibilidade, e valor infatigavel, que fez a naçaõ Grega o terror dos Reis da Perſia, e a Romana conquiſtadora de toda a terra entaõ conhecida. Hoje em dia porém naõ ſó eſtá eſquecida eſta intereſſante parte da educaçaõ da mocidade, em eſpecial da que ſe deſtina para a milicia; mas converteo-ſe em melindres, ocioſidade, e inteira effeminaçaõ. Ha quem ponha eſpartilhos nos meninos. Que mais ſe póde dizer, ou eſperar? Mas ſó ao Eſtado pertence a revoluçaõ deſtas damnoſas preoccupações, eſtabelecendo á imitaçaõ dos Antigos em todos os Collegios, e tambem fóra, todas as eſpecies de jogos, com que a mocidade ſe divertiſſe, e chegaſſe a adquirir tal vigor de corpo, e eſpirito, que a fizeſſe util a ſi, e á patria.

Eſte contagio, que tanto tem lavrado no ſexo maſculino, já naõ póde ir mais longe entre o bello ſexo. Huma ſenhora, que naõ he delicada, melindroſa, e momenta, naõ merece tal nome. O tropel de moleſtias, principalmente nervoſas, que taõ familiares lhe ſaõ, reſultará acaſo da ſua natural conſtituiçaõ? Naõ certamente. Verdade he que as mulheres ſaõ mais fracas do que os homens; iſto porém he o que ſe obſerva nas fêmeas de todos os animaes. Mas ſe as conſiderarmos em

(*) Vejaõ-ſe as honras, que as Cidades da Grecia deraõ a Alcibiades por ter alcançado tres premios nos jogos Olympicos. *Vida de Alcibiades*, por Plutarco.

em ſi, tem toda a fortaleza que requerem as funcções, para que as deſtinou a natureza.

Ha dous mil annos que as mulheres Gregas, Scythas, e Germanas eraõ feitas do meſmo modo que as de hoje. Creadas porém ſegundo a natureza, nutridas com alimentos bons, e ſimplices, e vivendo ſobre tudo em continuado exercicio, diſputavaõ aos meſmos homens o animo, e grandeza da alma. Naõ ſe caſavaõ ſenaõ depois de terem ganhado pelo exercicio huma ſaude firme, e capaz de ſupportar os trabalhos da prenhez, do parto, e da creaçaõ de ſeus filhos (*). As mulheres da antiga Scythia até carregavaõ com o pezo das armas, e ſoffriaõ as fadigas da guerra; e em quanto naõ davaõ nos combates provas do ſeu valôr, naõ ſe caſavaõ.

Mas, ſem partirmos de taõ longe, as mulheres do campo quaõ differentes naõ ſaõ das ſenhoras das Cidades? E donde provém eſta differença, ſenaõ principalmente do aturado exercicio que fazem? Por meio delle chegaõ a conſeguir hum temperamento taõ forte, que as faz mil e mil vezes mais felizes na ſua mediocridade, e pobreza, do que ſaõ aquellas no meio das ſuas pompas, e riquezas. Com iſto naõ pertendo que todas troquem as Cidades pelo campo, para aqui haverem de fazer o que as mulheres ruſticas fazem; porque ſeria querer hum abſurdo: e nem as ſenhoras das Cidades poderiaõ ſupportar tal modo de viver, e de exercicio, que deve ſer proporcionado á primeira educaçaõ.

Do que fica expoſto, unicamente ſe deduz em breve, que ſe as ſenhoras de hoje ſaõ debeis, frôxas, e quaſi vidrentas, ſe padecem tantos hyſteriſmos, e tantas

(*) Licurgo, ſabio Reformador de Lacedemonia, tinha eſtabelecido jogos, e exercicios para as mulheres. *Vida de Licurgo*, por Plutarco.

tas moleſtias convulſivas, nada diſto he devido á geral conſtituiçaõ do bello ſexo; mas que tudo tem principalmente por cauſa a extraordinaria ocioſidade em que vivem, ſem darem hum ſó paſſo dias e dias. As que ſaõ menos favorecidas da fortuna, bem podem, lidando nas proprias caſas, fazer baſtante exercicio, ſem perderem todas as occaſiões em que tiverem commodidade de ſahir ao campo, ou ao menos para fóra do coraçaõ da Cidade, aonde o ar he ſempre menos puro: e as que vivem na abundancia, e na grandeza, devem variar os ſeus paſſêos, fazendo-os humas vezes a pé, outras em ſege, e outras em fim a cavallo. Podem ir commodamente paſſar parte do Veraõ no campo, e gozar nelle de toda a ſua liberdade. Com eſte ſó remedio, o exercicio, eſtou perſuadido, que ſe curaria a maior parte das enfermidades, que tanto reinaõ entre as ſenhoras: mas quaõ difficil naõ he perſuadir o trabalho a quem vive na indolencia, e inacçaõ ainda com o poderoſo motivo da ſaude!

Entre todos os erros commettidos no ſomno, no comer, &c., o maior he a total falta de exercicio. Com eſte poderiaõ remediar-ſe alguns defeitos da primeira educaçaõ; mas a molleza chega a deſtruir naõ ſó a boa conſtituiçaõ, com que tivemos a fortuna de naſcer, porém tudo o que fizemos de bom na primeira idade (*).

Poucas peſſoas ha, que no decurſo de toda a ſua vida naõ tenhaõ feito mais exercicio em hum tempo, do que em outro. Recordem-ſe pois, e acharáõ, que paſſáraõ melhor quando mais ſe agitavaõ. E he taõ ordinario ſerem as peſſoas que vivem na indolencia fróxas, e valetudinarias, quanto he raro ſerem acha-

ca-

(*) Julio Ceſar, ſegundo Plutarco, era de huma compleiçaõ muito delicada, a qual fortificou com exercicio, e no meio das fadigas da guerra.

cadas as que saõ costumadas ao trabalho, e exercicio, naõ havendo nisso excesso, que em tudo he reprehensivel.

De manhã ao sahir do Sol he o tempo mais proprio do passêo, principalmente no campo. O ar entaõ, embalsamado dos perfumes de immensos vegetaes, dá a quem o respira huma tal força, e espirito, que dura todo o dia. Depois do somno da noite, vazio o estomago, e estando como supitas todas as funcções animaes, e naturaes, a circulaçaõ se faz com liberdade, nutre-se o corpo todo, augmentaõ-se as secreções, e a alma vê tranquilla os objectos que a cercaõ.

Quando porém o estomago está cheio, o corpo naturalmente recusa o trabalho, porque está entaõ mais pezado, e menos agil; e se forceja, perturba-se a digestaõ, desordenaõ-se as secreções, e excreções, e os humores precisos para a boa nutriçaõ ficaõ mal trabalhados. Deve-se por tanto esperar ao menos duas para tres horas depois de jantar, antes de se principiar com o trabalho quer do corpo, quer do espirito, havendo sempre attençaõ á força do estomago; porque huns em quatro horas teraõ feito a digestaõ, e outros nem em seis. O que he absolutamente necessario he, que a primeira digestaõ esteja feita; isto he, que o alimento esteja reduzido a chylo: o que cada hum, sem difficuldade, conhecerá pela agilidade do corpo, e desembaraço da cabeça.

CAPITULO XI.

Do modo de aperfeiçoar os ſentidos das crianças.

NInguem reflectindo deixará de conhecer o quanto importa á perfeiçaõ dos homens a perfeiçaõ dos ſentidos: pois eſtando hoje em dia aſſentado entre os Filoſofos, que a primeira, e unica fonte dos noſſos conhecimentos ſaõ os ſentidos, he manifeſto, que quanto mais aperfeiçoados forem, menos erroneas ſeraõ noſſas idéas. Vem por tanto a ſer hum dos pontos mãis eſſenciaes na educaçaõ fyſica a diligencia eſmerada, naõ ſó em evitar quanto os póde alterar, mas tambem em lhes dar a perfeiçaõ que couber em noſſas forças.

O primeiro ſentido, de que huma criança recemnaſcida principia a uſar, he o paladar. Os outros mais devagar, e gradualmente ſe vaõ deſenvolvendo. Poucas horas depois de naſcida buſca o peito, e logo que lhe péga ſabe chupar o leite por meio de hum movimento taõ complicado, que muitas peſſoas adultas o naõ ſabem fazer. O alimento, que a natureza lhe offerece, he o leite materno: e que outro lhe podia dar mais ſimples de quantos conhecemos?

He taõ ſenſivel eſte orgaõ nas crianças recemnaſcidas, que, por effeito de ſimples inſtincto, naõ ſupporta no leite qualquer alteraçaõ ou acre, ou acida. Algumas ha que em tal caſo até chegaõ a recuſar o peito, fugindo de quem lho offerece. Daqui ſe infere, que o unico alimento proprio he o leite bom, naõ ſó pelo que diz reſpeito á ſaude, mas ainda ao melhoramento do paladar. Os primeiros annos da ſua vida devem ſer paſſados em ſimplicidade de alimentos; porque entretanto he que ſe vai pouco a pouco aperfeiçoando eſte orgaõ intereſſantiſſimo, pois quaſi lhe po-

de-

demos chamar a fonte da vida ; pois por ſua intervençaõ he que os outros ſe aperfeiçoaõ , e conſervaõ. Hum tal alimento taõ ſimples , quanto ſuave he ſómente o que póde , naõ offendendo as papillas nervoſas do paladar , conſervar a delicadeza deſte orgaõ , até que chegue o tempo de inteiramente aperfeiçoar-ſe. Donde ſe vê tambem quaõ damnoſo he querer crear crianças com papa , aſſorda de alhos , &c. Eſta comida , além dos males que cauſa ao eſtomago , como em outro lugar moſtrámos , altera ſummamente a contextura deſtes nervos taõ ſenſiveis.

Principalmente prejudica a eſte orgaõ o uſo do vinho , bebidas eſpirituoſas , café , chá , &c. De qualquer deſtes modos he evidente , que os nervos ſe contrahem , alteraõ , e ficaõ quaſi callejados , perdendo aſſim toda a ſua delicadeza. Eſtaõ no meſmo caſo os comeres carregados de eſpecierias , e de natureza picantes , carnes ſalgadas , defumadas ; e o comer , ou bebidas tomadas muito quentes.

A experiencia comprova o que fica expoſto ; pois he de facto , que as crianças , que de pequenas bebêraõ vinho , e licôres deſta natureza , como tambem as que uſáraõ de ſemelhantes comeres , tem o paladar naõ ſó pouco ſenſivel , mas eſtragado ; e que as que foraõ creadas de outra ſorte , conſervaõ a delicadeza que lhes he natural.

Eſta eſcrupuloſa attençaõ de naõ dar couſa que irrite , e altere os nervos do paladar , deve durar até aos quatro annos. Dahi por diante , havendo nelles mais firmeza , poder-ſe-ha , ſem fugir da ſimplicidade , variar mais a comida. He preciſo que pouco a pouco próvem de tudo , naõ ſó para que de tudo tenhaõ idéa , mas porque virá occaſiaõ em que naõ haja por onde eſcolher , e ſerá bom que o eſtomago nada eſtranhe.

Eſte ſentido naõ nos foi dado ſó como eſtímulo ,

que

que nos obrigaſſe a comer. O ſeu principal fim he, o de nos advertir da qualidade daquillo que comemos. Se bem obſervarmos o que entre os outros animaes ſe paſſa veremos, que elles nunca comem couſa que lhes faça mal; mas quem os guarda he a delicadeza do ſeu paladar, nunca eſtragado com os comeres, e bebidas, que a arte tem inventado. He pois regra geral, naõ havendo depravaçaõ neſte ſenrido, que aquillo que nos ſabe bem, nos aproveita, e reciprocamente fallando. Donde ſe vê quaõ intereſſante he a natural conſervaçaõ do noſſo paladar.

A natureza poz o orgaõ do olfacto em huma das partes da cabeça a mais conveniente, para com facilidade perceber o prejuizo, que nos podem cauſar certas particulas volateis, aſſim como para gozarmos das que nos ſaõ ſaudaveis. Póde-ſe com verdade dizer, que eſte ſentido he auxiliar do paladar; porque tudo o que nos ſabe bem, e nos he proveitoſo, he ſempre agradavel ao olfacto; e eſte he o primeiro juiz do que comemos. Sendo porém eſte ſentido hum ſupplemento do paladar, tem todavia ſeus prazeres ſeparados, em que o outro naõ tem a menor parte.

As crianças quando naſcem naõ ſaõ ſenſiveis ao bom, nem máo cheiro; naõ porque os ſeus nervos ſejaõ entaõ neſta parte inſenſiveis (*), mas porque ainda naõ tem a diſpoſiçaõ preciſa para repreſentarem ao ſenſorio commum as differenças dos cheiros. Devagar pois ſe vai deſenvolvendo; e com razaõ, porque como todos os animaes ſe alimentaõ ſó de leite, naõ haõ miſter da exquiſita ſenſibilidade do olfacto.

As crianças, que naſcem na grandeza, e opulencia, cujo berço, e camara eſtaõ ſempre exhalando o cheiro de fragrantes perfumes, vem a perder a ſenſibi-

(*) Logo que naſcem ſentem tanto a eſtranheza do ar, que promptamente eſpirraõ.

bilidade deſte ſentido, ficando depois inſenſiveis a todos os cheiros menos actívos. A razaõ he bem clara; pois eſtando aquelles nervos coſtumados a ſenſações fortes, naõ ſentem o eſtímulo das mais fracas. He por tanto peſſimo coſtume o perfumar naõ digo ſó a roupa, e veſtidos das crianças, mas tambem o quarto da ſua maior habitaçaõ. Sejaõ os ſeus perfumes o ar puro, e corrente, e todo o ſeu enxoval bem lavado, e bem enxuto. Aſſim daremos tempo a que ſe deſenvolva, e aperfeiçoe eſte intereſſante ſentido, que julga tanto do que comemos, e bebemos, como do ar que continuamente reſpiramos.

Naõ ſe deve taõ pouco conſentir que as crianças andem de contínuo com os dedos no nariz eſgravatando as ventas; porque eſte coſtume faz pelo menos os nervos pouco ſenſiveis. De manhã deve haver cuidado em lhes lavar aquelle muco eſpeſſo, que pela noite fica pegado, e ſecco; porque aſſim conſervaõ os nervos a humidade preciſa para a ſua ſenſibilidade, ainda ſem me lembrar do aceio, que em tudo he recommendavel.

Sem o ſentido de ouvir ſeriamos ſem dúvida deſgraçados; porque nem ſaberiamos explicar noſſas idéas, nem ouvir as dos outros. E quem póde duvidar da ſemſaboria de ſemelhante exiſtencia? Mas para complemento da noſſa felicidade naõ baſta que ouçamos ſimples, e groſſeiramente o que sôa; he preciſo termos certa delicadeza neſte ſentido. Sem eſta nos ſerá indifferente o ſuave gorgeio dos paſſarinhos, o doce murmurio das fontes, e a encantadora muſica aſſim inſtrumental, como de vozes. Para a conſeguirmos pois convem, que junto ás crianças ſe naõ faça eſtrondo, e que a ſua habitaçaõ naõ ſeja ao pé de ferreiros, carpinteiros, e outros officiaes, que aturadamente fazem bulha, e que por iſſo tem ſempre o ouvir pouco agudo. Deve-ſe tambem fugir da vizinhança de ſinos, de ou-

ouvir tiros de perto , e em geral de toda a eſpecie de eſtrondo. Quantos caſos ſe naõ contaõ de peſſoas , que enſurdecêraõ por algum grande eſtrondo feito ao ouvido ? E ſe tanto ſuccede a hum adulto , que ſe deve eſperar de huma criança ?

He coſtume geralmente recebido em Portugal cantar ás crianças quando as querem acalentar , ou adormentar : iſto naõ he máo ; mas he de advertir , que deve ſer em voz moderada , e naõ gritando , como de ordinario ſe vê. Mas ſería melhor naõ lhes cantar , do que fazello naõ tendo voz harmonioſa ; porque boni he que o ouvido ſe coſtume desde logo a ouvir vozes ſonoras. Sabemos por experiencia que habitos mudaõ naturezas : e quem ſabe ſe muita gente conſerva ſempre máo ouvido , porque logo da infancia lho pervertêraõ ?

He conveniente lavar de vez em quando os ouvidos das crianças com agua morna , para melhor ſe tirar a cêra que nelles ſe fórma ; e ſendo preciſo , tirar-lha com algum inſtrumento ſem ponta , ou ſeja de páo , ou de outra qualquer couſa. Eſta cêra demorada póde fazer ſurdez.

Devo por fim recommendar , que todos os pais , podendo , nunca deixem de mandar enſinar a ſeus filhos muſica , e a tocar algum inſtrumento ; porque , além de outras muitas utilidades , naõ ha couſa , que mais aperfeiçoe eſte ſentido.

A viſta he o mais lindo , e o mais agradavel de todos noſſos ſentidos. Sem ella quaſi todas as maravilhas do Univerſo nos ſeriaõ deſconhecidas , e o mundo hum perfeito cáhos. Por meio della he que principalmente ſe augmenta o número de noſſas idéas. Os olhos nos daõ a conhecer os objectos ; o tacto os examina ; e a razaõ os julga. A viſta , ſem ſer dirigida pelo tacto , unicamente nos miniſtraria idéas falſas ; e em vez de nos guiar , nos conduziria a precipicios certos

tos. (*) Pelo que he muito neceſſario, que deixemos ſempre as crianças pegar nos objectos que vem, e niſto ſatisfazemos a ſua natural inclinaçaõ, pois todas ellas quando vem qualquer couſa que lhes dá nos olhos, naõ ficaõ ſatisfeitas ſem pegar, e a ſeu modo examinalla. Iſto ſuccede ainda depois de principiarem a andar; e entaõ meſmo convem, que, quando puxaõ para chegarem a hum objecto, ſe lhes faça a vontade. Eſte he o modo de ſe irem coſtumando a julgar da diſtancia, da fórma, e do ſeu tamanho.

Como os objectos ſe pintaõ nos noſſos olhos ás aveſſas, e ſegundo a maior, ou menor intenſidade de luz, e ſegundo tambem as differentes diſtancias, acontece repreſentarem-ſe alguns de noite com apparencia medonha; para o que concorrem em grande parte os contos frivolos, com que muita gente coſtuma acalentar crianças; em grande parte digo, porque em noites eſcuras tenho viſto, que alguns animaes ſe aſſuſtaõ com couſas, de que de dia naõ fazem caſo. Por tanto he preciſo coſtumar as crianças a ver os objectos de noite, até levando-as a caſas eſcuras: e caſo naturalmente ſe intimidem, convem deſenganallas do ſeu medo, fazendo-as examinar aquelle objecto que lho cauſava. Só deſte modo he que podem vir a ter verdadeiras idéas das couſas, familiariſando-ſe a vêllas em todas as circunſtancias.

He preciſo conſervar ſempre as crianças no berço, de maneira, que a luz lhes naõ fique de ilharga; por-

O que

(*) Veja-ſe o que diz Mr. de Buffon referindo as obſervaçoes do Cirurgiaõ inglez Cheſelden; o qual pela operaçaõ da catarata deo viſta a hum cego de naſcimento, de idade de treze annos. Eſte nos primeiros tempos naõ pôde julgar nem da diſtancia, nem da fórma, e nem do tamanho dos corpos. Guiava-ſe melhor cego, do que entaõ com viſta.

que aſſim facilmente ficaõ veſgas pela força deſigual, que entaõ fazem os muſculos dos olhos. Se porém ſucceder, que ou por deſcuido, ou por natureza tenhaõ eſte defeito, naõ ſendo muito grande, porque entaõ he irremediavel, deve-ſe cubrir o olho ſaõ com hum pouco de tafetá preto, e deixar o defeituoſo deſcuberto; pois deſte modo póde ganhar a força que lhe falta, e chegar a equilibrar-ſe com o outro. O exercicio, e a mudança de direcçaõ poderáõ conſeguir eſte beneficio, eſtando o ſaõ em deſcanço. Mr. de Buffon moſtrou com repetidas experiencias, que o defeito provinha da deſigualdade de força nos muſculos dos olhos: a razaõ as apadrinha; e o unico meio de as remediar he o que fica expoſto.

Naõ ſe deve conſentir, que as crianças fitem os olhos em objectos luminoſos, por exemplo, em huma parede caiada, ou em hum eſpelho aonde dê o Sol. Com o meſmo cuidado ſe deve fugir, de que huma criança pequenina ſe entretenha muito tempo a olhar para a luz de candieiro, véla, &c. como tenho muitas vezes viſto fazer. Tudo iſto lhes debilita conſideravelmente a viſta: e he iſto de tanta importancia, que ſe tem viſto peſſoas cegas já depois de adultas, por haverem fitado os olhos em objectos muito luminoſos.

Quando principiarem a ler, devem-ſe-lhes dar caras, e livros de boa letra, e bom tamanho. O ler com pouca luz, ou tambem demaziada, enfraquece a viſta, e faz *myopes*. O meſmo ſuccede quando ſe uſa muito de oculos de ver ao longe, de microſcopios, &c.

O tacto he hum ſentido univerſal, mas reſide particularmente nas maõs, e ainda aqui principalmente nas cabeças dos dedos. Todos os outros ſentidos ſaõ differentes modificações deſte; e por ſua intervençaõ he que grandemente ſe aperfeiçoaõ. A natureza ſábiamente o poz, como de ſentinella, a todas as partes do corpo

po animal ; porque ſem elle , a ſua exiſtencia andaria em continuado perigo. Que ſeria de hum animal ſem tacto algum ?

A figura das maõs compoſtas de taõ pequenos oſſos; a dos dedos igualmente feitos com tantas juntas ; a diſpoſiçaõ dos nervos já nas palmas das maõs , já nos apices dos dedos , tudo eſtá moſtrando a ſuperioridade que temos neſte ſentido a todos os outros animaes. Sem eſta conſtrucçaõ naõ podiamos julgar nem da ſuperficie , nem da figura dos corpos. Era preciſo para eſte fim , que a maõ podeſſe abranger , e accommodar-ſe toda á ſuperficie que quer examinar. Logo tudo o que diminuir a flexibilidade dos dedos ; tudo o que fizer menos delicada a pelle das maõs , ha de por força prejudicar a delicadeza do tacto. Naõ ſe deve pois conſentir que as crianças cheguem as maõs ao lume , e menos que peguem em brazas ; que naõ deitem nas maõs aguas eſpirituoſas , nem acidos fortes , &c. O tocar cravo , flauta , ou outros inſtrumentos , em que todos os dedos trabalhem , concorre muito para a perfeiçaõ deſte ſentido.

He prejuizo , ſem fundamento algum na razaõ , o coſtumar as crianças a unicamente ſe ſervirem da maõ direita. Que privilegio terá eſta ſobre a eſquerda ? A natureza naõ lho dá certamente. O bem que diſto ſe tira , he termos depois o uſo de huma unica maõ. Eduquem-ſe pois as crianças ſem preferencia de maõ. Sirvaõ-ſe tanto de huma , como de outra. No decurſo da idade he que ſe vem a conhecer a utilidade diſto , ſendo em muitas occupações eſſencial a ambidexteridade , e em todas ſempre vantajoſa.

CAPITULO IX.

Da grandiſſima utilidade, que reſultaria ao Eſtado, e a cada hum dos particulares a geral introducçaõ da inoculaçaõ das Bexigas.

ESte Capitulo a meu ver he excellente remate dos antecedentes; pois naõ menos que aquelles ſe encaminha a conſervar a ſaude, e a vida da eſpecie humana. O deſaſtradiſſimo ſucceſſo das bexigas do noſſo amabiliſſimo Principe do Braſil o Senhor D. Joſé, ha taõ pouco tempo viſto, foi o que principalmente me ſuſcitou a idéa de rematar eſta pequena obra com alguns reparos ſobre a utilidade da inoculaçaõ. Se aquelle eſtimadiſſimo Principe ſe houveſſe ſujeitado a eſta innocente, e facilima operaçaõ, certamente animaria ainda hoje as noſſas bem fundadas eſperanças; e teria poupado a ſeus fideliſſimos vaſſallos a incrivel mágoa, que lhes cauſou a ſua taõ chorada, como impreviſta morte. Depois de taõ deſaſtrado acontecimento ſuccedeo a morte da noſſa Infanta em Caſtella, a de ſeu marido, e filho. Em Napoles ha poucos dias morreo o Infante: e em Lisboa a morte de alguns Grandes, e de immenſas peſſoas das Claſſes inferiores tem com razaõ feito hum grandiſſimo terror a toda a gente, que á força de exemplos taõ funeſtos ſe vai inclinando a eſta ſaudavel operaçaõ.

Naõ ſabemos, e nada importaria ſabello, qual foi a origem da inoculaçaõ, ou enxertia das bexigas: ſabemos taõ ſómente, que ella he antiquiſſima, e que de tempo immemorial ſe pratíca na Georgia, na Circacia, em Bengala, na China, e na Turquia. A primeira vez porém que na Europa ſe inoculou foi no anno de 1721 (*). Hu-

(*) Hum Medico chamado Timon de Conſtantinopola, e

Huma ſenhora Ingleza, que havia ſido Embaixatriz em Conſtantinopola, á força de ver os feliciſſimos ſucceſſos da inoculaçaõ neſta Capital, ſe reſolveo a fazer inocular hum filho que alli paríra. De volta para Inglaterra publicou em Londres o que víra, e o que fizera; e as ſuas perſuasões authorizadas pela novidade intereſſáraõ tanto a Princeza de Galles, que mandou inocular quatro homens, e huma mulher, condemnados á morte. Foraõ as bexigas taõ felices, que na Primavera do anno ſeguinte 1722 fez inocular duas filhas ſuas ſegundas, e o ſucceſſo foi o meſmo. He facil de conjecturar quaõ rapida ſería em Londres, e em toda a Inglaterra a propagaçaõ da inoculaçaõ depois de huma tal prova na Familia Real.

Os Francezes, que ancioſamente a teriaõ abraçado, ſe lhes vieſſe em direitura da China, ou do Japaõ, deſdenháraõ della unicamente por ſe ter naturalizado em Londres. Depois de mil contradicções ſó verdadeiramente ſe introduzio neſte Reino, depois que Luiz XVI., que actualmente reina, ſe fez inocular. Na Alemanha, na Italia, e em todo o Norte de dia em dia ſe vai propagando a inoculaçaõ. Em Portugal naõ he nova; mas he de admirar, que naõ ſe inoculando quaſi ninguem em Lisboa, ſe inocule muita gente em algumas das ſuas Provincias. Os Inglezes a leváraõ a America; e era juſto que, tendo-lhe levado o mal, lhe levaſſem o remedio. Mr. de la Condamine vio no Pará introduzida a inoculaçaõ por hum Miſſionario do Carmo, que a praticára, a fim de atalhar os damnos de huma cruel epidemia; e com effeito aſſim lhe ſuccedeo.

Se a inoculaçaõ ſe introduziſſe ſem antagoniſmo, nem por iſſo ficaria mais acreditada. Qual he a cauſa,

por

---

que fez os eſtudos em Inglaterra, a communicou em 171[illegible] a Mr. Woodward; mas nunca ſe procedeo á operaçaõ.

por melhor que ſeja, que naõ padeça a principio mil contradicções? Quanto ſe naõ diſſe contra a quina, remedio hoje em dia tido por divino, e ſem o qual ſe naõ devia deſejar ſer Medico? Todos aquelles porém que attacáraõ a inoculaçaõ, mal o podiaõ fazer com fundamento, porque della naõ tinhaõ prática nenhuma; e ſó os factos a podiaõ acreditar, ou deſacreditar: pelo que ſó com argumentos ſofiſticos lhe pudéraõ fazer guerra. Mas a experiencia, que unicamente podia decidir a queſtaõ, bem depreſſa atou as maõs aos adverſarios de taõ util invento.

Os engenhos todavia relevantes, os homens abalizados do noſſo ſeculo, naõ deixáraõ de ver desde logo a ſua grandiſſima utilidade. Haller, eſte homem o maior talvez de quantos Medicos ſaõ admirados nos Faſtos Medicos; nenhum taõ obſervador, nenhum taõ inventor, nenhum em fim que ſoubeſſe mais arrancar das maõs da natureza os ſeus ſegredos, e que com mais delicadeza os analyſaſſe; eſte homem pois, eſcrevendo a Tiſſot, aſſim diz da inoculaçaõ: Operaçaõ taõ innocente, taõ facil, e taõ ſem razaõ deſdenhada dos Francezes, e Suiſſos; os quaes deixaõ morrer tanta gente de huma doença ſempre perigoſa depois de certa idade.

Antes delle Boerhaave, e Hoffman ſe tinhaõ declarado em ſeu favor: todos ſabem o reſpeito, que ainda hoje ſe tributa a eſtes dous famoſos homens. Mead, que ganhou em Inglaterra a reputaçaõ de Galeno do ſeu paiz, lhe faz os maiores elogios, e a recommenda, como couſa enviada por graça eſpecial do Ceo. Werlhof, Medico d'ElRei de Inglaterra, que ſe coſtuma citar, quando ſe quer nomear hum grande Prático, dá ſete razões deciſivas para a conſervar. Depois deſtes ninguem mais ſe deve apontar; e ſe quizeſſemos, ſería hum nunca acabar: nomearei com tudo o famoſo d'Alembert, que em ſeu abono eſcre-

veo

veo naõ como Medico, mas como Filoſofo, e hum tal Filoſofo.

Paſſado mais de meio ſeculo de experiencia a inoculaçaõ devêra eſtar extincta na Europa, ſe os factos lhe foſſem contrarios; mas naõ ſuccede aſſim: ainda todos os dias ſe lem eſcritos em ſeu deciſivo abono, naõ fundados em diſcurſos ſofiſticos, como os dos ſeus adverſarios, porém ſim em infinidade de obſervações, que inconteſtavelmente provaõ a innocencia, e facilidade deſta operaçaõ.

Se a ſimples authoridade baſtaſſe para inteiramente convencer os meus nacionaes da quaſi neceſſidade de abraçar eſta taõ ſaudavel prática, certamente os tinha já convencido. Mas como ninguem neſte preſente ſeculo goſta de ſe levar a olhos fechados da pura authoridade, proſigo em argumentar com a razaõ, e com a experiencia.

Primeiro, que tudo he preciſo aſſentar em dous principios, ſem a ſegurança dos quaes a inoculaçaõ deveria ſer deſterrada. I. Que ninguem morre de bexigas inoculadas, a ſerem tratadas por maõ prudente, habil, e em circunſtancias convenientes. II. Que as bexigas de inoculaçaõ evitaõ as naturaes.

As provas do primeiro requiſito devem mais ſer tiradas da experiencia, do que da razaõ: e quem póde teſtemunhar iſto, ſenaõ aquelles Medicos, que, cheios de probidade, e ſaber confeſſaõ a innocencia deſta operaçaõ, eſtribados na experiencia de longos annos.

Mr. d'Alembert refere no ſeu diſcurſo ſobre a inoculaçaõ ter ouvido a Mr. Tronchin, hum dos mais acreditados Inoculadores da Europa, que elle naõ tornaria a inocular na ſua vida, ſe hum ſó inoculado lhe morreſſe nas maõs. Outro Inoculador, depois de huma grande prática em Paris, eſcreve, que ſe de mil morreſſe hum inoculado, ſeria iſto para quem ſe inoculaſſe

ſe hum riſco temivel, e para a inoculaçaõ grandiſſimo desluſtre (*).

Examinados bem, diz o meſmo Filoſofo, os factos, inconteſtavelmente confeſſados por huma, e outra parte, Inoculadores, e antiinoculadores, parece naõ ter haver havido victima bem caracterizada da inoculaçaõ ao menos em París, ſenaõ huma rapariga em 1755 fóra dos termos, e quando a inoculaçaõ começava a ſer apenas conhecida em França. Eſcrevem de Berlin, que Mr. Wieffler, Medico em Magdebourg inocula ha mais de dez annos em todo eſte Ducado com feliciſſimo ſucceſſo: ainda lhe naõ morreo huma ſó criança, e até os meſmos ruſticos lhe trazem os ſeus filhos. Mr. Tudeſq, depois de trinta annos de prática, diz deſte modo na ſua obra impreſſa em 1787, que, ſe reflectirmos ſem prevençaõ no proceſſo das bexigas artificiaes, ſeremos obrigados a reconhecer nellas hum caracter benigno, que lhe he natural. Conduzido, diz em outro lugar, por experiencias multiplicadas, naõ canſarei de repetir, que com o ſoccorro da ſimplicidade da minha prática, nunca tratei de bexigas artificiaes, que me puzeſſem em riſco a vida dos inoculados.

O primeiro reparo, diz o célebre Tiſſot, que ha para fazer a reſpeito da inoculaçaõ he, que ella ſe pratica, e ſe tem perpetuado na China, donde a policia he taõ regular, exacta, e maravilhoſa, no Japaõ, na Circaſſia, na Georgia, e na Turquia; e que cada dia ſe eſpalha pelas Provincias vizinhas. Em 1724, dous annos depois da inoculaçaõ em Inglaterra, quando os inoculados ſe contavaõ já a milhares, os ſeus adverſarios ſó tinhaõ que allegar tres mortos; e julgado o caſo por juizes imparciaes, tudo fôra effeito de im-

(*) *Reflexões ſobre os prejuizos, que ſe oppõem aos progreſſos da inoculaçaõ*, por Mr. Gatti, pag. 98., 99.

imprudencia, como do moço Sunderland, que, contra o parecer dos Medicos, ſe quiz inocular eſtando phthyſico confirmado. Alguns annos depois, fazendo as bexigas grandiſſimos eſtragos em hum bairro de Londres, ſe inoculáraõ quatrocentas peſſoas, que ſe achára-raõ huma maravilha. Em outra occaſiaõ o Doutor Nedleton tratou elle ſó de ſetenta inoculados, ſem que nenhum tiveſſe o menor perigo. De duas mil peſſoas, que ſe inoculáraõ em 1749, e 1750, ſó morrêraõ duas mulheres pejadas, que, por enthuſiaſmo, e contra o parecer dos Profeſſores, ſe ſujeitáraõ á operaçaõ.

Eſtes factos ſaõ os mais concludentes em abono deſta prática; porque ſe ella naõ foſſe taõ innocente, como ſou obrigado a crer, he manifeſto, que no ſeu principio, quando naõ havia ainda todo o conhecimento das mais prudentes, e acertadas circunſtancias para bem ſe proceder neſta operaçaõ, haveria entre milhares de inoculados muitos mortos. E ſe entaõ os naõ houve, hoje menos ſe deve recear, viſto o muito que ſe tem obſervado, e eſcrito a eſte reſpeito.

Mr. Tudeſq ultimamente fez deſapparecer com as ſuas experiencias huma das grandes objecções, com que os antiinoculadores procuravaõ deſterrar a inoculaçaõ, e he que muitas vezes a materia, com que ſe fazia eſta operaçaõ, ao meſmo paſſo que enxertaſſe as bexigas enxertaria tambem outros venenos exiſtentes no corpo de quem ſe tirava a dita materia. „Segundo o que ſe tem paſſado (diz eſte Obſervador) até hoje nos meus enſaios ſobre a inoculaçaõ, creio poder affirmar, que ſe por huma parte o veneno das bexigas recebido pelo ar, me parece geralſas tanto mais crueis, quanto elle he mais carregado de outros miaſmas eſtranhos; por outra conſtantemente vi, que o fermento que produz as bexigas artificiaes, de nenhum modo participa de outro qualquer veneno eſtranho, que ſe poſſa encontrar no corpo da peſſoa, de quem ſe tirou a materia para a inocula-

çaõ. Quanto a mim poſſo affirmar, que o tempo, e a occaſiaõ aſſim mo tem moſtrado. A obſervaçaõ ſeguinte fará ver o quanto eſtou capacitado por muitas experiencias antecedentes da idioſyncraſia, e homogeneidade da materia tirada das puſtulas propriamente das bexigas. Inoculei a vinte e quatro de Outubro de 1778 tres dos meus filhos; a ſaber, duas meninas, e hum menino; a mais velha de quinze annos, a ſegunda de tres e meio, e o menino de vinte e dous mezes. Tomei de propoſito a materia para a inoculaçaõ de hum menino, que tinha inoculado havia doze dias, o qual, além de tumores de alporcas, eſtava com a cabeça cuberta de tinha. Meus filhos tiveraõ bexigas excellentes, e naõ ficáraõ menos saõs, e vigoroſos. „

„ Cito eſtes exemplos (continúa o Author) menos para ſe ſeguirem, do que para moſtrar, ainda o repetirei, que a materia das bexigas tirada de huma puſtula qualquer que for, parece ſer dotada de huma natureza particular, que a éxclue de todo outro veneno. He preciſo porém haver cuidado em que a puſtula, donde ſe tirar a materia para a inoculaçaõ, eſteja livre pela proximidade de infecçaõ de outro veneno da pelle, por exemplo, ſarna, &c.; porque entaõ ſe inoculaõ juntamente as outras enfermidades. „

Sendo iſto aſſim, ſegundo as experiencias deſte illuminado Obſervador, e até porque a razaõ o abona; pois ſendo aquella ſuppuraçaõ motivada pelo veneno das bexigas, que he hum veneno particular, he de crer, que a materia reſultante ſeja tambem de huma natureza propria, ſem miſtura de outro algum veneno: tres razões fortiſſimas concorrem para abſolutamente ſe abraçar a inoculaçaõ, e para ſe temerem as bexigas naturaes, como duvidoſas, e cheias de immenſo perigo; e ſaõ as ſeguintes. Com verdade ſe póde dizer, que todas as bexigas ſaõ cauſadas pela inoculaçaõ; porque eſta naõ he mais, que o veneno introduzido no cor-

corpo, ſeja qualquer o modo. O mais ordinario he recebendo o veneno, que anda eſpalhado na atmosfera (*). Eſte veneno porém, depois da ſua demora no ar, ou ſe combina com infinidade de outros que nelle andaõ, ou ſe altera, ſegundo as differentes conſtituições delles. Logo quando o veneno das bexigas vem tranſmittido pelo ar, ſempre he ſuſpeito, e mil vezes cheio de ſummo perigo pela incerteza da ſua qualidade; ao contrario, que pela inoculaçaõ o temos ſempre puro, e ſingelo, como fica moſtrado. Eſta a primeira razaõ, que deve fazer preferivel a inoculaçaõ; porque por meio della temos certeza da benignidade das bexigas; e eſperando-as naturaes, o mais certo he, he tellas malignas, principalmente depois de certa idade.

Sabem todos que no lugar, em que ſe faz a operaçaõ, he que ſe fórma o fóco das bexigas; porque ha inflammaçaõ, e ás vezes cryſipelas, número grande de puſtulas, e muita quantidade de materia. Ora quando ſe recebe o veneno por meio do ar, he ordinariamente pela reſpiraçaõ; e entaõ ſe vai fazer a inoculaçaõ, ou o fóco das bexigas na cavidade do peito: e vem a ſuccedcr aqui pelo menos outro tanto, quanto ſuccede externamente; e naõ ſendo aqui couſa de cuidado, vem alli a ſer mortal pela importancia, e melindre das entranhas contidas. He por tanto da maior conſequencia o podermos fazer o fóco das bexigas á noſſa eſcolha em parte aonde nada ſe arriſque: e eſta he a ſegunda razaõ importantiſſima para nos determinarmos a eſta operaçaõ.

(*) Quatro ſaõ os meios, porque ſe tem bexigas: I. pelo veneno que faz a ſua eſſencia, e que eſtá diſperſo pela atmoſfera; II. pelos miaſmas que emanaõ do corpo que as tem; III. pelo contacto immediato; IV. pela inoculaçaõ propriaemnte chamada.

He conſtante a todos os que tem inoculado, que huma minima porçaõ de veneno das bexigas, introduzido no corpo por meio da lanceta, ou outro qualquer inſtrumento, produz todos os ſymptomas deſta enfermidade: ſe pois eſta minima porçaõ de veneno he capaz de taes effeitos, ſegue-ſe que todo o veneno, que no corpo ſe introduzir além daquelle, ſó ſervirá de fazer a enfermidade mais aggravante, e perigoſa. Ora quando eſperamos as bexigas naturaes, expomonos a receber do ar huma tal porçaõ de veneno, que ſería ſufficiente a cauſallas em hum cento de peſſoas, ſe proporcionalmente ſe dividiſſe. Logo pela inoculaçaõ conſeguimos tres grandiſſimas vantagens, e vem a ſer, a qualidade do veneno, a eſcolha do lugar, por onde a inoculaçaõ deve fazer-ſe, e ahi formar o ſeu fóco, e a quantidade deſte meſmo veneno; vantagens ſingulares, e que ſó por ſorte ſe devem eſperar, ſe por vã timidez nos expuzermos a ter naturalmente eſta terrivel enfermidade. Até agora ainda ninguem olhou para a inoculaçaõ debaixo deſtes tres pontos de viſta; e querme parecer, que elles demonſtraõ com a evidencia que cabe na ſciencia Medica a ſuperioridade das bexigas artificiaes, ás que natural, ou caſualmente accommettem.

Além deſtas ainda ha outras muitas razões, que abonaõ a utilidade da inoculaçaõ. Quem eſpera pelas bexigas naturaes, expõem-ſe a tellas em huma epidemia, como a que houve em 1746 em Montpelier, da qual em tres mezes morrêraõ mais de duas mil peſſoas, ſem embargo de todas as diligencias: expõemſe a tellas em paizes, aonde eſta moleſtia he de ordinario funeſta; indo de jornada; em terra de nenhum ſoccorro; a tempo de eſtar embaraçado com taes negocios, que lhe naõ deixem quietaçaõ de eſpirito; em tempo em fim, em que póde eſtar attacado de outra enfermidade. Se he mulher, de mais diſto, aventu-

tura-se a tellas quando pejada, quando parida, ou quando cria.

Por pouco que se reflita sobre isto; e por pouco que se use do bom senso commum, facilmente se concluirá, que a inoculaçaõ naõ só he util, mas necessaria para bem das familias particulares, e muito mais da grande familia que fórma a Sociedade. Se os pais cuidassem em que seus filhos tivessem esta enfermidade na idade feliz, em que as circunstancias as asseguraõ benignas, os livrariaõ de ser victimas alguns annos depois, quando a morte he muito mais sensivel, porque a sua vida se tem feito mais necessaria.

Todas as objecções que se costumaõ pôr contra esta prática, as quaes todas apontou, e assàs refutou Tissot, saõ fundadas em que a inoculaçaõ he duvidosa, e capaz de matar. Negado porém este fundamento (pois atrás fica prova de que, sendo feita nos termos devidos, he sempre innocente), ficaõ todas destruidas por se estribarem em hum principio falso.

Resta agora mostrar, que as bexigas de inoculaçaõ evitaõ as naturaes. Só a experiencia, e observaçaõ podem dicidir a queståõ. Alguns Inoculadores, diz Mr. Tudesq filho, nada omittíraõ para se desenganarem da repetiçaõ das bexigas inoculadas. As suas experiencias saõ conhecidas, e provaõ, que naõ ha repetiçaõ: e eu mesmo, depois de fazer as mesmas tentativas, vim a persuadir-me com elles, de que os inoculados naõ tem bexigas segunda vez. Na prática de trinta annos ainda naõ vi hum só exemplo; e meu pai, que ha sincoenta annos exercita a Medicina, com aquella distincçaõ que faz honra aos verdadeiros talentos, ainda naõ chegou a ver estas imaginadas repetições. Em Inglaterra se tem inoculado mais de duzentas mil pessoas, e ainda naõ ha exemplo de repetiçaõ inconteståvelmente provado. Quanto a mim creio, que huma repetiçaõ de bexigas será sempre effeito de hum *qui pro quo* da par-

parte do Inoculador. Milhões de peſſoas, que depois de inoculadas, paſſaõ a vida expoſtas a epidemias, e, tratando de bexigoſos, ſem ſerem ſegunda vez contagiadas; milhares de Medicos, que depois de mais, ou menos annos de prática affirmaõ naõ terem obſervado hum tal caſo, provaõ evidentemente a quimera deſte receio, e a nullidade de algum dito contrario. Por eſte meſmo theor fallaõ todos os Authores, que abalisadamente tem eſcrito ſobre eſta materia.

Se pois, ſegundo ſummariamente fica provado, a inoculaçaõ he naõ ſó huma operaçaõ muito facil, mas tambem de nenhum perigo; e ſe evita a repetiçaõ de tal enfermidade, que, accommettendo naturalmente, he de ordinario funeſta; haverá ainda quem, contra a utilidade propria, e o bem público, ſe obſtine em cegamente rejeitar huma operaçaõ, que hum grande eſcritor naõ duvidou reputar hum dos maiores preſentes, que a Providencia enviou aos homens? Haverá (ainda mal que aſſim o creio) em quanto principalmente houver Medicos, que, levados ou de hum eſpirito de ſingularidade, ou da preguiça de meditarem ſobre eſte ponto, e de examinarem as obras de tantos famigerados Obſervadores, com dúvidas quimericas, e eſpecioſas intimidarem os animos das peſſoas, que, naõ ſendo Medicos, naõ podem profundar a materia. Sirva-lhes porém de vergonha o procedimento das Nações mais illuminadas, e em eſpecial da Ingleza, taõ profunda nas ſuas obſervações, e taõ pouco capaz de ſe deixar cegar de idéas novas, e apparentes. A Medicina nunca deo paſſos pela maõ de vans eſpeculações: a ſua baſe he a obſervaçaõ, e a experiencia. Se algum deſſes, que declamaõ contra a inoculaçaõ, for perguntado, ſe já vio hum inoculado; ſe quizer dizer a verdade, dirá, que naõ: e que fé merece a ſua declamaçaõ?

Concluirei finalmente eſte diſcurſo com duas reflexões,

xões, e vem a ſer: I. que os demaziados preparatorios para a inoculaçaõ tem ſido a ordinaria cauſa de ſer eſta operaçaõ menos benigna nos ſeus effeitos, do que ſe deve eſperar (*): II. que tambem concorre muito para a felicidade da inoculaçaõ o modo, por que ella he feita; o qual, ſegundo moſtra Mr. Tudeſq, ſó deve conſiſtir em huma ſó pequena inciſaõ feita horiſontalmente entre a epiderme, e a pelle com a ponta de huma lanceta untada da materia das bexigas, ſem que haja effuſaõ de ſangue. De todos os outros methodos ſe podem ſeguir graves damnos, que poderá ver no ſeu *Tratado da Inoculaçaõ*, quem a fundo quizer examinar eſta materia; cuja diſcuſſaõ excederia os limites que me propuz.

F I M.

(*) Aſſim o atteſtaõ as immenſas experiencias de Mr. Tudeſq: e a razaõ no-lo eſtá dizendo. Pois que preparaçaõ ſe póde fazer a hum corpo ſaõ, ſe naõ a de o tornar a peior eſtado; iſto he, a de o indiſpôr? Baſta que haja, principalmente nos dias que medêaõ entre a inoculaçaõ, e a febre, regularidade no comer, beber, &c., aquella, digo, que devéra haver ſempre, ſe as crianças tiveſſem arrazoada educaçaõ. Em huma palavra, naõ he deſatino preparar hum corpo, cuja exacta conſtituiçaõ ninguem conhece a fundo, para huma moleſtia deſconhecida no que diz reſpeito á natureza do ſeu veneno? Em Outubro de 1788 inoculei, pelo modo que diſſe, dous filhos unicos meus no meſmo inſtante, e com a meſma lanceta: hum delles menino tinha tres annos, e dez mezes, o outro menina tinha ſinco mezes. Eſtavaõ dormindo, quando com a minha maõ lhe fiz a operaçaõ, e naõ acordáraõ. Taõ pouco cuſta. Nenhuma preparaçaõ lhe havia feito; porque eſtavaõ em boa ſaude, e vigio ſobre a ſua educaçaõ. Paſſados onze dias ambos tiveraõ tres dias de febre muito ligeira; no fim dos quaes apparecêraõ bexigas, e nunca mais tornáraõ a ter febre. Nunca ſe deitáraõ, nem tiveraõ preciſaõ do menor remedio.

INDICE

DOS

CAPITULOS, E ARTIGOS,

Que se contém neste Tratado.

CAPITULO I. *Porque modo se deve reger huma mulher pejada.* - - - - - - - - - pag. 1

CAP. II. *Logo que a criança nasce, deve ser separada dos pés da mãi, cortando-se o cordaõ umbilical; e como deve elle ser ligado.* - - - - - - 13

CAP. III. *Do quanto he nocivo o frio no instante do nascimento.* - - - - - - - - - - - - - - 18

CAP. IV. *Qual seja o verdadeiro modo de lavar as crianças.* - - - - - - - - - - - - - - 20

CAP. V. *A utilidade dos banhos frios provada pela razaõ, pela prática dos Antigos, e pelo exemplo dos póvos do Norte.* - - - - - - - - - - 22

CAP. VI. *A especie humana tem degenerado, e sensivelmente degenera na Europa, e porque motivos.* - - - - - - - - - - - - - - - - - 27

CAP. VII. *Como se devem vestir as crianças, e os abusos que ha a este respeito.* - - - - - - 30

CAP. VIII. *Do quanto diz respeito ao modo de nutrir as crianças.* - - - - - - - - - - - - 38

ARTIGO I. *Se deve mammar logo na mãi; e quando ha de ser a primeira vez.* - - - - - - - - 38

ART. II. *Todas as mãis saõ obrigadas a criar seus filhos.* - - - - - - - - - - - - - - - 41

ART. III. *Quaes saõ as mãis que legitimamente estaõ dispensadas de crear seus filhos.* - - - - - - 48

ART. IV. *Quaes saõ os meios de supprir esta im-*

C790
M5277
1-512E
68-582
R.B.Rosenthal
6-27-68

INDICE.

possibilidade das mãis, e que condições deve ter a ama. - - - - - - - - - - - - - - - - 51
ART. V. *Que regularidade deve haver em dar de mammar ás crianças; e os abuſos que vulgarmente reinaõ a eſſe reſpeito.* - - - - - - - - - 62
ART. VI. *Quando devem principiar a comer, e qual ſerá a comida propria.* - - - - - - - - - 67
ART. VII. *Quando ſe devem deſmammar as crianças: como ſe deve entaõ proceder: que alimentos ſe devem dar dahi por diante até aos quatro annos.* - 70
CAP. IX. *Do ſomno, e do berço.* - - - - - - 78
CAP. X. *Do exercicio, naõ ſó no que diz reſpeito ás crianças, mas ainda geralmente conſiderado.* - 87
CAP. XI. *Do modo de aperfeiçoar os ſentidos das crianças.* - - - - - - - - - - - - - 100
CAP. XII. *Da grandiſſima utilidade, que reſultaria ao Eſtado, e a cada hum dos particulares, a geral introducçaõ da inoculaçaõ das Bexigas.* - - 108

CA-